



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Humanas
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Rafaela Goltara Souza

“Ribeirão das Trevas”?
O skate dando um *ollie* nas narrativas dominantes sobre a cidade de
Ribeirão das Neves / MG

Duque de Caxias

2020

Rafaela Goltara Souza

“Ribeirão das Trevas”? O skate dando um *ollie* nas narrativas dominantes sobre a cidade de Ribeirão das Neves / MG

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Cultura e Comunicação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Janaína Damaceno Gomes

Duque de Caxias

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

S729 Souza, Rafaela Goltara
Tese “Ribeirão das Trevas”? O skate dando um *ollie* nas narrativas dominantes sobre a cidade de Ribeirão das Neves/MG / Rafaela Goltara Souza- 2020.
171f.

Orientadora: Janaína Damaceno Gomes

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1.Skate (Esporte) - Teses.2. Ribeirão das Neves (MG) - Teses. I. Gomes, Janaína Damaceno. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 796.6

Bibliotecária: Lucia Andrade – CRB7/5272

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Rafaela Goltara Souza

“Ribeirão das Trevas”? O skate dando um *ollie* nas narrativas dominantes sobre a cidade de Ribeirão das Neves / MG

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Cultura e Comunicação.

Aprovada em 5 de maio de 2020.

Banca Examinadora:

Prof^a Dra. Janaína Damaceno Gomes (Orientadora)
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

Prof^a. Dra. Ana Paula Alves Ribeiro
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

Prof. Dr. Giancarlo Machado
Universidade Estadual de Montes Claros

Duque de Caxias

2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Alexandre, Breno, Davidson, Gabriel, Elias, Israel, Jonathan, Nathan, Sal, Vilson, Wendel, Wesley e todos os skatistas da *Just Crew Skateboard*, banda O Instinto Coletivo e coletivos da Ocupação Curumim. Que estas minhas/nossas palavras voem como seus skates, dando *ollies* em todos os obstáculos e se tornem vida e poesia no coração de quem as encontrar.

AGRADECIMENTOS

Se existe uma palavra que possa resumir tudo que esta dissertação significa pra mim, com certeza a palavra é gratidão. Por tudo que podia dar errado e deu certo, por tudo que parecia fim e se tornou recomeço, por tudo que eu não conseguia enxergar e que agora carrego bem visível dentro do peito. Gratidão. Obrigada a Deus e a todo o universo por se moverem de forma tão inesperada, tão dolorosa e tão arriscada só pra me trazerem até aqui. Espero estar à altura da responsabilidade que a mim foi confiada, e que depois de mim, venham muitos outros passos negros, femininos, masculinos, periféricos, nevenses.

Agradeço ao meu pai e à minha mãe por terem me levantado quando eu caí, e me ensinado que não há orgulho e nem vergonha quando se tem uma família. Há, sim, fonte de vida e amor. Obrigada também minha irmãzinha caçula por todas as vezes que me ligou e me ouviu chorar enquanto eu me sentia sozinha, e por cantar até eu me tranquilizar. Quando eu cheguei no Rio, tinha crises de ansiedade e de choro compulsivo quase todos os dias e ninguém pra conversar. Obrigada por me ajudar a resistir e continuar.

Rejane, minha irmã de alma, não sei o que eu faria sem sua presença virtual doce naqueles dias amargos... ôh, minha amiga, como eu tenho a agradecer a você! Hérিকা e Stella, minhas irmãs do coração, por tudo, pelo apoio, pelas revisões, pela irmandade, por tudo que eu nem preciso falar, muito obrigada! Joana, gratidão pela companhia nas madrugadas desse período final em que eu sentava para escrever e você me distraía do sono, obrigada pela gratuidade e amizade. Dindinha, Tê, Iracema, Alessandro, meus afilhados Miguel, Maria Clara, Cecília, Douglas, Fernando e os recém-chegados Bia e Gabriel, obrigada por todo amor! Que o mundo seja melhor pra vocês, a dinda Rafa vai continuar lutando por isso!

Vovó Ana, muito obrigada por todas as suas orações e ligações tão lindas. Obrigada por ter vindo me visitar num momento crucial e por me ensinar tanto. Você não me viu na televisão no Jornal Nacional, mas o meu título de mestre eu ofereço em honra à sua existência e resistência até aqui. Gratidão a toda nossa família!

Gratidão mais que especial à Giovane, Marcos, Marquinhos, Matheus, João, Tia Angel, Tio Toninho e a minha saudosa Vó Izabel, por serem minha família e por toda força e coragem que impulsionaram nos momentos em que eu mais queria desistir. Obrigada por me fazerem sua filha, sobrinha, neta, irmã. Obrigada por estarem comigo desde sempre!

Meu agradecimento muito especial, também, aos amigos que descobri no Rio de Janeiro: Bruno Ganem, eu acho que ainda estaria trancada no quarto, me sentindo triste e sozinha, se

você não tivesse me olhado com tanto amor e respeito. Obrigada por me ensinar o budismo, por me ajudar a superar a ansiedade e as crises, por me ajudar a enxergar a vida com mais leveza e alegria, por me ajudar a voltar me olhar com mais amor também. Sua amizade é um tesouro precioso que eu quero cuidar pra sempre. E muito obrigada ao seu amor, Henrique, que me acolheu como uma irmã, que me dá atenção nas altas horas da noite, e que monta a mesa para visitas mais linda que alguém pode imaginar. Vocês dois são só amor, desejo que a vida seja tão generosa com vocês quanto foram comigo. Muito obrigada!

Minha gratidão mais que especial também a todos da Patota, Wander, Ernane e Renata. As aulas começaram a ficar divertidas quando encontrei vocês, as risadas vieram no momento em que eu mais precisava, e o apoio na vida que vocês me deram, inclusive acreditando no meu trabalho profissional, foram fundamentais no meu redescobrimento de mim. Muito obrigada! Gratidão João e Midiam por todo apoio e amizade, e por receberem os garotos da *crew* em casa! Gratidão a todos da turma 2018 por tudo que fizeram por mim, por todo apoio e por me ajudarem a custear as passagens da turma que veio para o seminário, sem vocês seria impossível. Muito obrigada! Gratidão Fernanda, por tudo, pelas partilhas, pelo apoio, pelas indicações, pela amizade, você é um presente! Gratidão minha Tita!! Você, o Pablo e a Belinha são anjos na minha vida, e eu não tenho palavras pra agradecer tanto carinho e cuidado! Como vocês se tornaram importantes pra mim, muito obrigada!

Obrigada a todos os professores que me ajudaram tanto nessa pesquisa e me ensinaram coisas pra vida toda: Marco Aurélio, Alexandre Fraga, Janice Caiafa, Ana Paula Ribeiro, Maria Alice, Amália, Sônia, Giancarlo.

E um agradecimento mais que especial a minha mais que maravilhosa e genial professora e orientadora: Janaína Damaceno. Eu agradeço todos os dias por ter sido você a me acompanhar nesse caminho porque, sem dúvida, foi coisa de Deus. Eu não tenho palavras pra te agradecer por tudo que fez por mim, por tanto ensinamento, por tanta sensibilidade, por expandir minha visão de mundo e minha visão de mim mesma. Obrigada por acreditar em mim, por confiar no meu trabalho e na minha pesquisa e me dar tanta liberdade. Obrigada pelo grupo de pesquisas Afrovisualidades, que tem as pesquisadoras mais inspiradoras que eu tive o prazer de conhecer: Sarah, Iliriana, Mona, Isabela. Obrigada pelo encontro com o grupo de pesquisa da UFSCAR Estudos sobre a Diáspora, que foi umas das coisas mais bonitas e revolucionárias que vivi nesse mestrado. Cansada de tantas apresentações em que os estudantes estavam mais interessados em competir, comparar e reafirmarem a si mesmos como superiores, esse encontro foi um bálsamo. Pela primeira vez, pude trocar com pessoas

tão generosas que estavam interessadas em contribuir, em conhecer, em colaborar umas com as outras. A experiência negra na universidade é mesmo revolucionária, muito obrigada por me proporcionar isso. Obrigada pelos conselhos, pelo cuidado e pelo carinho com que sempre me tratou. Se um dia eu me tornar uma professora, eu quero ser como você. Obrigada por existir! Você é referência e inspiração! Gratidão! Desejo que você seja sempre muito valorizada, que seu coração sinta paz e felicidade, e que encontre sentido e alegria todos os dias em tudo que fizer. Todo amor, saúde, alegria e sonhos realizados pra você e sua família!

E pra finalizar, o meu agradecimento mais sincero a todos os amigos e jovens que fazem parte da minha história de vida e trajetória em Neves, que estão no cerne das minhas escolhas de vida, de profissão, de luta, em especial aos amigos que fiz na Just Crew. Se eu estou aqui hoje, é por tudo que trocamos, por tudo que sonhamos, por tudo que somos. Eu sou por que vocês também são. Gratidão!

Estou feliz que meu nome vai estar no seu texto da universidade
e não no boletim de ocorrência daquele policial.

Nathan, skatista da Just Crew.

RESUMO

SOUZA, R. G. “*Ribeirão das Trevas*”? O skate dando um ollie nas narrativas dominantes sobre a cidade de Ribeirão das Neves/MG. 2020. 171f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) – Faculdade de Educação da baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2020.

Ribeirão das Neves é uma cidade mineira com cerca de 334 mil habitantes e 60% da população autodeclarada negra. Idealizada para ser a cidade-dormitório dos mais pobres que migraram em busca de trabalho quando Belo Horizonte tornou-se a capital do estado de Minas Gerais, Neves, como é mais conhecida, tornou-se também a cidade das penitenciárias. Num total de seis cadeias, inclui a primeira com gestão público-privada do Brasil e a primeira penitenciária modelo do país, inaugurada por Getúlio Vargas quando este era presidente. Constantemente alvo de notícias sobre violência e pobreza, a cidade também ficou conhecida pelo trocadilho “Ribeirão das Trevas” publicado no Diário Oficial do Estado e no site do Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Essa descrição pejorativa se tornou uma narrativa oficializada sobre o município e se impõe como uma barreira aos moradores da cidade, que sofrem com a estigmatização e exclusão social que ela acarreta. No entanto, a cidade destinada pelo poder público a ser sempre a mesma, abriga outras narrativas criadas, por exemplo, por um coletivo de skatistas negros educadores: a *Just Crew Skateboard*. Que não apenas ocupou o coreto da Praça e a transformou em pista, mas que há 20 anos capacita os jovens nesta prática esportiva os ensinando a construir seus próprios skates e obstáculos, e reconstruir suas identidades por meio da experiência da amizade, dando um *ollie* sobre as narrativas dominantes sobre si e sua cidade. Eles se tornaram educadores uns dos outros, da população e da cidade, ensinando olhares de luz em vez de trevas, e construindo outras possibilidades narrativas para Ribeirão das Neves, diferentes da história única oficial. Esta dissertação de mestrado tem auxílio da bolsa CAPES e objetiva analisar como os jovens skatistas de Neves estão superando a narrativa das “trevas” e se tornando, à luz das leituras de Nilma Lino Gomes, um movimento skatista educador. Utilizando como metodologia a Etnografia da Imagem como Simpatia, investiga-se como eles contestam o estigma da cidade apresentando uma narrativa que valoriza a vida e as sociabilidades.

Palavras-chave: Skatistas, Ribeirão das Neves, Cidade, Movimento Educador, Etnografia.

ABSTRACT

SOUZA, R. G. “*Ribeirão das Trevas*”? The skateboard giving an ollie in the dominant narratives about the city of Ribeirão das Neves / *MG*. 2020. 171f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) – Faculdade de Educação da baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2020.

Ribeirão das Neves is a city in Minas Gerais with approximately 334 thousand inhabitants and 60% of the self-declared black population. Conceived to be the dormitory city of the poorest who migrated in search of work when Belo Horizonte became the capital of the state of Minas Gerais, Neves, as it is better known, also became the city of penitentiaries. In a total of six chains, it includes the first with public-private management in Brazil and the first model penitentiary in the country, inaugurated by Getúlio Vargas when he was president. Constantly the target of news about violence and poverty, the city was also known for the pun “Ribeirão das Trevas” published in the Official Gazette of the State and on the website of the Court of Justice of Minas Gerais. This pejorative description became an official narrative about the municipality and became imposes it as a barrier to dwellers, who suffer from the stigmatization and social exclusion it entails. However, the city designed by the government to always be the same, houses other narratives created by, for example, a collective of black educating skaters: Just Crew Skateboard. That not only occupied the bandstand in the square and turned it into a track, but that for 20 years has trained young people in this sports practice; teaching them how to build their own skateboards and obstacles; and reconstruct their identities through the experience of friendship, giving an ollie about the dominant narratives about their city. They became educators of each other, of the population and of the city, teaching looks of light instead of darkness, and building others narratives possibilities of a Ribeirão das Neves. This master's dissertation is supported by the CAPES scholarship and aims to analyze how Neves 'young skaters are overcoming the “darkness” narrative and becoming, in the light of Nilma Lino Gomes' readings, an educating skater movement. Using Image Ethnography as Sympathy as a methodology, we investigate how they challenge the city's stigma by presenting a narrative that values life and sociability.

Keywords: Skaters, Ribeirão das Neves, City, Educator Movement, Ethnography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Jovens no coreto da Praça de Justinópolis	14
Figura 2 - Reportagem Ribeirão Das Trevas	19
Figura 3 -Mapa Ribeirão das Neves / Belo Horizonte.....	20
Figura 4 - Muro do Presídio Dutra Ladeira, na LMG-806	21
Figura 5 - Mapas das penitenciárias em Ribeirão das Neves	22
Figura 6 - Rua de terra vermelha	23
Figura 7 - Gráfico Escolaridade IDH 2010	26
Figura 8 - Pracinha do Natan.....	31
Figura 9 - Skatistas no estacionamento da Igreja	32
Figura 10 - - Foto da Just Crew Skateboard ao término da gravação.....	33
Figura 11 - De 50 imagens, a única aprovada por eles para utilização	36
Figura 12 - Praça de Justinópolis.....	42
Figura 13 - Skatistas no estacionamento da Igreja	44
Figura 14 - Alexandre andando de skate no estacionamento.....	50
Figura 15 - Print Fanpage Batalha do Coreto	52
Figura 16 - Post relatando a dificuldade na organização das Batalhas.....	53
Figura 17 - Post explicando as ações do grupo para solucionar	54
Figura 18 - Just Crew na Batalha do Coreto.....	54
Figura 19 - Reforma do coreto	56
Figura 20 - Reforma da Praça de Justinópolis.....	56
Figura 21 - Reforma e limpeza do canteiro da Praça	57
Figura 22 - Just Crew Skateboard.....	58
Figura 23 - Portão da casa do Sal	68
Figura 24 – Entrada da casa do Sal.....	69
Figura 25 - Sal	70
Figura 26 - Presépio doado por artista nevensense.....	73
Figura 27 – Objetos em exposição no Arquivo Público de Neves	74
Figura 28 - Exposição do Arquivo Público	74

Figura 29 – Quadro do Arquivo Público - Capelinha.....	75
Figura 30 - Quadro do Arquivo Público - Fazenda	75
Figura 31 -Exposição de Fotos do Arquivo Público.....	76
Figura 32 - Exposição de fotos do Arquivo Público II.....	76
Figura 33 - Jardim da PAN	77
Figura 34 - Print Pesquisa no Google.....	86
Figura 35 - Print Pesquisa “Ribeirão das Neves Notícias”.....	87
Figura 36 - Sugestão de Pesquisa do Google	88
Figura 37 - Ribeirão das Neves no Portal de Notícias G1.....	89
Figura 38 - Just Crew divulgando seu campeonato.....	105
Figura 39 - Comentário surpreso sobre cachoeira em Justinópolis.....	108
Figura 40 - Just Crew na UERJI.....	164
Figura 41 - Just Crew no Aterro do Flamengo	164
Figura 42 - Just Crew na Praça XV	165
Figura 43 - Just Crew de skate na Praça XV	165
Figura 44 - - Just Crew na UERJ II	166
Figura 45 - Just Crew na UERJ III	167

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 <i>JUST CREW SKATEBOARD</i> – DA SOLIDÃO À MULTIDÃO.....	42
1.1 Quem são os jovens skatistas e como se tornaram uma <i>crew</i> ?	45
1.2 Sal, o músico e pioneiro do skate na década de 90	68
2 RIBEIRÃO DAS NEVES: MÚLTIPLAS NARRATIVAS.....	72
2.1 A história oficial contada pelo Estado e por pesquisadores universitários	77
2.2 Ribeirão das Trevas: a história contada pela mídia	86
3 <i>JUST CREW</i> : DISPUTA, PODER E IDENTIDADE	95
3.1 Amor, reconhecimento e resistência: o skate transformando personagens em autores	103
3.2 O skate dando um <i>ollie</i> nos obstáculos: movimento skatista educador	107
4 “NEVES É A GENTE!”	117
4.1 “Neves é a gente!” por <i>Just Crew Skateboard</i>	117
4.2 “Neves é a gente!” por Rafaela Goltara	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
REFERÊNCIAS	171

INTRODUÇÃO

“Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre algum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso”.

Chimamanda Ngozi Adichie

Durante seis meses, enquanto voltava de Belo Horizonte para minha casa, em Ribeirão das Neves/MG, após o trabalho, uma cena repetida me chamava a atenção. Toda quarta-feira, o motorista fazia sua habitual parada no sinal da praçinha da Igreja de telhado azul, lotada de jovens no que parecia um evento às escuras, devido à falta de iluminação e, sempre, alguns garotos gritavam para o motorista os esperar, e saíam correndo daquele meio que devia reunir cerca de 300 jovens no escuro, causando uma reação de susto nos passageiros dentro da condução.

Figura 1- Jovens no coreto da Praça de Justinópolis



Fonte: Fanpage Batalha no Coreto, 2018, facebook.

Na primeira vez que isso ocorreu, minha reação também foi parecida com a dos demais passageiros. Segurei mais firme minha bolsa, e fiquei observando com certa cautela os garotos pularem a roleta, rindo e conversando alto, caminhando para a parte de trás do veículo. Como essa cena se repetiu uma vez por semana durante meses, eu e os habituais

passageiros nos acostumamos a esperá-los correr, pois sabíamos que após as 22h só teria outro ônibus às 23h30, e perdê-lo significava caminhar um longo trajeto por ruas muito escuras até chegar em casa. Passado o medo inicial de ser um possível assalto, só ficou mesmo o incômodo das conversas aos gritos dos garotos. Afinal, depois de um dia estressante no trabalho e de fazer baldeação entre três ônibus de Belo Horizonte até Neves (entre espera, fila e superlotação), um pouco de silêncio no trajeto final não cairia mal. Mas o jeito era compreender a euforia do grupo e torcer para que o ônibus chegasse logo ao destino, e, enfim, pudssemos descansar. Com o passar dos meses, esse movimento foi arrefecendo e a multidão se dissipando, restando apenas alguns poucos jovens que utilizam a praça para a prática de skate.

Admito que, envolvida na rotina de trabalho e deslocamento desgastante, não sobrava muito tempo para pensar no porquê dessa quantidade de jovens se reunirem numa praça escura toda semana. Mas essa pergunta começou a me incomodar, pois em anos de experiência de dedicação ao trabalho em oficinas com jovens, não dava para me render ao discurso comum de que provavelmente estavam fazendo uso de drogas e álcool e ameaçando a paz e a ordem da vida pacata dos moradores da cidade. A começar, só o fato deles escolherem uma praça central com falha de iluminação para se reunirem já parece dizer alguma coisa. E foi com essa dúvida que essa pesquisa começou a ganhar força.

A falta de luz da praça me fez refletir sobre a falta de luz em muitas outras questões sociais que envolvem a cidade. Ribeirão das Neves é um município mineiro, localizado na região metropolitana e periférica da capital Belo Horizonte. De acordo com levantamento realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população estimada em 2019 é composta por mais de 334 mil habitantes em um território com extensão aproximada de 155.454 km². No último censo realizado pelo IBGE em 2010, a população da cidade somava 296.317 habitantes e cerca de 60% autodeclarada negra (pretos ou pardos)¹. Os dados também indicam que a maior parte da população possuía renda mínima ou nenhuma renda, permitindo classificar o município como sendo de pobreza absoluta segundo a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS). Além disso, indicadores do Índice de Desenvolvimento Humano 2010 revelam que a cidade está entre os 10 municípios mineiros mais dependentes do programa Bolsa-Família, sendo que 30% da população era considerada vulnerável à pobreza. Ainda segundo o IBGE, 74,3% dos domicílios possuíam esgotamento sanitário

¹ Censo 2010 IBGE sobre Ribeirão das Neves: Dos 296.317 habitantes, 64.829 se declararam brancos; 142.325 pardos; 36.569 pretos; 4.346 amarelos e 613 indígenas. A pesquisa completa está disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ribeirao-das-neves/panorama>. Acesso em 10 de março de 2019.

adequado e apenas 8,5% dos domicílios urbanos estavam em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio).

Essas e outras ausências fazem parte do cotidiano dos jovens nevenses: ausência de espaços públicos de convivência, lazer e prática esportiva; ausência de incentivo à cultura e às artes; ausência de hospitais de qualidade para atender à demanda da população; ausência de escolas equipadas e estruturadas para oferecer qualidade aos professores e aos estudantes; ausência de ofertas de trabalho e geração de renda que obriga os moradores a saírem da cidade em busca de oportunidades nos municípios vizinhos; ausência de infraestrutura adequada para o trânsito de veículos automotivos e facilidade de acesso às demais regiões; e tantas outras ausências que influenciam diretamente na maneira como não só os jovens, mas também crianças, adultos e idosos estabelecem relações interpessoais e com o território que ocupam. Somam-se a esse contexto, os diversos discursos propagados pela imprensa que apresentam uma cidade problemática e miserável, o que cria uma relação direta com a construção da identidade e autoestima dos moradores, bem com o sentimento de pertença e identificação com o território nevense. Pensar nesses jovens e nessa situação, me fez relembrar minha própria história de vida tecida entre caminhos de sombra e luz.

Desde a adolescência minha trajetória de vida tem sido marcada pelo engajamento e participação em grupos estudantis, religiosos e comunitários. Na graduação não foi diferente. Minha história sempre permeou minhas escolhas, sobretudo as teóricas, ainda que só hoje eu tenha essa consciência com mais clareza. Os trabalhos com grupos sempre foram fonte de inquietações que se transformam em desejo e sede de conhecimento. Acredito que o desejo de entender por si só não basta, pois é preciso saber para melhor questionar a realidade e assim propor intervenções mais efetivas. Bachelard (1996) afirma que “o homem movido pelo espírito científico deseja saber, mas para, imediatamente, melhor questionar” (p. 21). Ao propor-me falar de identidade em Ribeirão das Neves sei do desafio em ter que lidar com a minha própria. Ou melhor, não sei. Tenho experimentado esse “saber” a cada dia, a cada leitura e releitura, a cada (re) encontro. Portanto, é nessa perspectiva que se localiza minha motivação por esse tema de pesquisa. Ou seja, na necessidade de melhor compreender acerca dos fenômenos presentes na disputa de narrativas que constrói relações simbólicas e, sobretudo, identitárias na minha cidade.

Narrativas da minha vida, dos outros e do meu lugar

Quando eu tinha 15 anos fui convidada para participar de um jornal comunitário após vencer um concurso de redação da Paróquia São João Batista, no bairro Felixlândia – Ribeirão das Neves, onde moro desde o meu nascimento. Meu primeiro texto publicado foi sobre o problema do descarte impróprio do lixo, numa tentativa de mobilizar as pessoas a não depositarem resíduos em locais inadequados. Essa experiência me fez buscar a graduação em jornalismo. As pessoas da equipe me incentivaram e, anos mais tarde, consegui uma bolsa integral do PROUNI para cursar Comunicação Social Integrada na PUC Minas – São Gabriel. Desde então, sempre estive envolvida em projetos de mobilização social, especialmente em oficinas de formação humana com adolescentes e jovens, além de casas de acolhimento para crianças em situação de vulnerabilidade pessoal e social, sempre utilizando recursos e ferramentas da comunicação para facilitar as relações.

Logo no primeiro período da graduação, iniciei um estágio na Superintendência de Limpeza Urbana de Belo Horizonte onde tive a oportunidade de trabalhar em pesquisas e intervenções comunitárias a partir do lixo. Mas foi com as intervenções nos grupos (de mulheres, adultos, jovens e adolescentes), durante minha experiência profissional no Projeto Extensionista Vila Fátima, que me (re) encontrei. Vila Fátima é um projeto de extensão da PUC Minas em parceria com a Arquidiocese de Belo Horizonte, localizado na regional de Justinópolis, Ribeirão das Neves. Essa atuação me permitiu voltar ao meu município de origem e desenvolver atividades com jovens que passavam pelas mesmas questões de identidade e autoestima que eu.

Nesse projeto, desenvolvi oficinas de convivência e fortalecimento de vínculos por meio da Fotografia, Cinema e Criação de Blogs com jovens de 15 a 17 anos. Ao trabalhar nessas oficinas surgiram muitas indagações. O grupo de jovens se tornou, então, fonte de prazeres e descobertas. As atividades tinham por objetivo oferecer uma capacitação para o mercado de trabalho, proporcionando um espaço criativo de cultura e lazer, e fortalecendo os vínculos com a família e o território nevensense.

Durante as oficinas, observei que as reflexões eram permeadas por questões de baixa autoestima, dificuldade em se reconhecer como cidadãos de Ribeirão das Neves, pouco acesso e conhecimento de equipamentos públicos de recreação e lazer, e conflitos de identidade. Foi possível perceber que a participação não apenas nas oficinas, mas na interação nos intervalos com os demais grupos jovens do projeto e seus monitores, repercutia na mudança comportamental e na expressão dos jovens. Eles fortaleciam o vínculo uns com os outros,

sentiam-se mais capazes para superar suas questões e, conseqüentemente, ressignificavam suas relações de identidade, autoestima e identificação com o território.

A partir da observação do processo grupal ficou claro que a oficina em si não fortalecia vínculos, mas era um instrumento possibilitador, um espaço que propiciava o desenvolvimento da comunicação, cooperação, crescimento, união e aprendizagem entre eles. A relação grupo/família, nesse caso, era dialética. As transformações em uma repercutiam na outra de variadas formas. Nesse sentido, podemos pensar que a oficina era um espaço de elaboração de questões pessoais e coletivas.

Percebi que a proposta de fortalecimento do vínculo grupal era pertinente já que os jovens se viam fragilizados, com baixa autoestima, sem perspectiva e projeto de vida, com o universo restrito às escolas públicas e ao espaço doméstico, em que passavam a maior parte do tempo assistindo à televisão. Enfim, que necessitavam de um espaço para a fala, a escuta e para estabelecer novas relações. As oficinas alcançavam tal objetivo, mas era preciso avançar nas discussões e propostas para se atingir o objetivo de politização, conscientização e educação que a instituição tinha para seu público e que de certa forma os próprios jovens demandavam.

Pude refletir sobre as relações estabelecidas em grupo, correlacionar a importância e eficácia de um grupo e suas possíveis ressonâncias nas relações, sobretudo as relações sociais e com o município, sobre aspectos ideológicos, modelos que a sociedade impõe e como são introjetados e projetados em outros grupos. Devido ao tempo para execução das oficinas não foi possível aprofundar nas temáticas de identidade com o território, participação, conscientização, influência dos veículos de comunicação de massa, relações mantenedoras das desigualdades, dominação, ainda que este fosse também meu interesse.

Com toda essa experiência, percebi que problemas com autoestima eram latentes nos jovens da cidade, sejam os participantes do projeto e/ou estudantes de escolas públicas que tive contato. Muitos deles contavam suas histórias de vida com o mesmo tom negativo que a história de Neves era contada pela mídia. Confesso que, no fundo, era uma baixa autoestima que me pertencia também e, nesse percurso, me senti tocada a pesquisar a origem dessa frágil identidade da cidade.

Assim, de imediato, me remeti aos presídios que são marcas nos noticiários a nível local e global. Contudo, além de ser conhecida como cidade dos presídios, me lembrei de um fato marcante que me incomodou como jornalista e moradora de Ribeirão das Neves. Em 2013, uma publicação do Diário Oficial do Estado de Minas Gerais citava a cidade com o nome “Ribeirão das Trevas”, e foi amplamente divulgada pela mídia mineira e inclusive de

circulação nacional, como a Folha de São Paulo. A lembrança da sensação amarga que experimentamos coletivamente com a repercussão do caso e a escuridão da praça lotada de jovens foi o que me impulsionou a propor esse projeto de pesquisa.

Conhecendo o território: As trevas do Ribeirão

Figura 2 - Reportagem Ribeirão Das Trevas

O TEMPO
CIDADES

BETIM
29 AGOSTO 16H16 15°C 29°C

ASSINE O TEMPO

CAPA SUPERFC CIDADES DIVERSÃO INTERESSA MAIS

Triângulo Vale do Rio Doce Norte de Minas Zona da Mata Sul de Minas Tempo de Bike Trânsito Tempo

Especiais: Garoto e Garota Super | 30 anos sem Drummond | Meu Quintal é o Anel | Casa Cor 2017 | Vivendo a morte | Tempo de Bike | Game: Empire

ERROU FEITO
Publicação do governo de Minas chama Neves de “Ribeirão das Trevas”

O erro apareceu na página 22 do “Minas Gerais” do último sábado, Dia da Independência, em um espaço destinado para nomeações de servidores públicos

Salvar no Facebook | Recomendar 445 | Compartilhar | Tweet | G+

Nos termos dos incisos I e II, do art. 75, da lei nº 7109, c	
LOCALIDADE	COD
Belo Horizonte	2534
Belo Horizonte	1457
Belo Horizonte	1457
Belo Horizonte	2348
Belo Horizonte	701
Belo Horizonte	2526
Ribeirão das Trevas	219053
Ribeirão das Trevas	219053
Ribeirão das Trevas	218995

TRÂNSITO

29/08/2017 15:53
Trânsito carregado na Av. Luiz Paulo Franco, no Trevo do Belvedere, sentido Nova Lima. Mais cedo, houve uma batida entre dois carros no trecho.

29/08/2017 15:32
Tráfego segue movimentado na Via Expressa de Contagem, entre o Parque São João e o Cinco, sentido BH. Há obras no trecho.

29/08/2017 15:12
Sobe para dois quilômetros a retenção na Faria Dias, km 477, altura da Praça da Cemig, sentido BH. Obras, na faixa da esquerda, prejudicam o tráfego.

Mais informações sobre o trânsito

COLUNISTAS
Vittorio Mediolì
O atraso é nosso

Fonte: Portal de Notícias do Jornal O Tempo, 2013.

Essa publicação gerou um impacto muito negativo na população e trouxe à tona uma grande discussão acerca da identidade do cidadão de Neves. Isto porque Ribeirão das Neves é historicamente conhecida como “cidade-dormitório”, uma vez que a maior parte dos moradores só vai para casa para dormir, pois a maior oferta de empregos está no município vizinho (Belo Horizonte), que fica a cerca de 30 km de distância. Além disso, a população aumentou com o crescimento da população carcerária, fator que também gera um estigma aos habitantes por serem reconhecidos como moradores da “cidade dos presídios” (Neves possui seis unidades prisionais com mais de cinco mil detentos, incluindo o Presídio de Segurança Máxima Dutra Ladeira). Muitos escondem que moram na cidade por medo de não encontrarem serviço em Belo Horizonte, além de não se orgulharem de serem cidadãos nevenses.

Figura 3 -Mapa Ribeirão das Neves / Belo Horizonte



Fonte: Google Maps, 2018.

O conflito de identidade é também um conflito de pertencimento. Eu mesma me perguntei, algumas vezes, se poderia me apresentar como nevensense, uma vez que na minha certidão de nascimento consta que sou natural de Belo Horizonte. Porém, basta parar uns minutos e analisar o que está por trás desse registro oficial de nascimento para entender que eu sou apenas uma das milhares de pessoas que foram obrigadas a nascer em Belo Horizonte, por falta de opção. Segundo dados do Censo 2010 do IBGE, mais da metade da população (186.373 habitantes) não é natural da cidade, ou seja, nasceu em outros municípios.

Não se nasce em Ribeirão das Neves porque a única maternidade existente fica no único hospital da cidade, Hospital Municipal São Judas Tadeu, que não consegue atender a demanda de saúde dos seus 334 mil habitantes. Minha mãe e meu pai se mudaram pra cidade após o casamento, pois era o local com lotes mais baratos para se comprar e construir, devido à proximidade com as penitenciárias que desvalorizam os terrenos. Eles estavam em casa quando a bolsa da minha mãe estourou e ela precisou arrumar a mochila, esperar o ônibus intermunicipal e ir até a casa da minha avó em BH para só então conseguir chegar a uma maternidade e ser atendida. Nasci na capital e no dia seguinte já estava de volta a Neves, onde cresci e passei toda minha vida até agora. Ainda assim, sou oficialmente uma belorizontina.

Pode parecer um detalhe sem muita importância à primeira vista, mas em uma cidade com tantos desafios e um frágil elo de pertença com seus moradores, um registro oficial de nascimento faz muita diferença.

No caso das penitenciárias, o problema fica ainda mais visível. A principal via de acesso ao centro de Ribeirão das Neves, LMG-806, é uma estrada que corta uma área de matas e fazendas. Ao se aproximar da parte urbana, a primeira construção à vista do lado esquerdo é um posto de polícia, e a próxima é o muro do Presídio de Segurança Máxima Dutra Ladeira. Se apenas virarmos a cabeça para a direita, vislumbraremos mais uma penitenciária masculina, e logo à frente, a entrada do presídio feminino. Ao todo, quatro grandes muros de penitenciárias dão as boas-vindas aos visitantes da cidade.

Figura 4 - Muro do Presídio Dutra Ladeira, na LMG-806

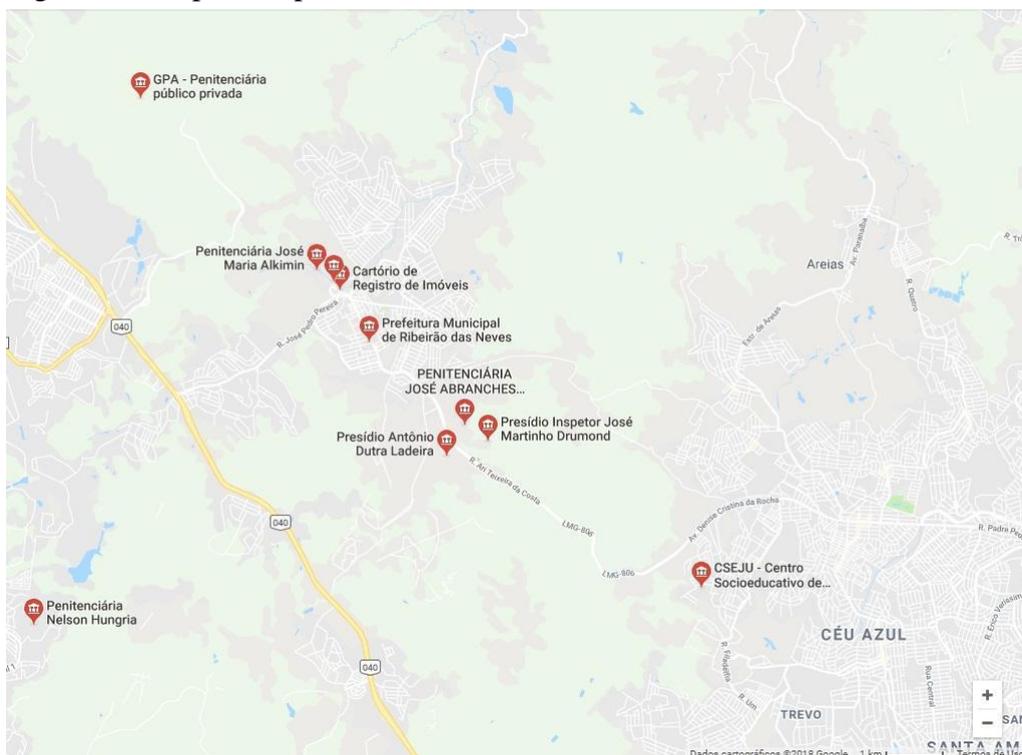


Fonte: Acervo Rafaela Goltara, 2018.

Esta mesma avenida segue e se torna a principal rua que corta a região central da cidade, terminando em mais uma penitenciária: a Penitenciária Agrícola de Neves (PAN). A PAN foi fundada pessoalmente pelo presidente Getúlio Vargas ainda antes da emancipação do município, e fica localizada bem no coração da cidade. Essas instituições foram construídas próximas umas das outras e coexistem com os demais bairros em uma situação de normalidade, pois os moradores já se acostumaram aos seus muros como se fossem parte da paisagem local.

No entanto, o comum é ouvir as mais variadas histórias e comentários que resumem a cidade aos presídios e a questão da insegurança pública. Por exemplo, em março de 2018, o apresentador Emílio Surita do famoso programa de rádio “Pânico” atendeu uma ligação de um ouvinte que pediu para mandar um abraço pra um irmão de Ribeirão das Neves. Ao que o apresentador perguntou, dando risada: Ele está preso?

Figura 5 - Mapas das penitenciárias em Ribeirão das Neves



Fonte: Google Maps, 2018.

No mapa acima, chama a atenção a quantidade de penitenciárias e, principalmente, a sua localização, pois elas não foram construídas em locais afastados do centro urbano. Ao contrário, estão próximas umas das outras e da região central. O Centro Socioeducativo para menores fica no bairro Felixlândia, onde cresci, ao lado de um Centro de Formação que oferece cursos para adolescentes e adultos e em frente à escola estadual Alessandra Salum Cadar. Os outros três presídios e o posto da Polícia Militar, como dito anteriormente, ficam às margens da LMG-806 próximos ao Hospital São Judas Tadeu e à Prefeitura. E essa mesma via que continua até a Praça Central e termina no Presídio José Maria Alkimin, antiga PAN, localizado no coração da cidade. A exceção fica para a localização do mais recente presídio construído, a Penitenciária GPA, fruto da parceria público-privada construída em um terreno mais afastado dos principais bairros do município.

A cidade, formada por maioria da população negra e pobre, coleciona adjetivos negativos e estigmas, “cidade-presídio”, “cidade-dormitório” e “cidade das trevas” são apenas os mais repetidos por mídias oficiais (Estado e Universidade). Um morador de Neves sabe que ao se apresentar em qualquer outro território, seja para trabalho, estudo ou lazer, o nome da cidade chega antes do seu próprio nome. E fala mais alto que sua própria voz. Se for uma pessoa negra, o estigma ganha intersecções (COLLINS, 2017) que pioram muito a sua experiência, pois ser negro, pobre e morador da cidade dos presídios é quase uma carta que delimita os espaços em que se é permitido circular, as pessoas com as quais poderá conviver e o tipo de relação que poderá ser estabelecida. Essas identidades possíveis a quem pertence à Ribeirão das Neves limitam a liberdade e o direito, mesmo que a maioria dos mais de 300 mil habitantes não esteja realmente preso.

Outro apelido herdado pelos nevensenses é o famoso “pé vermei”. Isto porque a maioria das ruas da cidade ainda são de terra batida, como pode ser visto na próxima fotografia. Essa rua é a continuação da Avenida Um, que passa no fim da rua da minha casa e liga o bairro Felixlândia ao Fortaleza.

Figura 6 - Rua de terra vermelha



Fonte: Acervo Rafaela Goltara, 2018.

Com tantos marcadores sociais e estereótipos, é difícil encontrar termos positivos para se identificar, especialmente quando esses rótulos implicam em desvantagens materiais e imateriais de todos os tipos. Na era globalizada de acesso às redes sociais, marcada por influenciadores digitais, os jovens buscam afirmação de identidade ao mesmo tempo em que

se deparam com a falta de oportunidades e desemprego. Esse cenário só foi agravado com a publicação do “Ribeirão das Trevas”, que terminou por oficializar a imagem pejorativa do município, além de promover a liberação de comentários maldosos e piadas ofensivas aos cidadãos nevenses.

Os processos de comunicação contribuem para a disseminação da cultura, a socialização dos jovens e também influenciam a construção da identidade. Os noticiários colocam em pauta os assuntos que serão discutidos pelas pessoas cotidianamente, e essa comunicação produz imagens e simbolismos que influenciam o tipo de interação social que será estabelecido entre os atores sociais. Segundo o professor Jorge Pedro Souza (2003), a comunicação permite que os indivíduos se integrem na sociedade através da socialização. Para ele, se há interação entre os elementos estruturantes das comunidades e da sociedade, em concreto entre os atores sociais coletivos e individuais, e se são essas interações que constroem cotidianamente as identidades, as comunidades e a sociedade e dão referências (valores, normas) a esta última, então, a comunicação é o elemento vital da coesão social.

A socialização é, contudo, um processo dinâmico e não um processo determinista. Por um lado, cada ator social tem uma determinada autonomia, tanto maior quanto maior for a sua preparação para lidar com os outros e as situações que enfrenta (para o que a educação e a formação são fundamentais). Essa autonomia permite-lhe negociar com outros atores sociais, individuais e coletivos, novos equilíbrios entre os constrangimentos sociais, interiorizados durante o processo de socialização, e as suas intenções pessoais (SOUSA, 2003, p. 12).

No município, que é marcado por tantas “ausências” (ZALUAR, 2003), as pessoas sofrem com o rompimento de vínculos familiares e a falta de identificação e vínculo afetivo com o território em que vive. Por isso, o papel da comunicação é de fundamental importância para a socialização dos jovens, mas no nosso caso, ela pode prejudicar as sociabilidades devido ao preconceito naturalizado que segue qualquer um que se identifica como morador de Neves.

Diálogos com outros autores e a justificativa da pesquisa

Em 2018 fui apresentada à obra de uma autora norte-americana, que me inspirou muito como mulher e como pesquisadora: *Mulheres, raça e classe*. Nessa obra, Angela Davis busca desvendar parte da história silenciada na construção da sociedade americana, dando especial atenção ao lugar ocupado pelas mulheres negras que sofreram com a estigmatização no pós-escravidão. Ela compreendeu que recuperar a história apagada desses grupos estigmatizados pela raça e pela origem era fundamental na luta por justiça e igualdade social, uma luta que se trava até hoje. E como esta pesquisa também vai abordar os estigmas sociais

impostos e os conflitos de narrativas que negam a identidade dos moradores de Ribeirão das Neves, a experiência desta pesquisadora é uma fonte de inspiração.

No primeiro capítulo do livro “Mulheres, raça e classe”, publicado em 1981, Angela faz uma revisão de literatura sobre a questão da escravidão e o lugar ocupado pelas mulheres negras escravizadas nessas pesquisas. Ela deixa claro seu desapontamento com a tendência ao discurso único sobre a escravidão, mostrando que vários autores abordaram o tema, mas deixaram de lado a história das mulheres e sua participação em todo o processo. Assim, ela justifica a sua obra como uma tentativa de recuperar a história que foi apagada e as vozes femininas e negras que foram silenciadas pelos historiadores ao longo dos anos.

Se, e quando, alguém conseguir acabar, do ponto de vista histórico, com os mal-entendidos sobre as experiências das mulheres negras escravizadas, ela (ou ele) terá prestado um serviço inestimável. Não é apenas pela precisão histórica que um estudo desses deve ser realizado; as lições que ele pode reunir sobre a era escravista trarão esclarecimentos sobre a luta atual das mulheres negras e de todas as mulheres em busca de emancipação. Como leiga, posso apenas propor algumas hipóteses que talvez sejam capazes de orientar um reexame da história das mulheres negras durante a escravidão (DAVIS, 1981, pg.24).

No mesmo caminho, Janaina Damaceno, em 2013, apresenta sua tese de doutorado chamada “Os segredos de Virgínia: estudos de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955)” na USP. A tese propõe um aprofundamento na vida da socióloga, visitadora psiquiátrica e psicanalista negra Virgínia Leone Bicudo, que publicou um artigo sobre relações raciais em 1945, o qual ela descobriu, por acaso, tempos depois de ter se graduado em Ciências Sociais. Para ela, o fato era curioso porque seria de extrema relevância conhecer a contribuição de uma mulher negra para os estudos das relações raciais no Brasil. Porém, os primeiros trabalhos sobre o assunto nas Ciências Sociais somente tratam as negras acadêmicas a partir de 1970. Então, sua pesquisa objetivou analisar a obra de Virgínia e mapear os estudos de atitudes raciais realizados no Brasil entre as décadas de 1940-1950, investigando como foram construídas as histórias intelectuais de mulheres e homens negros na academia.

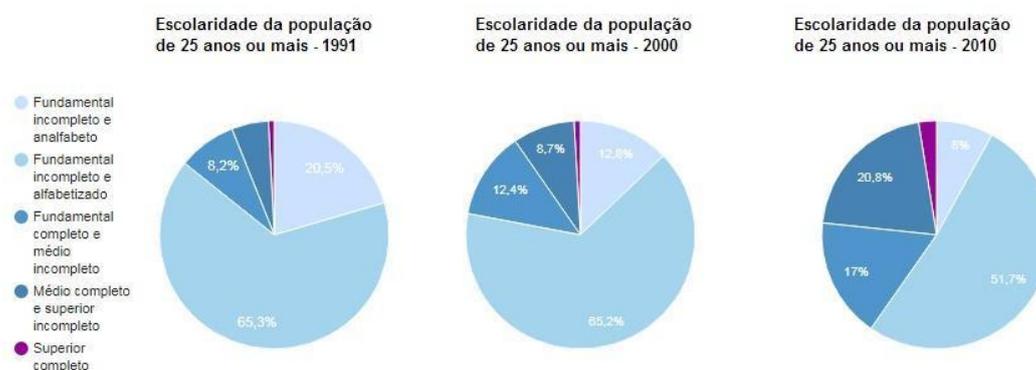
Para isso, tentaremos desvelar quais são os processos de fabricação do esquecimento e da memória em relação a determinados sujeitos. Dessa maneira, o que a pesquisa pretende é delimitar como se forma sua trajetória intelectual e como vem sendo escritas as trajetórias de mulheres negras. Reedição de textos, publicação de entrevistas, homenagens, confecção de projetos de pesquisa, montagem de exposições, seriam uma maneira de começar a constituir uma memória sobre determinado indivíduo. Ela seria contrária, por exemplo, a processos de apagamento através da não citação em trabalhos acadêmicos, da extirpação de textos em compêndios, do não arquivamento de documentos, do roubo de documentação, do arquivamento de entrevistas em acervos pessoais indisponíveis para pesquisa, da ocultação da cor do pesquisador, do descarte de material de cunho autobiográfico como cartas e diários (GOMES, 2013, pg.18).

A ousadia de Gomes e Davis em buscar dar visibilidade para trajetórias de pesquisadores excluídos pelos estigmas sociais, apagadas ao longo dos anos da academia, e resgatando o lugar e a importância de seus estudos, também inspira a justificativa deste trabalho. Existem várias pesquisas acadêmicas sobre Ribeirão das Neves, que em geral apontam para a mesma narrativa das ausências com temas sobre demandas de saúde, expansão urbana e segregação socioespacial, vulnerabilidades pessoais e sociais, fracasso escolar, entre outros. A maioria realizada por pesquisadores que não são do município e que estão interessados em explorar os problemas nevenses apenas por ganhos individuais. Por curiosidade, resolvi pesquisar sobre a quantidade de cidadãos nevenses que teriam o Ensino Superior completo, para avaliar o motivo de tantas pesquisas com olhares externos a nós.

De acordo com os indicadores de escolaridade da população adulta, do Índice de Desenvolvimento Humano 2010 – Educação, considerando a população municipal de 25 anos ou mais de idade, 2,53% tinham o ensino superior completo. No Brasil, em comparação, esse índice era igual a 11,27%. Dos jovens adultos nevenses com idade entre 18 a 24 anos, 5,66% estavam cursando o ensino superior em 2010. Em 2000 eram 0,54% e, em 1991, eram 0,58%. Esses dados indicam que houve uma evolução significativa na área da Educação em Ribeirão das Neves.

Entre 2000 e 2010 - O IDHM passou de 0,577 em 2000 para 0,684 em 2010 - uma taxa de crescimento de 18,54%. O hiato de desenvolvimento humano, ou seja, a distância entre o IDHM do município e o limite máximo do índice, que é 1, foi reduzido em 74,70% entre 2000 e 2010. Nesse período, a dimensão cujo índice mais cresceu em termos absolutos foi Educação (com crescimento de 0,171), seguida por Renda e por Longevidade (ATLAS BRASIL, 2013, pg.2).

Figura 7 - Gráfico Escolaridade IDH 2010



Fonte: PNUD, Ipea e FJP

Fonte: PNUD, IPEA e FJP, 2010.

Por isso, resolvi buscar os trabalhos acadêmicos que se referem à cidade produzidos por moradores que já possuem o ensino superior completo, e verificar quais temas foram abordados por eles. Não foi uma tarefa fácil, mas descobri o publicitário e pesquisador nevenense Antônio Carlos Silva Benvindo, que escreveu um artigo intitulado “Coletivo Semifusa e sua relação com a cidade”, apresentado num programa de pós-graduação da UFMG em 2012. Benvindo integra um grupo de estudiosos do município e catalogou as principais publicações. A maioria continua versando sobre as mesmas questões de ausências citadas anteriormente, mas junto ao artigo sobre o Coletivo, destaco o artigo publicado em 2016 por meio do Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural que apresenta “Cultura e Identidade na Cidade: o hip hop na voz e no ritmo da juventude nevenense”, das pesquisadoras Ágnes de Lélis, Marcela Costa Menezes e Vanessa Camila da Silva. Ambas as pesquisas trazem como novidade seu intento de dar visibilidade a aspectos culturais, identitários e de organização política dos jovens da cidade.

Minha pesquisa dialoga com esses trabalhos, ao mesmo tempo em que busca preencher a lacuna de estudos sobre a importância das narrativas na construção simbólica da identidade social do município. Valorizar os estudos produzidos por pesquisadores nevenenses é uma forma de reconhecer o valor científico de suas contribuições sobre um território que também lhes pertence.

Além disso, compartilho também da necessidade que Angela Davis sentia de preencher as lacunas que deixavam mal-entendidos e reforçavam os estigmas sociais impostos à população negra. Essa pesquisa nasce como uma tentativa de também superar os mal-entendidos propagados sobre a minha cidade e a história de seus mais de 334 mil habitantes². São muitos os rótulos negativos a cerca de uma cidade que recebeu o título de Trevas pelo próprio poder público, e é urgente que novas narrativas ganhem espaço e poder para transformar essa construção simbólica que afeta diretamente a vida dos moradores da cidade, especialmente os mais jovens.

Com tantas narrativas obscurecidas pelo foco nos problemas e ausências da cidade, as memórias, a cultura e a identidade que fortalecem o vínculo entre as pessoas e com o território são deixadas no esquecimento. Como superar tantos desafios sem um sentimento de pertença e identificação com o lugar em que se vive? Como ter esperança de desenvolvimento e melhorias em meio à escuridão das trevas? Uma vez que a maioria das pesquisas de caráter

² População estimada, segundo dados fornecidos pelo IBGE em 2019.

³ Segundo Reinaldo Matias Fleuri, em seu artigo que reúne pesquisas desenvolvidas pelo grupo “Educação Intercultural e Movimentos Sociais”, a pesquisadora Catherine Walsh em seus estudos sobre colonialidade,

científico que tratam da cidade de Ribeirão das Neves tem foco quase que exclusivo para assuntos como segregação espacial, violência e vulnerabilidade social, a ideia central deste projeto é buscar conhecer e analisar essa disputa de narrativas sobre Ribeirão das Neves buscando um olhar alternativo de superação do discurso, já tão repetido, das ausências e vulnerabilidades.

Outro aspecto importante e inspirador do livro está relacionado ao estilo de escrita de Davis. Ela trata de assuntos demasiadamente complexos, que inclusive colocam em cheque discursos oficiais construídos ao longo de décadas nos EUA, com uma simplicidade e clareza que permite pessoas de diferentes graus de escolaridade, culturas e classes sociais compreenderem e se identificarem, de uma forma ou de outra, com o tema em questão. Além disso, é notório seu posicionamento militante e combativo diante das questões classistas, feministas e antirracistas, revelando uma conversa que quer atingir, principalmente, as pessoas de classes subalternizadas e marginalizadas, para ampliar o conhecimento histórico e sua conscientização crítica diante da realidade atual.

Essa postura também tem refletido na minha escolha de escrita, pois vejo como um ato político de resistência a toda essa lógica colonialista a escolha das palavras e a preocupação com as pessoas que ela deseja alcançar com seu livro. Da mesma forma, ainda que as normas gramaticais e códigos linguísticos próprios da produção acadêmica ofereçam limites, tenho buscado escrever da maneira mais simples e direta possível. Construindo uma narrativa coerente com quem eu sou e com o objetivo deste projeto, deixando as marcas da minha oralidade e cultura transparecerem no meu texto, e ainda facilitando a leitura e compreensão para o público que está fora dos muros da universidade, pois meu maior intento e justificativa para este projeto é que outros jovens neveses consigam se aproximar do conhecimento científico e transpor as barreiras da colonialidade do saber³. Afinal, esta pesquisa trata de um grupo de jovens skatistas que transpuseram a ausência de espaços próprios para prática esportiva, transformando um coreto numa pista, e eles merecem o devido respeito e reconhecimento também na minha escrita.

Acredito que a juventude é o momento de trilhar novos caminhos em busca de si mesmo, de reconhecimento de sua trajetória, de construção e afirmação de sua identidade, de

³ Segundo Reinaldo Matias Fleuri, em seu artigo que reúne pesquisas desenvolvidas pelo grupo “Educação Intercultural e Movimentos Sociais”, a pesquisadora Catherine Walsh em seus estudos sobre colonialidade, defende que a colonialidade do saber aborda a suposição de que a Europa se constitui como centro de produção do conhecimento, descartando a viabilidade de outras racionalidades epistêmicas e de outros conhecimentos que não sejam os dos homens brancos europeus ou europeizados e induzindo à subalternização das lógicas desenvolvidas historicamente por comunidades ancestrais.

seus valores e de inserção plena na vida social. Os jovens possuem um grande potencial para se reinventarem e tornarem-se protagonistas da própria vida, com capacidade de sonhar e de transformar sua própria realidade. E, por isso, é fundamental que estes jovens compreendam o processo da comunicação e as influências dos discursos midiáticos, bem como das muitas disputas narrativas que tecem a nossa história de vida.

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em um discurso durante a Conferência anual – TED Global 2009, que aconteceu entre os dias 21 e 24 de julho em Oxford, Reino Unido, falou sobre “os perigos da história única”. Ela contou sua história, como se tornou uma escritora e lidou com os preconceitos sofridos pelos povos africanos, que são comumente apresentados de maneira simplória e homogênea. Ouvindo seu discurso, pensei em como minha história de vida, a história da minha cidade e dos demais cidadãos nevesenses se aproximam da experiência dela. As construções simbólicas sobre Ribeirão das Neves parecem estar também ligadas a um jogo de poder que utiliza das narrativas para que um povo historicamente subalternizado continue sob o poder de outro dominante.

(...) sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é “nkali”. É um substantivo que livremente se traduz: “ser maior do que o outro”. Como nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do “nkali”. Como é contada, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa (ADICHIE, 2009).

Compreender as relações de poder que perpassam as narrativas oficiais possibilita a ampliação do olhar sobre a nossa própria realidade, em busca da própria voz e de novas narrativas autorais que transformem para melhor o entendimento que um povo tem de si mesmo e de seu modo de viver. Somente tomando consciência de quem somos e porque somos, podemos projetar o futuro em busca da nossa melhor versão, da nossa própria voz, o que para os jovens moradores do Ribeirão que ganhou os noticiários por ser “das Trevas” é fundamental. Essa pesquisa traz em seu cerne a necessidade de lançar luz e novos olhares para este território historicamente estigmatizado pela mídia e oficialmente pelo Estado.

“Por que você tá tirando foto da gente?” A simpatia e a magia da fotografia como metodologia de pesquisa

Inicialmente, meu problema de pesquisa se resumia a investigar como as narrativas jornalísticas influenciavam a construção de identidades dos jovens da cidade de Ribeirão das Neves, com o intuito de responder se o discurso das “trevas” produzia algum impacto na

autoestima das juventudes. O projeto ainda não estava muito bem definido, faltava um campo de pesquisa e um caminho mais consolidado.

O processo de orientação, nesse sentido, foi fundamental para os rumos que esta pesquisa ganhou. O conhecimento de vida, trajetória acadêmica e sensibilidade da professora doutora e minha orientadora, Janaína Damaceno Gomes, ajudaram-na a perceber que mais do que respostas prontas e leituras indicativas de possibilidades metodológicas, eu precisava me encontrar comigo mesma como pesquisadora, e também fazer a experiência do encontro antropológico com meu campo de pesquisa. Na nossa primeira conversa, ela me pediu para apresentar a cidade e me fez uma pergunta: Como é Ribeirão das Neves? Então, sugeri que eu utilizasse a fotografia, cujas técnicas me eram familiares devido a minha formação como jornalista, como um recurso tecnológico para mostrar a minha cidade a ela.

Com a missão de produzir um ensaio fotográfico sobre Neves, voltei para casa, tirei a câmera semiprofissional do armário e decidi sair um dia caminhando pelos pontos mais conhecidos para registrar como eu via as trevas e as luzes do meu lugar. Comecei logo no início da manhã pela minha própria rua e, enquanto tirava fotos, alguns moradores começaram a me abordar perguntando se era alguma reportagem, pois queriam aproveitar para reclamar. O caminho que tinha imaginado percorrer de certa maneira “solo” passou a ser modificado a partir das intervenções das pessoas do bairro. Acabei chegando à Pracinha do Felixlândia, no intuito de mostrar o descaso com o que deveria ser um local de lazer e convivência para os moradores. Porém, eu acabei tendo um encontro que mudaria completamente os rumos dessa pesquisa, ainda que não soubesse disso.

Dois garotos estavam sentados conversando e precisei me aproximar e explicar minha intenção de fotografar, para o caso de eles não se sentirem à vontade em aparecer na imagem. Um dos garotos, que estava de bicicleta, falou que tinha vergonha e aproveitaria para ir embora, mas sugeri que eu fotografasse seu amigo, que prontamente se candidatou a posar no que ele chamou de “minha pracinha”. Mais tarde, eu chamei de “A pracinha do Nathan”:

Figura 8 - Pracinha do Natan



Fonte: Acervo Rafaela Goltara, 2018.

Conversamos alguns minutos, enquanto eu explicava o motivo das fotos e acabamos falando informalmente sobre as Trevas do Ribeirão. Nathan contou que era novo na cidade e que ainda estranhava o fato de não ter nada para fazer, apontando como a pracinha que deveria ser uma opção de lazer estava coberta de mato e lixo nos canteiros. O tema do lixo me lembrou do lixão a céu aberto, que me levou às ruas do bairro Viena e ao Centro Socioeducativo localizado na região; em seguida à LMG-806, via de acesso ao centro da cidade em que também fiz uma parada para fotografar os presídios ao longo da estrada. A câmera fotográfica acabou funcionando como um bilhete de acesso aos locais e atraindo a atenção de pessoas que pediam para serem fotografadas, contavam suas histórias ou aproveitavam para fazer algum tipo de lamento sobre o descaso político com as questões da cidade.

Todos esses encontros me levaram, já no entardecer, à Praça de Justinópolis (principal praça da cidade localizada próximo à divisa com Belo Horizonte). Vi alguns jovens andando de skate no estacionamento da Igreja e resolvi fazer uma fotografia:

Figura 9 - Skatistas no estacionamento da Igreja



Fonte: Acervo Rafaela Goltara, 2018.

O barulho do flash chamou a atenção dos rapazes, que se aproximaram desconfiados perguntando por que eu estava tirando foto deles. Antes que eu me explicasse, o mesmo jovem Nathan que eu havia encontrado mais cedo, coincidentemente estava no local, me reconheceu e acabou participando e mediando a conversa. Ele me apresentou como sua amiga, dizendo que eu estava pesquisando sobre a cidade e já havia inclusive o entrevistado. Interessados, os outros dois jovens (Alexandre e Wesley) se apresentaram e acabamos os quatro sentados no chão conversando sobre a ideia da minha pesquisa que ainda não estava formada.

O resultado desse encontro foi a descoberta do grupo de skatistas *Just Crew Skateboard*, do qual eles faziam parte, que utilizava o coreto da praça e, mais recentemente, o estacionamento da igreja como pista para seus skates. O grupo reformou a praça e o coreto, adaptando o local com obstáculos construídos por eles próprios para a prática esportiva do skate. Reúnem-se, ensinam uns aos outros e divulgam a modalidade na região desde os anos 2000. Eles me disseram que tinham interesse em me contar a história do grupo para, quem sabe, serem eles os protagonistas da minha pesquisa. Convocaram os demais da *crew* para um novo encontro no dia seguinte e me pediram para levar a câmera a fim de gravar o bate papo coletivo.

No dia seguinte, nos encontramos novamente e a câmera fotográfica funcionou como filmadora, pois eles queriam gravar seu relato de forma conjunta, como numa grande roda de conversa. Optei por filmar todo nosso papo para não precisar perder tempo anotando as falas e, assim, acompanhar a conversa mais integralmente. Ao término da gravação, eles pediram para que eu aproveitasse a câmera a fim de tirar uma foto de todos que estavam lá, e criaram um grupo no *whatsapp* para que eu compartilhasse o material audiovisual com eles. Isto porque a *Just Crew* possui redes sociais ativas que ajudam a divulgar o trabalho para outros jovens e para possíveis colaboradores, dessa forma, as imagens serviriam de conteúdo e visibilidade ao grupo.

Figura 10 - - Foto da Just Crew Skateboard ao término da gravação



Fonte: Acervo Rafaela Goltara, 2018.

Voltei para a FEBF (UERJ) com uma centena de fotos e algumas horas de gravação com os skatistas, além de uma boa dose de ansiedade sobre como começar a direcionar a pesquisa. Eu não sabia se poderia utilizar as gravações e nem as fotografias no texto da dissertação, e ainda não havia compreendido a magnitude desse encontro, pois me preocupava se estava fugindo da ideia central do projeto de pesquisa aprovado. Foi a partir desse momento que Janaína me olhou e me disse: “Você percebe que essa narrativa oficial não determina nada para eles? São os skatistas que estão influenciando a cidade contando outra

história, uma história bem mais interessante do que as trevas do Ribeirão”. Essa frase me tocou profundamente, mesmo que eu não tivesse compreendido totalmente naquele momento. Ela continuou me olhando e emendou: “Que maravilha, você encontrou o seu campo! Agora escreva tudo da mesma maneira como me contou, me conte essa história no papel, dê movimento a ela assim como o skate.” E assim nasceu essa dissertação, de uma câmera, um encontro e uma fotografia.

Depois de toda essa escrita, Janaína passou a me apresentar autores e estudos que me ajudavam a compreender e analisar melhor todo o material que eu tinha em mãos. Compreendi que tinha feito um processo conhecido como “descrição densa”, termo utilizado por Clifford Geertz (1978) para explicar o processo etnográfico dentro do campo da Antropologia. Para entender melhor se a Etnografia era mesmo o caminho metodológico que eu estava percorrendo, me inscrevi em uma aula sobre etnografia, além de buscar também conhecer o trabalho de José Guilherme Magnani (2002) que propõe uma etnografia urbana, um jeito de pesquisar com um olhar “de perto e de dentro”, que valorize tanto os atores sociais que serão estudados quanto a paisagem em que a atividade se desenrola como sendo parte constitutiva da situação em análise.

Acabei conhecendo também o trabalho de Janice Caiafa (2007), que sugere uma abordagem metodológica da etnografia da simpatia, e foi esse o conceito que mais tocou meu coração e fez sentido para a experiência que estava sendo tecida entre esta pesquisadora e os skatistas nevenses. A palavra simpatia tem origem no latim e significa “comunhão de sentimentos”. De acordo com o Portal Origem da Palavra⁴, é derivada de Sympatheia, SYM (junto) + PATHOS (sentimento), e poderia ser compreendida como a “capacidade de sentir o mesmo que outrem, de ser afetado pelos sentimentos alheios (positivos ou negativos)”. Para Caiafa, experimentar a simpatia é como romper os limites da própria identidade, saindo de si e indo para fora ao encontro dos outros, criando uma nova relação de agenciamento.

Para de alguma forma encontrar os companheiros de campo, é preciso apenas ter algo a ver com eles, alguma coisa para agenciar com eles. Para realizar isso, seria preciso, de novo, uma disposição para se deixar afetar pelo que nos cerca, de forma que a identidade a que estamos habituados não nos impeça de partilhar as paixões ali presentes (CAIAFA, 2007, p. 154).

Eu tinha algo a ver com eles, também sou uma jovem moradora de Ribeirão das Neves e convivo com as mesmas intempéries e a mesma narrativa oficial que me segue e me apresenta antecipadamente em todos os lugares. No entanto, apesar dessa primeira coisa a se

⁴ Portal Origem da Palavra disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/simpatia/>, acessado em 3 de março de 2020.

agenciar com eles, a câmera fotográfica que foi o verdadeiro algo a nos aproximar, fez com que eles me afetassem de uma maneira transcendental diante da paixão que eles nutriam pelo skate e uns pelos outros. Nós passamos a compartilhar não só os sentimentos relacionados ao nosso território e nossa experiência de vida como nevenses, como também compartilhamos fotografias, câmera, olhares.

A fotografia foi o nosso ponto de encontro, uma forma de junção simpática entre mim e os skatistas. A imagem estabeleceu a simpatia que criou as bases do nosso relacionamento, pois foi assim que nos permitimos conhecer uns aos outros, compartilhar de uma mesma paixão, de um mesmo sentimento. A imagem criou a simpatia que fez do nosso encontro pura poesia. Essa comunhão de sentimentos possibilitou que essa experiência etnográfica ganhasse forma no ato de compartilhar imagens e olhares: meus para eles e com eles, deles para mim e comigo, olhares deles e meu para a cidade, e da cidade para eles, para mim e para nós. O que aconteceu conosco foi a descoberta da imagem como simpatia, um novo jeito de olhar e de ser olhado, de compartilhar e entrar em comunhão com sentimentos alheios, uma nova forma de fazer pesquisa e etnografia.

De acordo com Janice Caiafa (2007), a etnografia tem origens nos estudos sociológicos e, posteriormente, na Antropologia. É um tipo de pesquisa que permite ao pesquisador se incluir no processo; não só analisar dados colhidos em campo, mas participar da construção desse conhecimento.

A inclusão do pesquisador na situação que ele investiga é um aspecto inarredável da pesquisa etnográfica, já que ela envolve observação intensiva e em algum grau, uma convivência. Partilhar uma experiência complexa com os informantes ou companheiros – com os “outros” que encontramos no campo – vem sendo uma marca da pesquisa etnográfica (CAIAFA, 2007, p.38).

O trabalho de campo acabou me incluindo no processo de forma surpreendente, mesmo que eu só tenha me dado conta disso depois de já ter assumido o que Caiafa (2007) chama de “atitude etnográfica”, uma forma de estabelecer uma relação com o outro que está sendo pesquisado e de se colocar na pesquisa também. Para ela, essa “atitude” é um “método-pensamento” que permite que a etnografia possa ser transferível a outras áreas do conhecimento. Como é o caso desta pesquisa, que está situada no campo da Educação, mas em diálogo aberto com os estudos sobre Cultura, Comunicação e, agora, com a Antropologia, permitindo que esse fazer etnográfico conduzisse essa investigação.

Quando comecei a olhar as fotos que havia tirado no encontro, me senti uma versão feminina de Sebastião Salgado e fiquei encantada com as imagens capturadas. Porém, quando compartilhei com os demais, recebi uma chuva de perguntas como “Com quem você

compartilhou essas fotos?”, “Você pode voltar amanhã?”, e outros tantos comentários de “Meu Deus, que droga!”, “Nossa, vai queimar nosso filme isso daí”. Eu fiquei tão decepcionada e não conseguia compreender o motivo de não terem gostado daquelas imagens que pra mim eram lindas. Mas eles me explicaram que como fotógrafa de skatistas, eu era péssima. Para eles, o importante era mostrar o tipo de pulo e manobra que estavam realizando para que outros skatistas pudessem admirar e não criticar. Além disso, as imagens gravadas não poderiam ser de um ponto fixo, como eu tinha realizado, mas precisavam acompanhar todo o movimento que o skatista faz com seu shape do início ao fim, revelando a técnica utilizada.

Figura 11 - De 50 imagens, a única aprovada por eles para utilização



Fonte: Acervo Rafaela Goltara, 2018.

Esse encontro foi o que me transformou em pesquisadora e devo isso à generosidade da *Just Crew* em compartilhar comigo suas experiências e conhecimentos, e me permitirem trocar com eles também. O grupo no *whatsapp* deixou de ter apenas a função de enviar as fotos daquele dia e passou a ser um espaço de diálogo entre nós, até que da conversa surgiu a ideia de produzirmos um documentário sobre a cidade a partir do olhar do grupo. Como eu estava morando no Rio de Janeiro e não poderia acompanhá-los naquele período, deixei

minha câmera fotográfica com o Alexandre para que eles mesmos fizessem as imagens e gravações que achassem importantes. O resultado é percebido nos vários vídeos de manobras radicais que eles produziram, em seus mais variados graus de dificuldade e imagens qualificadas porque foram feitas pelo olhar técnico de skatistas.

Assim, essa pesquisa ganhou os contornos construídos de forma coletiva e a investigação sobre as narrativas da cidade mudou de perspectiva, pois enfim começou a fazer sentido a fala da minha orientadora de que não eram eles os afetados e influenciados pela dominância das narrativas das trevas e ausências, de forma passiva, mas sim os que entravam em disputa assumindo um novo poder de contar outra história sobre a cidade. A *Just Crew* também mudou minha concepção sobre o papel da fotografia nesse fazer metodológico, pois não era mais apenas uma questão de analisar as representações contidas nas fotos e o modo como foram criadas, mas o simbolismo contido no simples gesto de apontar uma câmera fotográfica para dois garotos numa praça.

Ao olhar as fotografias do grupo, o que primeiro fica visível é a imagem deles próprios: homens, jovens, negros, skatistas. O que essa imagem diz? De acordo com Sylvia Caiuby Novaes (2008, p.463), “ao contemplar uma foto, frequentemente o que se vê não é apenas o que ali está representado pela intenção do fotógrafo, mas o que ela evoca no universo das experiências pessoais de quem a contempla”. No entanto, muitas vezes somos levados a interpretar fotografias como cópias idênticas da realidade.

Para Novaes (2008), esse conflito tem origem na capacidade que a fotografia tem de estar bem mais próxima do que apresenta do que estão as palavras em um texto, por exemplo, como se fosse um efeito de mágica. Para ela, “além da semelhança entre a imagem e o real que ela representa, na fotografia o referente adere à imagem tal como nas práticas mágicas, em que se supõe que qualquer elemento que tenha tido contato com uma pessoa possa, pelo contágio, remeter a ela” (Novaes, 2008, p. 462). Dessa forma, as fotografias assumem a capacidade de nos iludir com a ideia de natural e transparente que transmitem, escondendo “os inúmeros mecanismos de representação de que resultam”.

Tirar uma fotografia não é, então, uma forma de capturar a realidade de forma transparente e natural. É um ato discursivo, que tem poder de criar significado e simbolismos sobre o que se está retratando, portanto, não é difícil entender porque apontar uma câmera para alguém pode gerar desconforto e desconfiança. Guilherme Aderaldo (2013) chamou a atenção em sua pesquisa com grupos de produtores de audiovisual em coletivos culturais de São Paulo para a importância da construção e disputa simbólica de imagens pelos próprios jovens moradores de periferias e produtores que se identificam com a periferia.

Ele destaca como o tema “periferia” passou a despertar o interesse mercadológico num tom crescente que envolve financiamentos e negociações em dinheiro, e como os produtores da/na periferia constroem e desconstroem esse conceito de formas distintas, dependendo do contexto em que estão inseridos e do que pretendem alcançar. Eles desmistificam a noção de senso comum que se instaurou nas produções do cinema nacional sobre a lógica de separação entre centro e periferia. “O que eles realmente fazem, para além de uma simples ressignificação do termo ‘periferia’, conforme eu supunha no início da pesquisa, é relativizarem a ideia de ‘centro’” (ADERALDO, 2013, p.328).

Todo esse interesse, que de repente as universidades e produtores audiovisuais começaram a demonstrar em territórios e pessoas relegadas ao esquecimento, causa estranhamento. Rose Satiko Hikiji (2009, p. 120) relata os desafios que encontrou quando resolveu fazer uma etnografia desenvolvendo um filme como antropóloga e fomentando a produção de outro filme para um grupo da “quebrada”. “Em diversos momentos, ouvi questionamentos acerca do lugar do antropólogo/documentarista que quer falar sobre eles, sobre o movimento que protagonizam. Nestes momentos, eles defendem a posição de que podem falar e, de fato, falam sobre si próprios”.

Novaes (2008) então, propõe que a imagem seja utilizada como um recurso enriquecedor para a escrita antropológica, porque oferece a possibilidade de compartilhar com os leitores um pouco da experiência do pesquisador com a cena retratada, ao mesmo tempo em que não conclui e nem determina a cultura. Ela acredita que as conversas que temos com nossos interlocutores no campo não são a principal fonte de aprendizado, e sim a experiência que esse encontro proporciona. As imagens utilizadas na escrita antropológica podem oferecer conhecimento por meio da familiaridade, assim como o texto oferece pela descrição.

E na evocação através das imagens, o papel do receptor é fundamental. Neste novo conceito de conhecimento antropológico, o significado não resulta apenas de uma reflexão sobre a experiência; ele necessariamente inclui a experiência – talvez de modo algo próximo àquele de alguém que se submete às práticas mágicas (NOVAES, 2008, p. 471)

Então, o que essa fotografia dos jovens com seus skates posando no coreto da praça quer nos dizer? A cultura, a experiência de vida de cada espectador, irá, com certeza, produzir interpretações das mais diversas. O que você vê quando olha pra ela? Eu, quando vejo essa foto, não consigo desassociá-la da experiência do nosso encontro e de tudo que eles partilharam. Homens negros, jovens, moradores de uma periferia conhecida por seus presídios e pauta dos jornais e das piadas maldosas de motoristas de uber e moradores de cidades vizinhas, quando estão parados em uma praça da cidade no meio da tarde recebem primeiro os

olhares de desconfiança, de medo, de julgamento. Inúmeras vezes são abordados pela polícia ou repelidos por transeuntes que trazem nos olhos o aprendizado do estereótipo: “na certa são marginais ou estão usando drogas”.

O tempo todo em que estão na praça, eles precisam se proteger e procurar parceiros de “notável credibilidade” para evitar serem reprimidos pela polícia, que passou de carro várias vezes nos encarando somente no curto período em que estive com eles gravando a conversa. Parceiros como o padre da Igreja, que cedeu o estacionamento para que eles praticassem com mais segurança; comerciantes locais e familiares, que os conhecem e oferecem apoio numa tentativa de desmistificar o rótulo de menores desocupados vandalizando a praça.

Quando eu apareci, de repente, apontando a lente da minha câmera fotográfica sem trocarmos nenhuma palavra, foi como se também apontasse o dedo que os revela na clandestinidade. O ângulo escolhido e o posicionamento diante da cena vista já me permitem criar uma narrativa sobre aqueles garotos, pois a fotografia tem a capacidade de fazer um recorte da realidade e transpor o tempo. Assim como a narrativa oficial vem atravessando o tempo e as gerações, marcando a cidade de Ribeirão das Neves como um lugar das trevas.

Se o encontro etnográfico consiste em um relato de experiências vividas e compartilhadas, fotografias enquanto meios e produtos dessa experiência fornecem pronunciamentos visuais dos indivíduos portadores e criadores de suas culturas e do etnógrafo que recria um universo de sentido (BITTENCOURT, 1994, p. 239).

No meu caso e da experiência dessa etnografia, acredito que na verdade foram os skatistas que me encontraram com sua simpatia e me incluíram no processo de se autorrepresentarem e compartilharem suas experiências comigo. A empatia, como diz Caiafa (2007), é por vezes supervalorizada como uma virtude de se colocar no lugar do outro e sentir como o outro se sente. Mas como etnógrafa seria uma pena se eu ousasse me colocar no lugar deles e assumir para mim suas palavras e sentimentos. Não só as fotografias trazem o pronunciamento visual da *Just Crew*, mas também a câmera fotográfica e como ela passou de objeto de intimidação para facilitadora de uma relação de simpatia que transformou e enriqueceu esse relato etnográfico.

Bendita seja a simpatia, a capacidade de se sentir atraído e se identificar com algo no outro. Bendita seja a simpatia antropológica que, assim com o coração aberto a trocar, conhecer e agenciar com o outro, permite trazer para dentro da universidade o espaço de diálogo honesto e interessado, a vontade de aprender com o outro e a possibilidade de lançar novos olhares sobre o mundo.

Essa pesquisa tem como **objetivo geral** analisar como os jovens skatistas da Praça de Justinópolis estão superando a narrativa das ausências, contestando o estigma da cidade e apresentando uma narrativa que valoriza a vida e as sociabilidades. Para alcançar este intento, os **objetivos específicos** ajudam a nortear os rumos da pesquisa:

- Conhecer a história dos skatistas da praça, como eles se tornaram um grupo e se apropriaram deste espaço público;
- Investigar como a cidade de Ribeirão das Neves é retratada nas narrativas do Estado, dos noticiários e dos pesquisadores, a fim de analisar qual a imagem e identidade construída a partir desses recortes;
- Analisar como a disputa de narrativas sobre a cidade cria também uma disputa de poder e influência na construção da identidade pelos jovens e sua relação com o território.

Desta investigação surgiu a necessidade de responder se as narrativas e experiências dos jovens skatistas estão construindo uma nova narrativa ou uma narrativa alternativa para Ribeirão das Neves. É possível superar tantos rótulos negativos e ausências com uma narrativa que valoriza a vida, a sociabilidade, em vez do enclausuramento? Como a apropriação de um espaço público por um grupo de jovens constrói uma narrativa mais complexa e entra em conflito com a narrativa dominante “das trevas”?

Há também um cuidado especial com o texto, com a forma de apresentação deste trabalho etnográfico, pois como bem salientou Caiafa (2007, p. 152) “a simpatia é o afeto que nos permite entrar em ligação com os heterogêneos que nos cercam, agir com eles, escrever com eles”. Por isso, os capítulos vão sendo construídos a partir da relação de encontro e dos agenciamentos entre esta pesquisadora e os skatistas, e a investigação sobre a disputa de narrativas vai sendo conhecida por meio desse diálogo. Dessa forma, não são apenas minhas palavras, minha interpretação ou descrição do campo que serão encontradas neste texto, mas toda a construção coletiva e os novos conhecimentos que surgiram desse encontro, tornando os skatistas coautores desta dissertação.

Quadro Teórico

O quadro teórico foi construído a partir dessa experiência e agenciamentos, pois como Caiafa (2007, p. 140) também destacou, “quando a experiência de campo inspira a teoria, é possível conseguir uma inteligibilidade dos fenômenos que pouco tem de interpretação, é mais uma forma de experimentação, agora com o pensamento e a escritura”.

A experiência compartilhada pela *Just Crew* suscitou reflexões com as pesquisas de Giancarlo Machado, que fala sobre a prática do skate analisando a relação de grupos de skatistas com a cidade de São Paulo, no intuito de melhor compreender a formação da *Just*

Crew e sua maneira singular de apropriação do espaço urbano; os estudos sobre sociabilidades, narrativas e identidades dos autores Stuart Hall e bell hooks; as pesquisas sobre as cidades, sociedades urbanas e narrativas nas cidades de Teresa Caldeira, Henri Lefebvre, David Harvey e Michel Agier; os estudos sobre racismo e interseccionalidades de Achille Mbembe, Angela Davis, Kabengele Munanga e Patricia Hill-Collins; o estudo sobre estigma de Erving Goffman; as pesquisas sobre etnografia e antropologia visual de José Guilherme Magnani, Janice Caiafa, Guilherme Aderaldo, Rose Satiko e Sylvia Caiuby Novaes; e as pesquisas dos nevenses Antônio Benvindo, Marcos Antônio Silva e Ágnes Lélis, Marcela Menezes e Vanessa Silva.

1 *JUST CREW SKATEBOARD*– DA SOLIDÃO À MULTIDÃO

Figura 12 - Praça de Justinópolis



Fonte: Acervo Rafaela Goltara, 2018.

Praça da Igreja Matriz, do telhado azul. Esse é o ponto de referência para qualquer pessoa saber que chegou ao centro de Justinópolis, regional do município mineiro de Ribeirão das Neves. Por ser uma cidade de grande extensão territorial, mas com distâncias consideráveis entre os principais bairros e centros comerciais, a prefeitura fez uma divisão logística em regionais: Centro, Veneza e Justinópolis.

A Praça de Justinópolis é também lugar de referência para quem está indo de Belo Horizonte ao Centro da cidade. Era nesse local que, há alguns anos, aconteciam os principais eventos da cidade, geralmente relacionados às festividades religiosas ou comícios políticos (nunca vou me esquecer do show do KLB), por sua localização estratégica e proximidade com o bairro Venda Nova, já na região de Belo Horizonte.

Nessa mesma praça, eu e minha família sempre parávamos aos domingos pra tomar sorvete na sorveteria Beijinho Doce e pegar fitas de vídeo na Locadora da Praça, depois de sair do clube que se localizava atrás da igreja (hoje é uma garagem de ônibus). Com o passar dos anos e as novas demandas de trabalho e estudo em Belo Horizonte, deixei de frequentar a praça aos domingos. Além disso, a sorveteria e a locadora fecharam e começaram a ocorrer casos de assalto e pessoas fazendo uso de drogas na Praça, o que também contribuiu para meu afastamento do lugar e também o de outras famílias.

Por isso, foi com surpresa que vi essa praça ganhar movimento e superlotação de jovens nas noites de 2016, enquanto voltava do trabalho já por volta das dez da noite. Mas depois de alguns meses o movimento arrefeceu. E hoje, o maior movimento se deve à reunião de um grupo de adolescentes e jovens que fizeram do coreto da praça sua pista de skate. Eu já tinha visto um ou outro por lá, pela janela do ônibus. Mas meu primeiro encontro com eles aconteceu de um jeito inesperado e quem sabe, encomendado pelo destino. Saí uma manhã para fotografar os lugares mais conhecidos da cidade e acabei percorrendo o caminho que descrevi anteriormente na metodologia, que agora acrescento detalhes do momento em que cheguei à Praça até encontrar a *crew*.

Já com o entardecer apontando no horizonte, resolvi visitar o Arquivo Público que tinha sido transferido para um antigo colégio desativado próximo à Praça de Justinópolis. O arquivo ocupa o espaço de uma sala de aula, bem escondido nos fundos da escola que agora reúne setores de serviço público, destinados aos moradores da regional. Eu estava em busca de informações sobre a história de Ribeirão das Neves, e enquanto olhava os poucos documentos salvos (como as primeiras atas da câmara dos vereadores), escutava um senhor reclamar do descaso com os documentos e história da cidade. Segundo ele, o arquivo já tinha sido transferido outras três vezes, e sempre se perdiam documentos e peças no traslado. Para ele, a prefeitura não dá o devido valor à história de Ribeirão das Neves, e são poucas as vezes em que há um estímulo para tornar os movimentos culturais e artísticos mais conhecidos entre a população.

Solicitei no Arquivo os documentos e livros que contassem a história da cidade, e recebi a informação de que não havia nenhum livro ou material com esse conteúdo, somente a Ata assinada pelos vereadores na data de emancipação do município, 12 de dezembro de 1953. Porém, o responsável imprimiu um texto sobre a cidade, que consta no Arquivo Público Mineiro, e me entregou, pedindo para que eu fosse até BH se quisesse conferir pessoalmente esse material. Além disso, pude conferir alguns jornais antigos com notícias sobre a cidade, e uma pasta com fotos impressas do movimento cultural que é patrimônio de Ribeirão das Neves – o Congado. Depois, saí em direção à Praça da Matriz, onde pegaria o ônibus para voltar pra casa. Mas a primeira coisa que vi foram uns garotos fazendo manobras de skate dentro do estacionamento da igreja. Tirei uma foto e o flash chamou a atenção deles.

Me aproximei para explicar o motivo de tê-los fotografado e encontrei coincidentemente, o Nathan, o jovem da pracinha do Felixlândia, que agora estava andando de skate com aqueles dois rapazes, Alexandre e Wesley. Nathan mediu o início da conversa, explicando para os demais que eu estava fazendo uma pesquisa e que ele mesmo já tinha

falado comigo. Logo, estávamos sentados no chão enquanto eles me contavam sobre como conheceram e se tornaram parte da *Just Crew Skateboard*.

Figura 13 - Skatistas no estacionamento da Igreja



Fonte: Acervo Rafaela Goltara, 2018.

Um estava sozinho em casa, desanimado por não ter o que fazer. Outro passou pela praça e viu caras mais velhos fazendo coisas “muito doidas, da hora mesmo” com o skate. E outro ainda, tentou uma volta no skate de um amigo e decidiu que queria aprender isso. Todos, em comum, falaram sobre a tristeza e desânimo de ficar em casa todo dia só assistindo televisão, sem ter o que fazer. De acordo com dados do último censo realizado em 2010 pelo IBGE, a população jovem com idade entre 15 e 29 anos⁵ residente no município nevensense era estimada em mais de 84 mil habitantes. Desses, aproximadamente 56 mil estavam em situação economicamente ativa.

Somando-se a esses dados todo o contexto já relatado sobre o território nevensense, é possível compreender a angústia relatada pelos jovens pela falta de ocupação criativa nos horários em que não estavam na escola. Para a maioria deles, a televisão era a companheira das horas vagas, mas assistir à programação não preenchia o vazio. Por isso, eles estavam em busca de alguma novidade, algo que os tirasse da inércia e da solidão que era ter apenas uma televisão como companhia em casa.

⁵ A definição de população jovem segue a orientação do Estatuto da Juventude (Lei 12.852, de 5 de agosto de 2013) que considera jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos.

Cada um desses solitários, em momentos distintos, se rendeu às ruas em busca de algo que devolvesse o brilho no olhar e a alegria. Acabaram descobrindo, na praçinha de Justinópolis, alguns jovens com seus skates e se aproximaram para observar. Os skatistas mais antigos da praça conheciam muito bem aquele olhar de curiosidade e a solidão por detrás do silêncio observador. E se deixaram conhecer, ao mesmo tempo em que se abriram para conhecer aqueles que passavam pela praça. Mesmo sem saber muito bem o que fazer, os que foram chegando encontraram nesse grupo aquilo que estavam buscando, permitindo que o skate vencesse o silêncio das tardes dando lugar para uma grande *crew* (palavra em inglês que quer dizer “galera”).

1.1 Quem são os jovens skatistas e como se tornaram uma *crew*?

O skate é uma modalidade esportiva que ganhou visibilidade e atraiu muitos jovens nos últimos anos, especialmente, por unir diversão e adrenalina. Segundo o antropólogo Giancarlo Marques Carraro Machado, até a metade da década de 1950, o skate não passava de um brinquedo improvisado com rodas de patins e tábuas de madeira, utilizado apenas para o entretenimento. Só ganhou novos significados a partir da experiência de surfistas norte-americanos que, devido à incerteza da regularidade de ondas californianas para surfar, se apropriaram das tábuas de rodinhas.

Após alterarem seus formatos, ficando semelhantes a uma pequena prancha, elas se tornaram uma espécie de surfe sobre rodas. Através das mesmas os surfistas podiam, de certo modo, surfar a qualquer momento e em muitos lugares, transpondo alguns dos movimentos antes feitos dentro d’água para diversos equipamentos urbanos (MACHADO, 2011, pg.14).

Giancarlo analisou a prática, os adeptos da modalidade e as sociabilidades promovidas pelo skate em São Paulo em suas pesquisas de graduação, mestrado e doutorado. Na dissertação “De carrinho pela cidade: a prática do *street skate* em SP”, ele se aprofunda na modalidade *Street Skate* que tem como objetivo a prática do skate nas ruas das cidades. Essa modalidade também é a adotada pela *Just Crew Skateboard*, em Ribeirão das Neves, com algumas características particulares que veremos mais adiante.

Entretanto, ‘andar de skate’ nas ruas não significa dizer que os skatistas, munidos de seus ‘carrinhos’, circulem por aí dando somente impulsos em asfaltos e calçadas, por entre pedestres, carros, motos, caminhões e outros veículos. Ao contrário, eles transitam e interagem com a dinâmica urbana tendo em vista a procura por picos, isto é, equipamentos urbanos dotados de certas características que possibilitam a prática do skate (MACHADO, 2011, pg. 23).

Um dado que chama atenção na pesquisa de Giancarlo (2011) é a apresentação do perfil dos skatistas com relação à classe econômica ao qual pertencem. Na época de sua investigação, ele constatou que 42% dos praticantes situavam-se nas classes A e B, o que seria justificado pelos altos custos de compra e manutenção dos equipamentos. Porém, esse perfil vem sendo modificado ao longo dos anos, como indica a última pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha em 2015, encomendada pela Confederação Brasileira de Skate (CBSK). As estatísticas revelam que 48% dos praticantes se encontram agora na Classe C, ultrapassando os 44% de praticantes concentrados nas Classes A e B, e 27% nas classes D e E.

A pesquisa Datafolha revela ainda que 11% dos domicílios brasileiros possuem pelo menos um morador que pratica skate, sendo a maior concentração nas regiões metropolitanas do Sudeste brasileiro. 81% dos praticantes são do sexo masculino e 19% feminino, e é mais praticado entre jovens com a média de idade de 15 anos. A pesquisa não revelou dados relacionados à cor ou raça.

O skate em Ribeirão das Neves segue o perfil da pesquisa, a cidade se encontra na região metropolitana de Belo Horizonte e o grupo de skatistas é composto em sua maioria por homens, que iniciaram a prática esportiva entre 12 e 17 anos. Porém, chama a atenção que dos nove integrantes da Just Crew que participaram desta pesquisa, todos são negros e pertencentes às classes D e E. Sete estão na faixa etária de 15 a 29 anos e dois possuem mais de 35 anos. Apenas uma menina, de 17 anos, participou de um momento da entrevista se apresentando como skatista. Ela também é negra. Ou seja, eles já começam, por aqui, a fugir do padrão do que se espera sobre os skatistas. Afinal, eles são pobres e negros.

Davidson Maurício Meireles, mais conhecido como Deivim, é um dos criadores da *Just Crew Skateboard*. Ele tem 38 anos de idade e começou a andar de skate aos 13. Desde então explora as ruas da cidade com seu *carrinho*⁶. Segundo ele, a prática do skate na “quebrada” (proximidades da Praça de Justinópolis) começou no ano 2000 com um *rolê* entre amigos que buscavam descontração. A pracinha virou ponto de encontro do grupo para praticar skate, ainda antes de se denominarem como uma “*crew*”. 18 anos depois, o grupo resiste de maneira dinâmica, “tem sempre alguém saindo e alguém entrando”. Davidson, Wesley e Israel são os pioneiros que continuam até hoje mantendo a relação de grupo com

⁶Segundo Giancarlo Machado (2011), “carrinho” é um termo para skate e “andar de skate” é um termo para se referir à prática do skate, todos são códigos linguísticos nativos, ou seja, conhecidos e utilizados pelos skatistas.

quem vai chegando e fazendo os “corres”⁷ para a construção de obstáculos e demais atividades do grupo na cidade.

Então, eu tô aí. Eu tô andando de skate há muito tempo aqui no bairro. E, nunca parei, nunca desisti de andar de skate. Sempre gostei. Desde os 13 anos também que eu ando de skate. E, e colando aqui, tentando fazer o movimento crescer. Direto aí colava um, esse foi o primeiro. O Wesley foi o primeiro que começou com 13 anos aí com a gente, tá aí até hoje, e cada dia que passa chega um diferente, chega um pra colar, pra aprender, e eu tô aí só pra dar as dicas né. Não é nem um professor não (risos). Eu fico uma pessoa que dá as dicas, eles perguntam eu dou as dicas, tamo aí daquele jeito (DAVIDSON. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, abril de 2018).

Wesley Queiroz da Silva, apresentado em tom de brincadeira pelos demais como Wesley Snipes - em referência ao ator norte-americano homônimo – tem 26 anos e integra a *crew* há mais de uma década.

Ah, eu vinha aqui na praça aqui, eu era, eu tinha 13 anos. Via os menino andar ali, ficava vendo eles andar ali. O Carlim, o Deivim, aí, ele foi, o Carlim foi e perguntou eu “você quer andar de skate fi? Dá um rolê aí.” Aí eu fui, dei um rolê, aí ele foi e falou assim que ia montar um skate pra mim. Até hoje eu tô na pegada. Só tô parado hoje porque eu tô machucado (WESLEY. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, abril de 2018).

Wendel Israel, 19 anos; Gabriel, 18; Alexandre, 19. Os três já eram amigos antes de se interessarem pelo skate e acabaram reforçando os laços quando conheceram a modalidade. De acordo com Gabriel e apoiado pelos demais, a praça é como uma segunda casa e a *Just Crew* é como uma família. Gabriel e Alexandre chegaram até a compartilhar o mesmo skate quando começaram a praticar.

É... a gente começou junto. É... eu conheci o skate através, acho que do mesmo cara, não foi? O Breno. Aí, dei uma volta no skate e falei “nó, esse negócio é da hora demai”, aí fiquei tudo emocionado. Aí fui corri, tinha um dinheiro guardado num cofrinho lá, quebrei e comprei um skate do Ben 10. Aí eu e ele já era melhor amigo antes do skate, aí eu falei “nó, vão andar de skate zé, é um negócio da hora”. Aí a gente tinha um skate do Ben 10. Aí a gente começou a vir pra praça dividir o mesmo skate. E a gente fica aê, não sabia nada. Não sabia. Todo desengonçado, não sabia nada. A gente dividia o mesmo skate. E, o pessoal pegava o skate e falava assim “ow, isso aí é de brinquedo óh, esse trem é leve”. Pra nós era o trem mais pesado do mundo, era difícil, mas nós gostava. E a gente ficou assim vários meses, mais de uns seis meses dividindo o mesmo skate. E, até hoje (GABRIEL. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, abril de 2018).

Com o apoio de um cabo de vassoura, os dois amigos treinavam em casa antes de se arriscarem no coreto da praça. Segundo Alexandre, a praça se tornou a segunda casa há pouco mais de um ano e três meses.

⁷Corres – na linguagem dos skatistas da *Just Crew*, fazer um corre é basicamente correr atrás dos equipamentos necessários, apoios, parcerias, patrocínios para que o grupo continue com suas atividades.

É que aí surgiu a oportunidade de comprar outro skate. Mas é isso aí. Acabou que a gente comprou né. E a gente começou a andar aqui mesmo, a gente anda nessa praça. A gente anda mais ou menos há um ano e três meses. A gente andava mais dentro de casa, aprendia as coisas dentro de casa. Aí a gente conhecemo. A gente chegou aqui e não conversava com muita gente não. Só quem a gente estudava. Pessoa, igual o Deivim, eu não conhecia. Só via passando aqui. Passava e ia embora, mal ficava. Aí chegou uma época que eu tava desistindo de andar de skate. Falei “Ah, não aprendia nada. Não vou andar de skate mais. Aí o Deivim apareceu do nada. O Wesley apareceu. Eu via o Wesley andar e falava “pô, eu quero andar assim”. O Deivim andava e eu falava “nó, que doido! Eu quero andar assim também”. Aí eu conheci os cara e até hoje andando, nem pretendo parar (ALEXANDRE. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, abril de 2018).

Wendel diz que a paixão pelo skate não só o livrou do tédio das tardes como também ampliou seu círculo de amizade e convivência.

Ah eu comecei há uns dois anos atrás, porque eu tava muito parado lá em casa e, uns amigo meu, que não tá aqui, andava na escola. Aí eu comecei a se interessar e ele, hoje nem tá aqui. Ele nem anda muito de skate não, e eu continuei. Essas amizade aqui, tudo foi por causa do skate que eu conheci essas, essa galera aqui (WENDEL. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, abril de 2018).

Elias se mudou para Ribeirão das Neves há cerca de quatro anos, e também se rendeu ao skate pelo incentivo de um amigo. É o mesmo caso do Nathan, que também se mudou há pouco tempo para a cidade e descobriu que uma alternativa à pracinha abandonada do bairro Felixlândia era a praça dos skatistas em Justinópolis.

Eu cheguei aqui, eu comecei a andar por causa de um colega meu, Isaías. A gente foi lá no Mineirão, andou lá, eu gostei. Aí depois de um tempo eu consegui juntar um dinheiro, e comprei um. Aí eu fiquei sabendo que aqui na praça tinha gente que andava, aí eu vim cá. E até hoje, tamo indo. Deve ter uns quatro anos que eu moro em Ribeirão das Neves (ELIAS. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, abril de 2018).

Por meio desses depoimentos é possível perceber que a ausência de uma ocupação profissional e a falta de opções de espaço de convivência e lazer são compartilhadas por todos como as principais razões para o tédio e solidão que sentiam. O skate chegou como uma novidade apresentada de amigo a amigo, oferecendo a emoção que tanto buscavam para preencher os vazios. E foi por causa da identificação entre esses jovens que a amizade se fortaleceu, transformando o grupo de skatistas em uma família, como Gabriel ressaltou durante a entrevista: “Essa praça aqui também é minha segunda casa, junto com a *Just Crew* aí, minha família”. Esses são apenas alguns dos jovens que participam do movimento e que se dispuseram a contar a história do grupo nessa primeira entrevista. Ao todo, cerca de 30 outros jovens se revezam no fortalecimento do grupo e na prática de skate na Praça.

Fazer parte desse grupo não só os tornou praticantes de *street skate* mas também transformou a vida desses jovens, como eles mesmos destacam, mudando completamente a rotina e o modo como se sentiam e se enxergavam.

Antes do skate, eu era muito desanimado, não tinha muitas amizades. Agora, daqui, conheço todo mundo. Eu já conheci os familiar de alguns aqui, tem dia que eu tô lá em casa lá, e tô meio desanimado, talvez até triste, eu venho pra cá, sento uma manobra e fico feliz três dias direto. Então é isso aí (WENDEL. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, abril 2018).

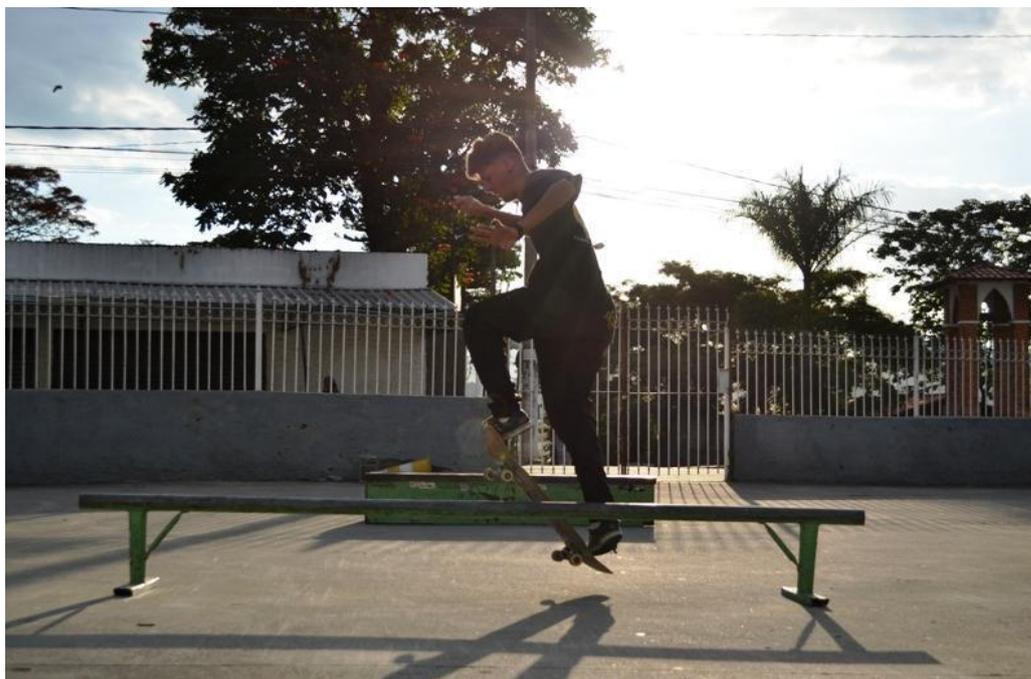
Antes de eu começar a andar de skate eu ficava muito em casa, não saía muito. Aí depois que eu comecei a andar de skate, eu comecei a sair, conhecer outras pessoas, divertir mais. Eu ficava muito na minha, quieto, é que eu sou... não sei... um tiquim extrovertido, sei lá, mas é isso aí mesmo (ELIAS. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, abril de 2018).

De acordo com Davidson, a Praça de Justinópolis foi escolhida por suas características físicas que facilitavam a realização das manobras com o skate.

Na verdade, aqui em Ribeirão das Neves não tinha um lugar específico pra andar de skate né. Mal, mal, tinha asfalto. E o único lugar que tinha com o chão liso era o coreto aqui. O coreto da pracinha. Aí a gente reunia aqui pra andar porque é o melhor piso que tem. Hoje a gente tem um outro espaço, que é dentro da igreja, que o padre cedia o espaço pra gente. E é chão liso mesmo né, pro skate evoluir (DAVIDSON. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, abril de 2018).

A pracinha é quase uma extensão da igreja bem ao lado, e por isso, fica movimentada nos horários de missa e outras atividades paroquiais. Porém, com a reforma do pátio e estacionamento da igreja, o piso ficou com uma textura lisa que atraiu os skatistas. O padre responsável pela Paróquia na época, Antônio Moacir Rocha, decidiu liberar o estacionamento, nos horários em que não havia atividade na igreja, para o grupo. Assim, a *crew* adaptou alguns obstáculos e passou a utilizar o espaço quase diariamente, alternando a prática entre o estacionamento e o coreto.

Figura 14 - Alexandre andando de skate no estacionamento



Fonte: Acervo Rafaela Goltara, 2018.

O termo “*crew*” é um código próprio do skate para definir os grupos, como explica Giancarlo.

Para afirmar as relações, muitos deles criam as chamadas *crews*, ou seja, uma forma de associação constituída por aqueles que se consideram amigos e que estão sempre juntos, seja andando de skate ou participando de outras atividades (...). No entanto, nem todos os skatistas fazem parte de uma *crew*. Muitos possuem relações mais intensas com uma série de amigos, como uma *crew*, mas nem por isso se denominam como tal. Desse modo, é importante frisar que o termo é uma construção coletiva nativa daqueles que vivenciam experiências cotidianas em conjunto (MACHADO, 2011, pg.62-63).

A linguagem e os conceitos próprios do skate foram disseminados entre eles por meio de vídeos divulgados na plataforma do Youtube, que eles buscaram para conhecer mais sobre o esporte e as manobras radicais, e também pela influência de Deivim, Israel e Wesley. Ainda hoje, eles exercem uma função de líderes do grupo e são referenciados pelos demais por sua disponibilidade em motivar a “*crew*”, organizar campeonatos e compartilhar seu conhecimento técnico com o grupo.

Apesar disso, eles não se restringem ao círculo de amizades constituído nessa *crew*. Através do skate, vão conhecendo outras *crews* e jovens adeptos da modalidade ou que participam de ações coletivas semelhantes, criando uma grande rede de apoio e contato. Como é o caso do grupo de skate do centro de Ribeirão das Neves, chamado Neves Gamba, que

contou com a parceria da *Just Crew* na realização de um campeonato em julho de 2018. O campeonato reuniu adolescentes e jovens de dentro e fora da cidade, e recebeu o apoio de um vereador da cidade que se comprometeu a buscar incentivos para a prática do skate no município, bem como propor uma lei para estabelecer o Dia Municipal do Skate.

O nome do grupo traz a referência da linguagem do skate, mas também o simbolismo da relação construída entre eles. De acordo com Deivim, o termo *Just* vem do nome da regional nevensense, Justinópolis, e *Crew*, por também significar galera, “é uma galera que reuniu aí para andar de skate”. O grupo existe e resiste há 18 anos, mas só ganhou esse nome recentemente, com os novos integrantes. Alexandre explicou que eles passaram a dar nome oficialmente para o grupo depois que sentiram necessidade de compartilhar vídeos nas redes sociais, com o intuito de dar mais visibilidade às ações.

A gente começou mesmo com o nome *Just Crew* foi através de um canal no Youtube que a gente decidiu criar. Aí desde então a gente pensou em criar a blusa, página no Facebook, página no Instagram, foi mais através disso mesmo: daquela vontade de ter um canal no Youtube. Ah! Não fazer, não, mas que nome que nós vão colocar? Não, o Deivim fala muito *Just crew*, vamos colocar *justcrew*. Aí foi assim que a gente colocou o nome *Just Crew* (ALEXANDRE. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, abril de 2018).

Foi por causa dessa rede que aquela multidão de jovens, que tanto me chamou a atenção, passou a se encontrar na praça durante as noites. Um grupo liderado pelo DJ Rudolph Ferreira organizava o evento *Batalha no Coreto*, que eram batalhas de MCs no coreto da Praça de Justinópolis. De acordo com o artigo publicado na *Revista Arruaça*⁸, os MCs são rappers que duelam pela rima e improvisação, valorizando elementos como a intimidade com as palavras, a destreza do pensamento e a língua afiada.

Há dois tipos de batalha de rap: a do conhecimento e a de sangue. Na primeira, os MCs têm que desenvolver as rimas a partir de temas que podem ser pré-estabelecidos pelos organizadores ou escolhidos pela plateia no momento do evento. Já na segunda, os MCs devem atacar verbalmente o seu adversário. Ambas são duelos de improvisação (REVISTA ARRUAÇA, edição 02, dez. 2014).

De acordo com Davidson, o grupo parceiro da *Just Crew* resistiu por algum tempo organizando as batalhas na Praça de Justinópolis, mas foram vencidos pelo problema da má iluminação no local. “Eles estavam no escuro mesmo, só que algumas pessoas se aproveitavam para fazer uso de drogas e os policiais começaram a repreender a galera aqui. Acabou que o movimento aqui terminou, mas o evento continua acontecendo no parque ecológico do centro de Neves”.

⁸ Revista Arruaça, edição 2, dezembro de 2014. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/revista-arruaca/batalha-de-rap-intimidade-com-palavras-atraves-das-rimas/> Acesso em: 31/07/2018.

O grupo Batalha no Coreto ainda mantém uma página oficial⁹ na rede social Facebook, e lá deixaram registrados, em diversos *posts*, o problema com o consumo de drogas no local, a repressão violenta da polícia e a tentativa dos organizadores de lidar com o problema e resistir.

Figura 15 - Print Fanpage Batalha do Coreto



Fonte: Fanpage Batalha no coreto, 2018, facebook.

⁹A página do grupo Batalha no Coreto está disponível no Facebook em: <https://pt-br.facebook.com/batalhaderapnocoeto/>. Acesso em: 10/08/2018.

Figura 16 - Post relatando a dificuldade na organização das Batalhas



The image shows a screenshot of a Facebook page for 'Batalha no coreto' (@batalhaderapnocoreto). The page header includes the name and handle, a 'Página inicial' menu with options like 'Sobre', 'Fotos', 'Eventos', 'Publicações', 'Comunidade', and 'Informações e anúncios', and a 'Criar uma Página' button. The main content area displays a post from September 6, 2017, with the text: 'Só força!!! como "não" estamos com alvará o mano Shot Leo Nogueira continua a fazer a batalha do coreto na resistência. E hoje o mano Davis foi o grande campeão só força'. Below this is a post from August 28, 2017, by 'Batalha no coreto' stating: 'Quarta-feira, dia 30/08/17 não terá batalha mais uma vez! Em breve, voltaremos!'. This post is a share of a longer text by 'Rudolph Ferreira' from the same date, which discusses the cancellation of the event due to a lack of support from the local government and police, and mentions the presence of marijuana users at the event.

Fonte: Fanpage Batalha no coreto, 2018, facebook.

Figura 17 - Post explicando as ações do grupo para solucionar



Batalha no coreto
@batalhaderapnocoreto

Página inicial

- Sobre
- Fotos
- Eventos
- Publicações
- Comunidade
- Informações e anúncios

[Criar uma Página](#)

Batalha no coreto compartilhou a publicação de Rudolph Ferreira.
16 de agosto de 2017 · 🌐

Rudolph Ferreira está 😞 se sentindo triste com Glaucia Camila e outras 86 pessoas.
16 de agosto de 2017 · 🌐

A #BatalhaNoCoreto é um evento que acontece todas as quarta-feiras no coreto da Praça Da Igreja Nossa Senhora Da Piedade, em Justinópolis, desde 2014 e conta com a participação do Dj Rudolph Ferreira desde 2016. Apesar da nossa intenção ser contrária e de não incentivarmos o uso de entorpecentes e não tolerarmos brigas, o local é carente de alternativas de lazer e é bem propício a tal prática. Já a um tempo, tenho tentado com Eduardo Rodrigues e o pessoal da Secretaria de Cultura de Ribeirão Das Neves uma autorização formal pro evento acontecer, pra evitar o que aconteceu nessa quarta-feira. A Polícia Militar interrompeu a batalha pela metade, com bastante opressão pra cima dos participantes e das pessoas que, infelizmente, estragam o local, dando motivo pra essa repressão. Houve disparo de bombas e a PM portava cassetes e armas calibre 12. Me pediram pra desligar o som e eu desliguei, mas não quero desistir da rapaziada de Justinópolis, porém, eu e alguns organizadores só faremos a próxima edição quando conseguirmos do pessoal da Prefeitura apoio e um ofício omitido pedindo o trabalho da Polícia Militar. Lá tinham pessoas que não foram pra fumar maconha, foram pra rimar e assistir e, sem dever, permaneceram até o final. Poxa, nossa intenção é boa, nos próximos dias, tentarei com o apoio dos envolvidos na organização, a autorização devida e conto com ajuda de geral!

Curtir **Comentar**

Fonte: Fanpage Batalha no coreto, 2018, facebook.

Figura 18 - Just Crew na Batalha do Coreto



Batalha no coreto
@batalhaderapnocoreto

Página inicial

- Sobre
- Fotos
- Eventos
- Publicações
- Comunidade
- Informações e anúncios

[Criar uma Página](#)

Batalha no coreto compartilhou a foto de Wesley Silva Skt.
31 de maio de 2017 · 🌐

Obrigado a cada um que cola na Batalha no coreto
Game Of Skate #JUSTCREW na última quarta-feira, dia 31/06/17!



Wesley Silva Skt atualizou a foto da capa dele.
31 de maio de 2017 · 🌐

Curtir **Comentar**

Batalha no coreto, Wagner Sartrê e outras 2 pessoas curtiram isso.

Fonte: Fanpage Batalha no coreto, 2018, facebook.

Com o fim das batalhas de MCs, o skate voltou a ser o personagem principal do cenário da pracinha, e principal motivador para transformações pessoais e também de um novo modelo de apropriação do espaço público nevensense. De acordo com a *Just Crew*, a prefeitura chegou a iniciar a construção de uma pista de skate no bairro Guadalajara, na região de Justinópolis, porém a obra foi abandonada antes de ser finalizada o que impede que os jovens possam utilizá-la para a prática do esporte. O local, de acordo com o grupo, é atualmente ocupado por pessoas que fazem uso e tráfico de drogas.

Na ausência de uma pista de skate e locais de convivência voltados para o público jovem, o grupo decidiu promover reformas no coreto a fim de adaptar o espaço para a prática esportiva, bem como reformar toda a extensão da Praça, ocupando o espaço público e transformando-o em um lugar de encontro para os amigos. De acordo com Davidson, a reforma do coreto serviu como um estímulo para que as autoridades públicas investissem na iluminação da praça.

A praça também é... antes da gente revitalizar ela não tinha luz. Ela tava abandonada mesmo, praticamente abandonada. Não tinha luz, a galera tava usando muito pra tá fazendo uso de droga. Então através dessa reforma aqui a gente conseguiu entrar em contato com o padre Antônio, que ligou, entrou em contato com a CEMIG. Aí iluminaram. Colocaram iluminação. Aqui no coreto também não tinha luz, a gente captou uma luz, e quando escurece acende também. É pra trazer mais a galera mesmo. Trazer mais as pessoas, famílias, crianças, pra tá vindo na praça né (DAVIDSON. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, abril de 2018).

Além disso, a *Just Crew* decidiu organizar um campeonato de skate com o apoio do padre Antônio, que cedeu o espaço do estacionamento da Igreja para a realização da atividade com os jovens. Por causa do campeonato, o grupo precisou tampar alguns buracos no chão para evitar quedas dos skatistas e essa pequena reforma inspirou uma grande reforma que se estendeu por toda a Praça.

Na verdade, a gente promoveu um campeonato de skate aqui, foi dentro da...da Igreja. Aí a gente adaptamo aqui e começamos a... a melhorar, a tampar os buracos. Só que aí tava ficando tão bom, que a galera animou da gente começar a pintar o muro também, pintar os bancos, e revitalizar não só o lugar que a gente anda de skate, mas também a praça toda (DAVIDSON. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, abril de 2018).

A reforma da praça mobilizou toda a *Just Crew*, seus amigos e parceiros que contribuíram com doações de materiais. A mobilização chamou, inclusive, a atenção da imprensa gerando uma reportagem no jornal da Record Minas e para um jornal local¹⁰.

¹⁰ A matéria publicada no Portal Ribeirão das Neves.net pode ser conferida no site. Disponível em: <http://ribeiraodasneves.net/blog/6833-acao-com-as-proprias-maos>. Acesso em: 10/08/2018

Segundo Alexandre, o grupo conquistou não só um espaço mais bonito e agradável para conviver e andar de skate, como ainda atraiu visitantes de fora da cidade.

A gente pensou tipo assim 'ah, se a praça ficar mais bonita ela vai chamar mais a atenção. Vai que a gente consegue, sei lá, uma ajuda até pra construir mais coisas aqui pra gente. E a praça aqui ela ficava muito parada. Aí depois que a gente fizemos essa adaptação aqui na praça, chegou os vip, veio gente de fora andar aqui, pelas coisas que a gente tem aqui. É isso (ALEXANDRE. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, abril de 2018).

Figura 19 - Reforma do coreto



Fonte: Portal Ribeirão das Neves, 2018.

Figura 20 - Reforma da Praça de Justinópolis



Fonte: Just Crew Skateboard, 2017.

Figura 21 - Reforma e limpeza do canteiro da Praça



Fonte: *Just Crew Skateboard*, 2018.

Depois dessa entrevista, Alexandre sugeriu que criássemos um grupo no *whatsapp* para que eu pudesse compartilhar com eles as fotos que tinha tirado e fosse mandando informações sobre a pesquisa. As quatro fotografias anteriores, mostrando o antes e depois da Praça de Justinópolis, foram as que eles tiraram na ocasião e me enviaram pelo aplicativo de conversas online. Eu também enviei as minhas fotos, em especial uma que eles gostaram muito que foi feita a pedido deles. Da esquerda para a direita estão Gabriel, Wesley, Elias, Davidson, Alexandre, Wendel e Nathan.

Figura 22 - Just Crew Skateboard



Fonte: Acervo Rafaela Goltara, 2018.

Eu precisei voltar para o Rio de Janeiro, cidade em que tenho morado com auxílio da bolsa da CAPES, para dar continuidade ao processo e disciplinas do mestrado. Mas mantemos o diálogo por meio do grupo formado no *whatsapp*, e algumas vezes eles compartilhavam vídeos em que faziam manobras com o skate. Editei um pequeno vídeo com algumas imagens deles andando de skate no coreto, que fiz com a minha câmera no dia do bate papo e enviei para que eles opinassem. Mas eles ficaram um pouco incomodados por terem poucas imagens consideradas boas, em que eles acertavam as manobras e com o enquadramento adequado. Alexandre me explicou que ao filmar um skatista, a câmera precisa acompanhar todo o movimento do skatista e não se manter parada gravando de um único ponto, como eu tinha feito.

Nesse meio tempo, durante uma das reuniões com a minha orientadora Janaína Damaceno, percebemos que o foco da pesquisa precisava ser adaptado. Isto porque inicialmente eu buscava entender se as narrativas dominantes que apresentavam a cidade de forma negativa exerciam influência sobre a construção de identidade daqueles jovens. Mas o que eles estavam trazendo ia bem mais além do que isso, afinal, apesar de todas as narrativas contrárias, eles é que estavam criando uma nova história, intervindo no território e influenciando opiniões de outras pessoas sobre a cidade. Por isso, decidimos que era mais interessante conhecer Ribeirão das Neves por meio da narrativa dos skatistas. Comentei com

eles no grupo, via mensagem, sobre a possibilidade de uma nova conversa sobre o tema e chegamos à conclusão que seria interessante a construção de um documentário, em que eles pudessem gravar as cenas do skate na cidade e apresentarem sua própria história.

Em junho de 2018 passei rapidamente por Ribeirão das Neves e aproveitei para perguntar sobre como faríamos pra começar as gravações. Eles já estavam ansiosos, mas faltava equipamento adequado. Eu tenho uma câmera fotográfica semiprofissional que também grava vídeos com uma qualidade maior de captação de imagens, mas como estava ficando mais no RJ do que lá seria inviável dependerem de mim para as filmagens. Assim, decidi deixar minha câmera com eles enquanto eu estivesse fora para que pudessem gravar o que julgassem importante. Alexandre foi até a minha casa buscar a câmera e acabamos conversando um pouco sobre a educação formal. Ele, assim como os demais, mostrava um pouco de curiosidade sobre o que seria o mestrado e o que eu fazia morando em outro estado. Contei um pouco sobre a minha trajetória escolar e ele compartilhou um pouco da sua própria.

Alexandre, recém-formado no Ensino Médio, era um bom aluno e tirava boas notas no colégio. Devido ao seu bom desempenho, chegou a conseguir uma bolsa para um projeto de esportes da UFMG em que treinava uma modalidade de luta. Mas uma contusão o afastou do projeto, e desde então, ele vinha se dedicando mais ao skate. Ele me contou que não tinha muito interesse em ingressar na universidade, especialmente por causa do tempo de dedicação exigido. Para Alexandre, um curso técnico talvez fosse o mais indicado por permitir uma aplicação mais rápida no mercado de trabalho, possibilitando que ele encontrasse um bom emprego ou investisse em um negócio próprio.

Eu falei sobre outras possibilidades que ele poderia considerar, como concursos públicos, a própria graduação, e que dar prosseguimento aos estudos no meu caso foi algo positivo, que ajudou a transformar minha vida para melhor. Alexandre pareceu considerar mais alternativas, mas eu fiquei com a sensação de que ele achava que dar continuidade ao processo de educação formal, nos moldes do ensino superior, talvez não “fosse pra ele”. Ele me disse, em outra conversa sobre o assunto no *whatsapp*, que apesar da pressão dos pais para que ingressasse no Ensino Superior, ele admirava os grandes skatistas e grandes mecânicos, vendedores, que conquistaram uma boa condição de vida fazendo o que gostam sem precisar passar pela concorrência de uma prova e pela faculdade. Atualmente, ele trabalha como vendedor em uma loja de um shopping em Belo Horizonte.

Os garotos ficaram com a câmera de junho até início do mês de agosto, e fizeram vários vídeos de rolês com o skate. Realmente, um skatista tem um olhar diferenciado para capturar as imagens em movimento de outro skatista em ação. Recebi vários vídeos de

qualidade ótima, que compõe o webdocumentário que estamos construindo juntos. Eles aproveitam os vídeos que gravam para compartilhar nas redes sociais do grupo e divulgar as ações para outros seguidores e admiradores da *Just Crew*.

Em outubro de 2018 eu voltei a Ribeirão das Neves com a missão de nos encontrarmos para que pudéssemos conversar sobre o vídeo que eles estavam ajudando a produzir. No primeiro encontro, eu compartilhei com os que estavam presentes um pouco sobre os desdobramentos do tema da pesquisa e eles se empolgaram para gravar novos depoimentos com outros integrantes da *Just Crew* que não estavam na primeira gravação. Assim, marcamos uma nova data de encontro na semana seguinte.

No dia marcado, estavam presentes os que participaram da primeira gravação: Davidson, Wesley, Gabriel e Alexandre; e os que falariam pela primeira vez: Breno e Israel, que também é um dos líderes do grupo. Além deles, outros skatistas apareceram e ficaram fazendo manobras de skate durante todo o tempo das gravações, mas preferiram não gravar depoimentos por se sentirem envergonhados.

Eu não estava com perguntas muito elaboradas, como a ideia da gravação partiu deles deixei que conduzissem o processo. Mas no início, eles estavam um pouco sem jeito, sem saber como começar, e então resolvi fazer uma pergunta ao Davidson, que estava mais desinibido para falar diante da câmera. Perguntei que Ribeirão das Neves a *Just Crew* estava construindo por meio do skate.

Ah, a gente tá construindo uma Neves, a gente tá tentando né, construir uma Neves com mais esporte né véi, com mais espaço, com mais cultura também, com mais espaço pra gente praticar o skate que é a vida da gente né vei, o que a gente ama fazer. E trazer mais essa molecada véi, quanto mais menino melhor, quanto mais adolescente melhor, pra gente tentar tirar eles da rua né véi, porque querendo ou não a criminalidade aqui em Neves, ela impera né véi. Tem muita boca de fumo, tem muita negatividade, e tá mais próximo da molecada né. O que tá mais próximo deles né. Então, a gente, a Neves que eu quero, que a gente tá tentando nessa crew construir, a Justcrew, é criar esse esporte né véi, usar o esporte como ferramenta pra tá unindo essa molecada, né véi, pra mostrar pra ela uma visão diferente que o skate pode dar (DAVIDSON. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

A partir daí, eles se empolgaram e sugeriram que eu os filmasse conversando em grupo, pois quando estavam juntos todos tinham muitas boas ideias e falavam sobre temas importantes que, sozinhos, acabavam esquecendo por ficarem com vergonha. Então, aceitei o pedido e passei a gravar os depoimentos conforme eles iam se posicionando diante da câmera e interagindo uns com os outros. O primeiro assunto que surgiu foi o desânimo que alguns vinham sentindo, pela falta de opção de locais para a prática de skate na cidade.

Chega aqui, todo dia a mesma coisa, a gente tenta a mesma manobra por tal motivo, tipo assim, a estrutura não é a estrutura pra se andar de skate. Estrutura pra andar de

skate precisa de um chão liso né, precisa de umas coisa legal e... aqui não tem. A estrutura aqui pra andar de skate não tem. A gente sempre reforma, sempre tampa buraco, mas em questão de 1, 2 semanas já tá aqui tudo de novo. Entendeu? Tudo de novo... Aí o que acontece, a gente vai andar de skate, se a gente não for pra outros lugares, a gente não anda, fica em casa. Porque chega aqui pra andar, não dá pra andar. Não dá. A única coisa que a gente tem pra andar aqui, tipo anda mais, é o pátio da igreja. O pátio da igreja tem um chão mais liso. A gente construiu uns obstáculos e coloca os obstáculos lá, e é uma forma melhor da gente andar de skate ali. E aqui, a gente anda aqui quando lá tá fechado. A gente anda aqui, e tenta né! A gente faz o possível pra poder andar aqui, a gente faz obstáculos. A gente faz o nosso corre pra poder andar de skate. Ou a gente sai pra outro lugar. Só que sair pra outro lugar é bem mais longe, tem que ir pro lado de Belo Horizonte. E aí é bem mais difícil ir lá (ALEXANDRE. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

Gabriel concordou com o amigo e explicou que a praça era legal durante o tempo em que ainda tinha a novidade de não ter conseguido realizar as manobras radicais com os obstáculos disponíveis. Porém, ao alcançar o nível máximo ali, eles começam a perder o interesse porque não podem colocar em prática coisas novas. “E a gente quer coisas novas, sei lá por uma escada aí”, conta.

Mas, ao mesmo tempo em que se queixam da falta de novidades do espaço, eles afirmam que o skate continua proporcionando mais do que eles jamais pensaram em conquistar. Alexandre ressalta que a antes de conhecer o skate, a amizade se resumia em sua relação com o Gabriel.

Não tinha mais ninguém, só tinha nós de amizade. Olha aqui (apontando para os demais) o tanto de gente que a gente é amigo agora por causa do skate. Foi o que o skate proporcionou pra gente, o skate é isso, o skate não é um equipamento de quatro rodas. Um equipamento traz, é um equipamento realmente, mas ele traz uma amizade, traz uma coisa a mais pra gente. Antes era só eu e ele, eu e ele e mais nada. A amizade era só isso. E ir pra escola. Agora a gente tem todo mundo, e todo mundo é tipo muito unido, vai andar de skate todo mundo (ALEXANDRE. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

É... Às vezes a gente nem vem, nem, tipo, tá tão a fim de andar de skate, mas pega o skate e vem pra praça, dá um rolê e aí já anima, vai pra outros lugares. Mas o que a gente queria mesmo era sem precisar de ficar saindo pra outros lugares, sabe? É meio trabalhoso poder, tipo ir lá pro centro, a gente queria ter tipo o nosso local. Porque é igual tem, tipo, o centro tem o pessoal que anda no centro, é o pessoal de lá. A gente quer ter o nosso aqui em Neves, o pessoal de Neves. A gente é esse pessoal (GABRIEL. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

A dificuldade apontada por eles em ir para o centro da capital mineira se deve à distância aproximada de 40 km que devem ser percorridos por meio dos ônibus coletivos. Mas como contei na introdução deste trabalho, com a mudança para o sistema do MOVE, ir para o centro de Belo Horizonte se tornou uma tarefa cansativa que pode levar mais de duas horas entre espera de uma condução para outra, além de enfrentar as longas filas e a

superlotação. O que eles querem é poder ter seu próprio território e espaço de sociabilidades, prática esportiva e de lazer na cidade em que vivem. Querem ter orgulho de dizer que são “o pessoal de Neves”. Mas eles não se rendem, mesmo reclamando da falta de estrutura.

É... e o quê que acontece? A gente é assim, a gente no skate o que a gente faz, a gente não tem um obstáculo, a gente vai lá e constrói. Aquele obstáculo já, a gente já chegou no nível máximo do obstáculo, a gente vai e constrói outro maior. Não tem aquele outro maior, já foi, e assim por diante. A gente constrói, a gente faz com o que a gente tem, entendeu? A gente quer a gente faz, a gente consegue, e é isso. Não tem segredo (ALEXANDRE. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

O que tem os deixado angustiados é que o espaço do coreto e do estacionamento da igreja já não permite mais a construção de obstáculos maiores, devido às características físicas do lugar. A criatividade do grupo está sendo bloqueada pela impotência diante de um lugar que já recebeu toda sorte de transformações e intervenções da *Just Crew*. “E aí não dá, não rende mais, não evolui. Não tem mais evolução. Não tem mais onde construir” (Alexandre, outubro de 2018).

Israel, também conhecido como Negrete, é um dos engenheiros da *Just Crew*. Ele é o responsável por efetivar as transformações físicas imaginadas pelo grupo.

Infelizmente a gente não tem estrutura. Então o que a gente faz? O pouco de grana que a gente consegue ou o apoio que a gente tem, a gente compra material. Madeira, corrimão. Aí nessa parte entra eu e o Rico. O Rico entra na solda e eu entro com a madeira. E a gente faz um palco, corrimão, tudo por conta da gente mesmo, porque... não adianta velho, juntar a galera pra andar no reto todo dia. Não dá. Não dá porque os meninos desanimam. Então a gente consegue o espaço, tem o espaço da igreja, constrói os obstáculos e chama a galera, e todo mundo curte ali. Entendeu? Quando tem campeonato também, geralmente tem muito desgaste de andar todo dia. Quando tem campeonato a gente junta todo mundo, reforma os obstáculos tudo, entendeu? E... parte pro rolê (ISRAEL. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

Israel afirma que o grupo tem criatividade e conhecimento técnico adquirido nos 18 anos de caminhada do skate em Neves, mas não consegue realizar muito mais do que já têm feito por falta de apoio do governo. Para ele, bastava que doassem o local e a verba para comprar material que o restante eles fariam.

Então aquilo...ali cê vai adquirindo experiência, entendeu, tudo que ce faz com paixão, ce ganha experiência, entendeu? Então você vai trabalhando em cima daquilo, vai pesquisando. Hoje se a gente tivesse um espaço nosso, entendeu, a gente daria conta. Um espaço e patrocínio, financeiramente, a gente daria conta de construir uma pista de skate tranquilo. Em termos de engenharia, mão de obra... (ISRAEL. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

A falta de estrutura adequada para a prática não foi o único obstáculo encarado pela *Just Crew*. Israel se lembra do preconceito que enfrentavam especialmente, por parte das famílias dos jovens.

Antigamente mãe de muleque não gostava que os meninos colava com a gente, tá ligado? Aquela impressão que tinha mal da gente. Então a gente mesmo foi mudando isso véi, tá ligado? Os filhos da gente vêm andar com a gente, meus meninos andam aí com a gente quando tem tempo e tal. Vai mudando aquele parâmetro que as pessoas enxergam entendeu? Do skate e tudo. Que a gente é largado mesmo, procê vê aí oh, calça larga, cabelo atrapalhado, é o estilo da gente né. Mas... todo mundo é família, todo mundo é correria, entendeu? E tá aí porque realmente gosta do esporte, porque ama isso de coração mesmo, tá ligado? (ISRAEL. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves,, outubro de 2018).

Esse amor pelo esporte e os laços de amizade e trocas de experiências de vida construídos em torno do coreto ajudam a compreender a longevidade do grupo, afinal já são 18 anos de resistência ocupando a praça com jovens em seus skates. São essas memórias que Israel compartilha com um sorriso largo no rosto.

Antes do skate eu era meio paradoço, tá ligado? Tipo, individual assim né. O skate não véi, o skate ele é união demais. Entendeu? É muito união. Então, raramente você vê um skatista sozinho. Entendeu? Ele é sempre grupo, coletivo. Entendeu? Então na minha vida isso foi bom demais véi. Hoje em dia eu tenho trabalho aí com os meninos, já tive um trabalho inclusive com adolescente lá na comunidade Dandara (ocupação do Movimento Sem Terra numa região da cidade), tá ligado? Tudo que o skate fez por mim, tá ligado? Que fez brotar em mim essa união, esse coletivo, de querer ajudar, de tá junto, entendeu? Porque skate é isso véi, o cara tá errando a manobra cê chega lá “pô véi, faz assim, põe o pé aqui”. É exatamente um pelo outro véi, é uma união do caralho. E isso na vida da gente, nossa, vale demais véi, vale muito mesmo tá ligado? E tô até hoje véi, tenho uma caminhada de uns 18 anos mais ou menos, de skate... por aí, 17 a 18 anos. E tô aí, aprendendo até hoje com a molecada (ISRAEL. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

Breno Eurico Lopes da Silva, 17 anos, chegou pulando e sorrindo pra sua vez de falar, e começou deixando claro que o skate mudou a sua vida e o transformou numa pessoa melhor. Aos 12 anos ele descobriu com o skate que podia dar mais valor às próprias “coisas, bens materiais e à união” que encontrou na *Just Crew*.

Eu não me conhecia antes do skate. Eu não sabia o que eu queria fazer. O que eu tinha vontade. Eu apenas fazia as coisas. Mas hoje, depois que eu conheci o skate, eu já falo, não, hoje eu sou skatista há cinco anos. Hoje eu ando de skate porque eu gosto, hoje eu tenho a minha família também do skate, e por aí vai... Tem muitas coisas entre o skate que realmente me mudou (BRENO. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

Breno falou sobre sua relação com a *Just Crew* comparando com sua própria família, se referindo aos demais como entes queridos com quem tem amizade forte. Para ele é fácil

conhecer pessoas, mas ter uma relação de união em que um se preocupa com o outro e se dispõem a se ajudar mutuamente em qualquer situação da vida, só descobriu no skate.

Que nem os outros já falaram também, skate é vida! Skate é a nossa vida, não tem como. (ele olha para o Deivim e pergunta) Fala que não é Deivim? Aqui óh, aquele ali óh! (Aponta para o Deivim) Daqui é pai, sô! (Deivim se junta a ele na filmagem) Esse aqui foi a primeira pessoa que me deu um skate na vida e desde então tô aí sempre (BRENO. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

Davidson se junta ao Breno na gravação e reforça que sente muita alegria e prazer em ajudar a “molecada”, tirando da rua e dando uma nova visão através do esporte, do lazer e da cultura. “Ribeirão das Neves não é só cadeia, não é só crime, não é só lixão, tem esporte, tem cultura, tem adolescentes inteligentes, e é nós!” (Davidson, outubro de 2018). Essa fala reflete uma preocupação do grupo com a generalização que sofrem por narrativas que tratam do medo, apontando para os jovens que estão na praça como vândalos, desocupados e usuários de droga. Como foi o caso da repressão do movimento Batalha de MC’s, acusados de utilizar o coreto como local para tráfico e uso de drogas ilícitas. Porém, essa é uma situação que foge ao controle do grupo que organiza as atividades e que não é incentivada por eles, como explica Breno:

A praça em si é um lugar que não é bom porque tem muita gente que vem pra cá pra usar droga, tem gente que vem pra cá com outras intenção, mas tem a gente que vem por causa do local pra andar de skate. Neves tem sim alguns lugares que tem pista de skate, mas não são muito boas. Igual tem uma pista logo aqui em cima e ela não é boa. Aí aqui já tem o pátio (apontando pro pátio da igreja) que a gente traz obstáculo, a gente mesmo construiu obstáculo pra andar aqui, pedimos autorização, e esse é o único motivo que a gente tá aqui até hoje. Só por causa disso, por causa do skate, por causa do esporte (BRENO. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

Giancarlo (2011) também percebeu esse estigma na pesquisa que realizou em São Paulo, durante uma entrevista realizada com um empresário dono de pistas de skate em SP, Tanabe. Na cidade paulista, a prefeitura incentivou a construção de pistas particulares e a organização de campeonatos como forma de manter os skatistas sob controle.

Na visão de Tanabe, não bastava somente a construção de um espaço para a prática do skate. Seriam necessárias iniciativas que mantivessem a área em constante atividade, caso contrário, o local poderia vir a adquirir o significado estigmatizado acima descrito, reforçando a generalização como “todo skatista é drogado”. Tanabe diz ter visto esta situação inúmeras vezes, em que os espaços destinados à prática do skate viraram pontos de uso e comércio de droga. Em consequência disso, os próprios moradores do bairro tendem a pressionar o poder público para transformar o local, acabando com o espaço dos skatistas (MACHADO, 2011, p.39).

Numa conversa informal, Alexandre comentou que a mãe detestava o skate por que tinha medo que ele fosse começar a fazer uso de drogas, como já relatou Israel sobre os estigmas relacionados ao grupo. Alexandre conta que a preocupação da mãe é real, pois ele já

viu vários jovens usarem perto dele, mas assegura que não tem vontade de utilizar e tenta “dar uns toques”, mas convive bem e respeita a decisão dos outros, que muitas vezes é tomada em momentos de sofrimento que deixam “a cabeça fraca”.

Além do estigma relacionado às drogas, os skatistas também carregam o título de vândalos. Como Israel comentou anteriormente, a interferência que os skatistas fazem no espaço público nem sempre é bem aceita pela população. Giancarlo (2011) afirma que se para os skatistas a intervenção no espaço urbano é divertida e pode ser vista como trabalho, para outras pessoas é apenas vandalismo. Isto porque eles estão utilizando equipamentos urbanos, construídos com outros objetivos, para a prática esportiva.

Um corrimão não serve somente para dar segurança a quem utiliza uma escada, mas também para ser deslizado com o skate. Uma escada não é apenas se passar de um nível ao outro, mas para ser pulada. Uma escultura não é só para ser apreciada e olhada, mas ao contrário, pode servir como uma inclinação propícia para manobras. Portanto, ao circular pelos espaços urbanos e ao ressignificar as finalidades atribuídas aos seus respectivos equipamentos, a cidade ganha novos contornos a partir das experiências dos *streeteiros* (MACHADO, 2011, p. 26).

Davidson lembrou que quando começaram a reforma do coreto perceberam que era importante também recuperar toda a praça, que estava precisando de manutenção e cores novas, mas foram repreendidos por uma pessoa que se apresentou como funcionário da fiscalização da prefeitura da cidade.

A prefeitura tava com o maior descaso e veio até um representante da prefeitura falar... veio né véi, no dia que a gente tava pintando, veio falar que a gente tava vandalizando e pichando a praça. Entendeu? Aí eu fui, procurei o cara, ele vazou. E diz, segundo ele era representante da prefeitura... e... continuamos! Continuamos a fazer a reforma, a pintura da praça e depois a prefeitura, véi, soltou uma matéria como se eles tivessem reformado a praça. Mas na verdade eles reprimiu a gente no dia. Entendeu? Então quer dizer, além da prefeitura não dar estrutura pra gente e não fazer o serviço que é elas, que é eles que devem fazer, ainda eles criticaram quem tava fazendo. Eu penso que a comunidade ela tem que se preocupar, que se atentar pra isso, a gente pode fazer, a gente não pode esperar pela prefeitura. A gente pode colocar a mão na massa! A gente pode fazer! Através de parcerias né, então... é isso (DAVIDSON. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

Nesse momento Gabriel e Alexandre se juntam a Breno na gravação porque queriam contribuir com o tema levantado pelo amigo. Gabriel começa dizendo que a *Just Crew* tem conseguido colocar Ribeirão das Neves no mapa de novo, modificando a narrativa que apresenta a cidade referindo-se somente à cadeia, lixão e violência.

Isso aí já tá saindo, entendeu? Da visão do povo. Porque a gente já tá conseguindo colocar, tá vindo uns pessoal lá do centro andar aqui. Tipo olha que lindo aquele pico lá do centro, uns pico lá do centro muito bom, e os cara tá vindo andar aqui por causa de quê? Não é porque os pico é bom. É por causa da gente, entendeu? Eles estão vendo que a gente tá correndo atrás... (GABRIEL. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

Breno completa o depoimento do amigo afirmando que eles se esforçam para mostrar que o skate é um esporte, mas também pode ser cultura e lazer. Davidson, escutando a conversa dos demais dá um grito de onde se encontra: “Estilo de vida!”, e é ovacionado pelos demais que aplaudem e repetem sorrindo: “Falou tudo! Estilo de vida, estilo de vida!”. Ele se aproxima do grupo e completa dizendo que o skate proporciona estilo de vida, união e respeito a quem pratica.

Gabriel então conta que se consideram uma família, pois estão atentos a cada um que faz parte da *Just Crew*. Se alguém não aparece um dia para treinar, eles entendem que pode ser apenas porque a pessoa não estava com disposição, mas se falta durante uma semana inteira, eles se mobilizam para ir atrás e saber se está tudo bem. Para Gabriel, a *Just Crew* ensina o skatista a ter compromisso. Davidson justifica dizendo que a principal missão do grupo não é só formar novos skatistas, mas criar um “cidadão para o mundo”.

Tem algumas referências aqui da Just Crew de alguns meninos que tava indo um dia na escola, né que tava... e através da gente, começou a colar, a gente começou a cobrar... “oh, galera não... não responde sua mãe..! É, começou fraga? A gente começou... que a minha ideia é essa, não é só skate. É criar um cidadão pro mundo né vei. É ser um bom skatista, mas também ser um bom filho, um bom aluno na escola, entendeu? O skate proporciona é isso, é isso que eu tento passar pra essa molecada, fraga? Não só tentar fazer eles virar um skatista, mas tentar fazer eles virar um cidadão mesmo, fraga? Com direito, deveres, compromisso, responsabilidade, ser um bom filho. É isso, ser um bom amigo (DAVIDSON. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

Eles contam que para andar de skate no coreto, é preciso se comprometer com a limpeza do lugar, com a dedicação e disciplina para treinar e conseguir um bom desempenho. Alexandre começa a dizer que o skate proporciona várias coisas para quem pratica – que “você não espera nada” - e é interrompido por Breno que finaliza a frase - “e ganha muito”. Alexandre revela que ao colocar o skate no foco, sempre é possível ganhar alguma coisa, e mostra o próprio skate com adesivos de marcas que o patrocinam. Geralmente são empresas que trabalham oferecendo acessórios e equipamentos para a montagem dos skates, e também lojas de roupas e calçados que vendem peças “próprias” de skatistas, que tem interesse em divulgar seus produtos e ampliar seu mercado consumidor.

Gabriel defende que o skate modifica até a forma como são vistos por outras pessoas, que graças ao crescimento do esporte e à visibilidade que ganhou na mídia, o que poderia ser tido como desleixo ou feiura, é tido como estilo. “Quem me vê andando na rua assim com esse tênis, o cara olha pra mim e fala: Nu, esse cara é louco! Mas aí eu boto o skate no pé ele olha e fala: Oh, é skatista (e sorri). O cara é skatista!” (Gabriel, outubro de 2018).

Então decido fazer ao Breno a mesma pergunta que fiz ao Davidson no início da gravação, que cidade ele estava construindo por meio do skate? Ele começa a responder, mas é interrompido por um amigo que passava pela praça e resolve cumprimentá-los. Breno o puxa pelo braço para cima do coreto, carrega o amigo no colo e se cumprimentam efusivamente. Fernando, o amigo recém-chegado, é apresentado pelos demais como integrante da *Just Crew* e fica ao lado de Breno enquanto ele termina a gravação de seu depoimento.

Eu acho que o Ribeirão das Neves que a gente tá construindo... Somos nós! A gente é Ribeirão das Neves. O skate tá transformando Ribeirão das Neves e a gente num lugar mais conhecido, com cultura, com lazer, a praça da matriz de Neves hoje em dia é conhecida como a praça dos skatistas. E não tá sendo à toa. É porque nós estamos dedicando pra isso. Nós quer que aqui, futuramente, tudo que a gente tenha feito seja uma coisa que mais e mais vai crescer. Que não vai morrer com a gente, sabe? Eu acho que Neves hoje em dia tá sendo um lugar melhor, pelo menos aqui. Aqui na praça tá sendo um lugar melhor. Claro que, como todo lugar, tem suas coisas ruins, tem suas crises, mas quando a gente fala de skate em Ribeirão das Neves na praça matriz, já tá evoluindo... (BRENO. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

Davidson retoma a conversa e reafirma que a meta da *Just Crew* é conscientizar os jovens porque são eles o futuro da cidade. Ele acredita que como já está prestes a completar 40 anos, o tempo do skate já está passando em sua vida, mas a *Just Crew* deve permanecer com o intuito de alimentar a mente dos jovens com esporte, cultura, lazer, arte e música.

Como eu trabalho em BH, eu fico a maioria do tempo em BH, então quando eu falo que eu moro em Ribeirão das Neves todo mundo fala “que isso véi! Só crime lá, só... não sei o quê... porra é longe pra caramba como é que você faz pra vir?” parece que eu faço uma viagem né...(risos) E a gente, a gente quer tirar essa, né véi, esse... como é que eu vou falar Rafa? (eu ajudo: essa imagem) Essa imagem ruim que criaram né véi, que vem de anos... Que Ribeirão das Neves só tem cadeia, só tem lixão, né véi, é uma cidade-dormitório. Só que aqui tem vida, aqui tem jovem cheio de energia, o que tá faltando aqui é oportunidade mesmo de escola, de cursos, de espaço público mesmo pro jovem tá praticando o esporte, porque não é só o skate... é... no geral, o esporte! Tá faltando muita estrutura aqui, e é isso que a gente quer mudar. A gente quer né, o coletivo Just Crew quer passar isso pra galera de fora e pra galera de dentro também, tá conscientizando a galera (DAVIDSON. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

1.2 Sal, o músico e pioneiro do skate na década de 90

A gravação no coreto terminou porque Davidson e Israel queriam me levar para conhecer o Sal, um dos skatistas mais antigos da cidade que agora vivia de música numa casa temática em Justinópolis. Ao chegar a casa, a primeira coisa que chama atenção é o portão, feito com tábuas de skate.

Figura 23 - Portão da casa do Sal



Fonte: Acervo Rafaela Goltara, 2018.

As cabeças de gado penduradas nas laterais e os apanhadores de sonhos se unem a várias cabeças de bonecas pintadas numa decoração que ocupa todo o jardim, quintal e interior da casa. Alguns dos skatistas mais jovens comentaram ter um pouco de medo de ir até lá, porque consideram a decoração um tanto estranha e sombria. Mas ao adentrar o espaço, notamos que a exótica casa pode até causar algum medo do desconhecido, mas ele passa assim que avistamos a figura simpática do Sal, com suas tatuagens e alargadores e um sorriso acolhedor. Uma pequena caixa de som colocada no quintal deixa a trilha de rock embalar a nossa conversa, enquanto recebo carinhos de um cachorro simpático e amoroso que vem dar as boas-vindas.

Enquanto Sal se prepara para a gravação, Davidson (que eu descobro que é chefe de cozinha de um restaurante renomado em Belo Horizonte) começa a preparar alguns aperitivos para acompanhar a cerveja, Israel me explica o motivo de ter faixas amarelas separando o local de passagem das plantas e árvores que compõe o quintal. Os pais de Sal faleceram e deixaram a casa pra ele, que faz questão de cuidar e manter a plantação da mãe. Segundo Israel, o jeito simpático e gentil do Sal se transforma em uma rabugice e reclamação sem fim se alguém bebe demais e pisa em alguma plantinha. Ele tem até um “cantinho do castigo”, composto de um banco e uma mesinha que ficam isolados do espaço central de convivência, para que o errante possa refletir sobre o que fez e se arrepender de tal ato vergonhoso.

Figura 24 – Entrada da casa do Sal



Fonte: Acervo Rafaela Goltara, 2018.

Sal tem 44 anos, atualmente trabalha como músico e vocalista da banda O Instinto Coletivo, que tem composições próprias no estilo Reggae, mas por falta de incentivo vem sobrevivendo fazendo shows cover da banda O Rappa. Em 1992, Sal começou a andar de skate com amigos do bairro Menezes, também pertencente à regional Justinópolis, e a dançar Break - um estilo de dança de rua da cultura Hip Hop. Ele e Davidson ficaram amigos na época do Break, passando a andar de skate e depois seguiram caminhos distintos (um na música e outro no esporte) mantendo até hoje os laços de afeto.

O meu entrosamento com a música, com o skate, foi década de 90 essa onda toda né. Então até mesmo, através da parceria que eu fiz com esses caras do Hardcore (rock n'roll), eu montei uma banda, na época, uma das primeiras de Neves também com a junção do Rap com o Metal, né, e chamava Acesso Negado. É... Extinta né, extinta banda Acesso Negado. Que foi bacana, a gente teve algumas premiações legais né, e foi é... A primeira banda daqui de Neves a sair pra outros estados né. Nós tocamos, ganhamos com Rock na época, Ultrassom da MTV, foi das primeiras bandas daqui a... A... É... Aparecer na televisão na verdade né, mesmo sendo na época um pouco escasso a MTV né, mas foi uma das bandas... É... Percussoras, assim. E... Depois veio né, O Instinto Coletivo né, que é a banda que eu toco, é... Veio Os Pulgentos. E eu tenho uma parceria com os meninos do skate né, com a Just Crew aí, que é... A gente toca né, em alguns eventos deles né. E sempre os meninos estão aqui, colam comigo além de... É... Além de, dessa onda do... Do... Da gente tá junto com a Crew né. Sempre que eu tenho um tempinho eu colo com eles. É amizade de muito tempo né (SAL. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

Figura 25 - Sal



Fonte: Rafaela Goltara, 2018.

Na época que o Sal andava de skate e dançava Break em Ribeirão das Neves eu ainda era uma criança, nasci em 1989 e não me lembro de notar a presença de skatistas na pracinha de Justinópolis. Uma das músicas da banda O Instinto Coletivo traz uma reflexão interessante: “Oh meu Pai, por que da violência, óh Pai? Vivemos em conflito em um mundo de guerra onde os homens se confrontam e só deixam as sequelas. Se for matar que mate a fome daquele menino. Se for brigar na vida brigue pelo seu destino. Desarme sua mente de todas más intenções e arme seu espírito procurando evolução. Está dentro de nós, dentro da nossa consciência, a forma pra acabar com toda essa violência”.

É intrigante que uma das principais músicas dessa banda nevensense carregue em sua letra o estigma da violência, tantas vezes associada ao nome da cidade, e ao mesmo tempo a resistência de quem aceita brigar, desde que seja pra mudar o seu destino. Também intriga que eles tenham ganhado tantos prêmios por suas canções autorais, mas tenham que relega-las ao silêncio para vender shows em que suas vozes ecoem letras de outras bandas para garantir o pagamento. Mais intrigante ainda é o fato de eu e boa parte dos moradores da cidade, em que os pais do Sal viveram por mais de 60 anos na casa em que ele mora até hoje, não sabermos dessa história e nem de suas músicas. Essa narrativa composta por notas musicais e manobras

de skate resiste ali há quase 30 anos e, no entanto, poucos tomaram conhecimento dela. Em contrapartida, é de conhecimento geral a narrativa das ausências e das trevas do Ribeirão.

Também é muito curioso e interessante pensar nessa trajetória do Sal, Davidson e Israel na música e no skate nos anos 90. Se hoje, 2019, os skatistas da *Just Crew* precisam andar no estacionamento da igreja e no coreto da Praça porque existem poucas ruas com asfalto bom e liso, imagine há 30 anos? Nessa época, até os transportes coletivos eram escassos em Ribeirão das Neves. É admirável o que esses homens, na época garotos, conseguiram fazer. O próprio Giancarlo (2011) destaca em sua pesquisa que essa modalidade esportiva começou a ganhar espaço na televisão em meados dos anos 2000, por exemplo, quando foi tema da novela *Malhação* na Globo em 2006.

Porém, a história do skate em Neves conta dez anos antes. Nos anos 90, esses meninos não só andavam de skate, como dançavam break e tocavam rock hard core! Antes mesmo de pensar na pracinha de Justinópolis. Só em 2000 o grupo começou a ocupar o coreto e Praça. Em 2002, o Sal já era vocalista da banda O Instinto Coletivo com músicas próprias no estilo reggae e soul. O que eles fizeram numa cidade quase invisível em Minas Gerais, não fossem as penitenciárias, devia ser manchete em todos os jornais! Homens, jovens, negros, pobres. Nas narrativas da imprensa e até do Estado, passariam facilmente como vulneráveis, marginalizados, bandidos. Mas na história desses caras, os personagens têm outros papéis: Skatistas, artistas, compositores, músicos, ganhadores de prêmios.

Por isso, mesmo sendo uma moradora local, nesta pesquisa etnográfica tenho caminhado em busca do olhar estrangeiro, como definiu Peixoto, a fim de enxergar o que os olhos acostumados ao cenário já posto não costumava ver. E realmente tenho descoberto um Ribeirão que não estava acostumada a ver. Especialmente, a convivência com o grupo de skatistas tem revelado que as narrativas dominantes não são aceitas de forma passiva pelos moradores nevenses, pelo contrário, elas encontram a resistência construída por outras narrativas, silenciadas ou evidenciadas, mas com força suficiente para se fazer presente na vida dos skatistas de tal maneira que os impulsionou a transformar um coreto abandonado num lugar ao qual pertencer.

Daí o recurso ao olhar do estrangeiro, tão recorrente nas narrativas e filmes americanos recentes: aquele que não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. Ele resgata o significado que tinha aquela mitologia. Ele é capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais. Todo um programa se delinea aí: livrar a paisagem da representação que se faz dela, retratar sem pensar em nada já visto antes. Contar histórias simples, respeitando os detalhes, deixando as coisas aparecerem como são (PEIXOTO, 1988, p.363).

2 RIBEIRÃO DAS NEVES: MÚLTIPLAS NARRATIVAS

Como o município de Ribeirão das Neves passou a ser conhecido oficialmente pelo Estado e pela Imprensa como Ribeirão das Trevas? E quais as implicações dessa identidade para a vida dos jovens da cidade, especificamente dos skatistas que ocuparam uma das principais praças da cidade para a prática esportiva? Eric Hobsbawm (2000) investiga em “Mundos do Trabalho” o nascimento da classe operária britânica, a famosa classe trabalhadora que deu origem às reflexões marxistas sobre a luta de classes. Essa contextualização histórica sobre as condições que os trabalhadores da época viviam e como foi possível se perceberem como uma classe que estava sendo desfavorecida em comparação com as demais inspira também a contextualização do tema desta pesquisa.

Contar a história de Ribeirão das Neves é uma tarefa que exige um esforço de memória e imaginação. Como quem junta as peças de um grande quebra-cabeça, eu fui buscando todas as fontes possíveis para chegar à narrativa oficial da cidade, e descobri que não é possível formar o mesmo desenho. A história da cidade tem trechos oficiais e extraoficiais muito distintos, provindos de diversas vozes que disputam o poder sobre a identidade desse território. A começar pelo nome da cidade, que uns dizem ser homenagem a uma Aparição de Nossa Senhora com os pés cobertos de neve, outros referenciam ao ribeirão que corta a cidade e criaria camadas de gelo no inverno, e oficialmente remete-se à antiga fazenda que deu origem à cidade, cujo nome era Fazenda de Nossa Senhora das Neves. Porém, essa disputa segue sem vencedor.

No livro *Becos da memória*, Conceição Evaristo (2017) faz uma apresentação ressaltando que tal criação deveria ser lida como ficções de memória, pois como a memória esquece surge a necessidade da invenção.

Também já afirmei que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. (...) e como lidar uma memória ora viva, ora esfacelada? Surgiu então o invento para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas. Invento que atendia ao meu desejo de que as memórias aparecessem e parecessem inteiras (EVARISTO, 2017, p.11)

Fato é que compreender como Ribeirão das Neves passou a ter uma identidade construída simbolicamente como sendo “das trevas” é uma tarefa que passa necessariamente pelos becos das memórias de muita gente. Não existem muitos livros ou publicações históricas oficiais que retratem com riqueza a história, a cultura, as artes e o povo de Ribeirão das Neves. Minha pesquisa começou nas bibliotecas online, nos sites de busca, nos portais da

Prefeitura Municipal e do Estado de Minas Gerais. Como não encontrei muita coisa, resolvi ir ao Arquivo Público como relatei no início deste trabalho.

O Arquivo fica em uma antiga escola adaptada para ser uma regional de serviços públicos na regional de Justinópolis. É uma sala pequena, escondida, que precisei checar ainda outra vez para então descobrir que aquele era realmente o Arquivo Público da cidade. Fui recebida por um senhor simpático que se colocou prontamente disponível para me ajudar na pesquisa. A sala era composta por uma mesa de escritório pequena com um computador e impressora, um armário metálico com portas e gavetas, uma estante metálica com alguns livros, uma mesa grande rodeada por cadeiras, algumas esculturas que montavam um presépio (que seriam doações de uma artista nevensense já falecida) no chão em um canto da sala, objetos antigos de trabalho e instrumentos musicais, quadros e fotografias antigas retratando lugares da cidade pendurados na parede, além de fotografias dos prefeitos que passaram por Neves desde sua primeira eleição. Também notei alguns banners pendurados com fotografias de pessoas e crianças nevensenses; o senhor explicou que essas peças pertenciam a uma campanha realizada com algumas escolas para divulgar a memória das pessoas da cidade, que agora ficavam guardadas no Arquivo.

Figura 26 - Presépio doado por artista nevensense



Fonte: Acervo Rafaela Goltara, 2018.

Figura 27 – Objetos em exposição no Arquivo Público de Neves



Fonte: Acervo Rafaela Goltara, 2018

Figura 28 - Exposição do Arquivo Público



Fonte: Acervo Rafaela Goltara, 2018.

Figura 29 – Quadro do Arquivo Público - Capelinha



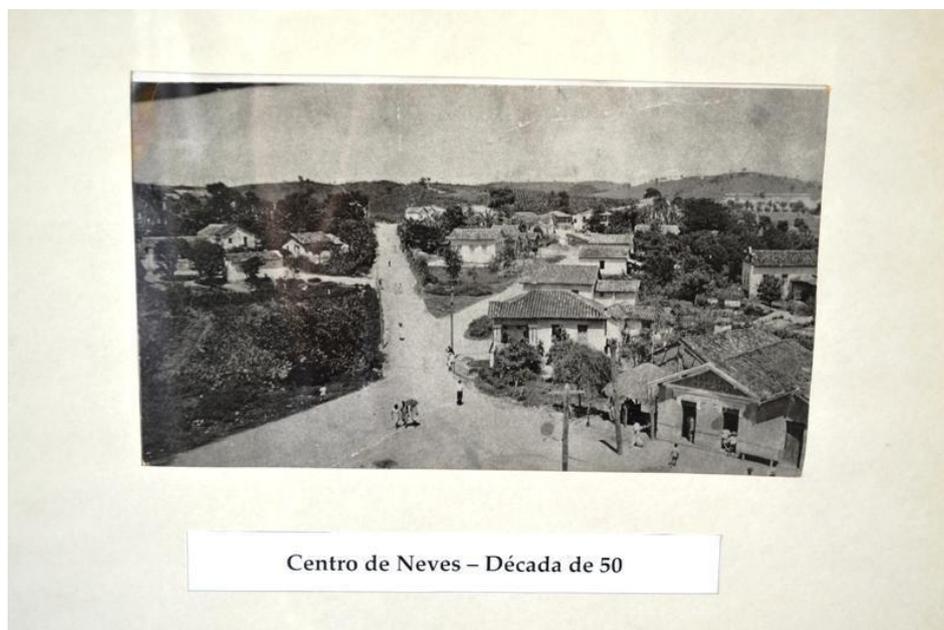
Fonte: Acervo Rafaela Goltara, 2018.

Figura 30 - Quadro do Arquivo Público - Fazenda



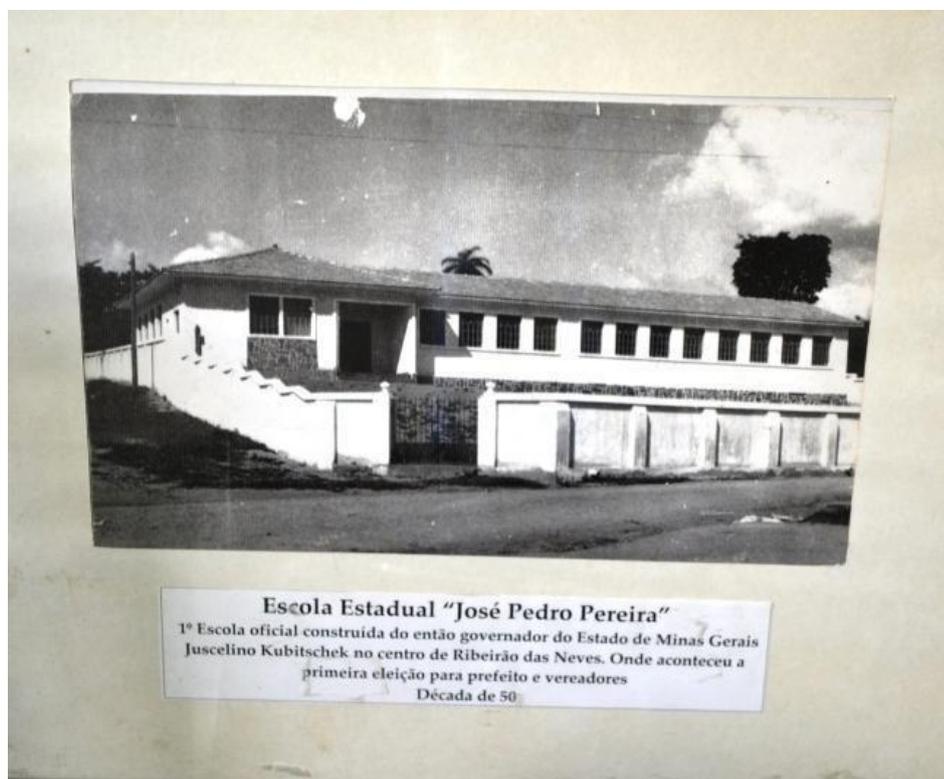
Fonte: Acervo Rafaela Goltara, 2018.

Figura 31 -Exposição de Fotos do Arquivo Público



Fonte: Acervo Rafaela Goltara, 2018.

Figura 32 - Exposição de fotos do Arquivo Público II



Fonte: Acervo Rafaela Goltara, 2018.

2.1 A história oficial contada pelo Estado e por pesquisadores universitários

Ribeirão das Neves é um município mineiro, localizado na região metropolitana e periferia da capital Belo Horizonte. A cidade tem origem na distribuição de terrenos da Coroa Portuguesa à época da expansão da colonização brasileira e é marcada pela disputa de territórios, como nota-se no trecho do documento oficial “Toponímia de Minas Gerais”, de 1997.

Distrito das Neves, incorporado ao município de Sabará por Lei nº 291 de 26-III-1846, distrito do município de Contagem por Lei nº 843 de 7-IX-1923. Incorporado ao município de Betim por Decreto-Lei nº 148 de 17-XII-1938. Incorporado, com o nome at; ao município de Pedro Leopoldo, por Decreto-Lei nº 1058 de 31-XII-1943. Município e cidade por Lei nº 1039 de 12-XII-1953, compreendendo os distritos da sede e Justinópolis (ex Campanhã) (Costa, 1997, Toponímia de Minas Gerais).

Ainda antes de a cidade ser emancipada oficialmente em 1953, o presidente Getúlio Vargas inaugurou pessoalmente a Penitenciária Agrícola de Neves, em 1938, com a promessa de desenvolvimento econômico e social da região. Localizada bem no centro, no coração da cidade, a PAN (como ficou conhecida) se tornou vital e palco de grandes acontecimentos do cotidiano da cidade. Os detentos e funcionários eram personagens protagonistas nas principais fotografias da cidade, presentes em campeonatos de futebol, eventos religiosos e culturais. Além disso, os jardins da PAN serviam como principal local de encontro e de lazer para os cidadãos nevenses.

Figura 33 - Jardim da PAN



Fonte: Livro de Fotografias Comemorativo – Prefeito Ailton, 1999.

Motivo de orgulho e de esperança, com o passar dos anos, a penitenciária de Neves foi ganhando outra narrativa: a da violência e do medo. O Estado destinou ao território nevensense a construção de outras cinco penitenciárias, localizadas nas principais vias de acesso aos bairros da cidade, dando visibilidade aos grandes muros que se tornaram parte da paisagem, mas também pauta de noticiários regionais, conferindo a Neves o título de “cidade dos presídios”.

A escolha pelo território nevensense como destino das penitenciárias não foi obra do acaso, mas resultado de uma política de construção e urbanização da capital mineira. Segundo Silva e Stephan (2015) o Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek gerou um movimento de migrações internas em todo o país a partir dos anos 50, o que culminou com o aumento da população nas regiões metropolitanas, próximas às capitais. Eles explicam que o chefe da Comissão de Construção de Belo Horizonte, Aarão Reis, desenhou o traçado urbano da nova BH no período entre 1894 e 1897:

Esse modelo criou um caráter elitista e segregatório a capital (...) A região central com uma avenida em torno do perímetro seria destinada a abrigar o aparelho estatal e as residências dos funcionários públicos e antigos moradores de Ouro Preto. A zona suburbana, além dos limites da Avenida do Contorno, seria reservada para a futura expansão da cidade, caracterizada por padrões urbanísticos mais flexíveis e por precária provisão de infraestrutura e equipamentos urbanos, e para a localização de sítios e chácaras. A zona rural, por sua vez, estaria além da faixa suburbana e consistiria no cinturão verde, sendo formada por colônias agrícolas com a função de abastecer a cidade de produtos agrícolas e hortigranjeiros (SILVA e STEPHAN, 2015, p. 131).

Os autores esclarecem que a avenida do Contorno realmente foi pensada para fazer um contorno, cercando a área central que deveria ser urbana e mais valorizada, e construíram a avenida Afonso Pena para ser uma via de acesso para as pessoas de baixa renda que deveriam chegar ao centro para trabalhar. Para eles, o plano do Governo do Estado de adensar Belo Horizonte no sentido centro-periferia foi consolidado com medidas práticas: as regiões que tinham mais acesso a recursos urbanos têm os terrenos comercializados a preços mais altos, e por isso, os recursos urbanos foram concentrados na região centro-sul da capital. Os agentes de imobiliárias apenas constataram que os municípios do vetor Norte da Região Metropolitana de BH (RMBH) seriam ideais para a criação de loteamentos destinados às famílias de baixa renda.

De acordo com Silva e Stephan (2015), o fluxo mais intenso de migração para Ribeirão das Neves aconteceu entre as décadas de 1970 e 1980, quando o Estado removeu as casas mais populares e terrenos de atividades informais que “não eram compatíveis com o que era observável nas áreas centrais da RMBH”. Os dados apresentados pelos pesquisadores revelam que em 1970 a população nevensense era composta por 5.547 habitantes; em 1980 esse

número passou pra 61.670; em 1991 já eram 119.925 habitantes; 245.401 em 2000 e 294.153 em 2010. 2019 já estima-se uma população de 334 mil habitantes.

O crescimento da população e a ocupação da cidade de maneira desregulamentada e sem planejamento urbano gerou um grande aumento nas demandas por infraestrutura básica, saúde, educação, segurança, transporte público, etc. Demandas que a Prefeitura não consegue atender, o que promove uma série de ausências e desafios que são enfrentadas pela população diariamente.

A partir da década de 1950, o município, então com 2.253 habitantes, começou a sofrer as consequências do processo de metropolização, quando lhe foi imposta a condição de periferia. As correntes migratórias, que demandavam os empregos ofertados principalmente no eixo leste/oeste da Região Metropolitana de Belo Horizonte e, em menor escala, no eixo norte, esbarravam no alto custo dos terrenos, nos postos de empregos, no processo de retenção especulativa e na ausência de oferta de moradias para a população de baixa renda. A maior parte da demanda reprimida passou a se assentar em Ribeirão das Neves, animada pela oferta massiva de lotes sem qualquer infraestrutura. Isso consolidou um processo de ocupação talvez inédito no país, dada a sua velocidade no tempo e o seu caráter seletivo, concentrando exclusivamente população de baixa renda. O município registrou, na década de 70, um crescimento urbano na ordem de 21,36% a.a., a mais alta taxa registrada na RMBH (ATLAS ESCOLAR H. G. RIBEIRÃO DAS NEVES, 2005, p.13).

Essa situação se assemelha à descrita por Hobsbawm (2000) na Inglaterra da década de 1880, quando o surgimento do transporte público de massa a baixo custo possibilitou o deslocamento dos operários para regiões mais afastadas localizadas no perímetro dos grandes centros urbanos, originando subúrbios destinados às classes operárias. “Em 1905, o LCC estimava que 820 mil trabalhadores faziam longas viagens diariamente para trabalhar em Londres” (Hobsbawm, 2000, p.282).

Silva e Stephan (2015, p. 140) em sua análise sobre a segregação socioespacial na RMBH chegaram à conclusão de que esse tipo de situação, em que os moradores precisam se deslocar diariamente para cidades vizinhas para trabalhar ou estudar, é típica de cidades em que se observa ausência de oportunidades e precarização. “Esse deslocamento é característico das áreas segregadas socioespacialmente, uma estrutura de centro-periferia com a formação dos municípios ‘dormitórios’ para a população pobre”.

Ou seja, a tipificação de “cidade-dormitório” também foi imposta ao município pelo Estado numa ação pensada e articulada para valorizar as áreas centrais da capital, que seriam mais urbanizadas e por isso com terrenos mais valorizados, como uma forma de selecionar quem moraria nessas áreas e quem deveria chegar apenas para trabalhar e servir aos escolhidos. Uma decisão que ainda carrega fortes traços do período colonialista brasileiro, em que senhores não poderiam se misturar com escravos na relação casa grande x senzala.

E não é por acaso que os dados dos documentos oficiais revelam que a maioria das casas que foram demolidas no processo de urbanização de Belo Horizonte pertenciam a pessoas pobres e negras. Não é por acaso que a população de Neves seja composta por maioria negra, com um enorme déficit de investimento público em serviços básicos de saneamento, saúde, segurança e educação. Também não é por acaso que o território nevese tenha virado destino de presídios.

Após a instalação da PAN, em 1938, Neves recebeu mais três unidades prisionais, medidas que firmaram a intenção do Governo do Estado em transformar o município em um “espaço-carcerário”. A falta de investimento público em serviços básicos e de infraestrutura contribuiu para que Neves recebesse um estigma de “cidade presídio”, o que era agravado pelos altos índices de violência e pobreza (SILVA e STEPHAN, 2015, p. 138).

No entanto, não foi sem resistência que as penitenciárias foram instaladas em Ribeirão das Neves. Eu cresci acompanhando minha mãe em reuniões e passeatas da comunidade para protestar contra a vinda de mais cadeias para a cidade. Silva e Stephan (2015) também atestaram isso em sua pesquisa citando a mobilização da população contra a instalação da primeira penitenciária na modalidade público-privado do Brasil.

As manifestações nas ruas e participações da sociedade civil em audiências públicas e reuniões com autoridades municipais e estaduais, além de um abaixo-assinado com milhares de assinaturas, não impediram a construção de uma nova penitenciária, com capacidade para três mil detentos, inaugurada no mesmo ano (SILVA e STEPHAN, 2015, p. 140).

O cenário nevese dos presídios, em vez de estimular o desenvolvimento econômico, afastou os grandes empresários e deixou a população com poucas opções de trabalho e renda, sendo obrigada a buscar trabalho na capital. A falta de investimento e o descaso do Estado com a situação dos habitantes de Ribeirão das Neves colaborou para a construção de uma imagem negativa associada às ausências, pobreza e ao medo. Essa postura adotada pelo poder público é indicada por Silva e Stephan (2015) como estratégica para manter a cidade distante suficiente do centro urbano de BH, mas perto o bastante para que continuasse sendo controlada pelo governo.

Os processos decisórios são comandados e coordenados pelo Estado, “de cima para baixo” e “de fora para dentro”, ou seja, como instância de poder superior e separada da política local. Esse fato pode ser constatado pelas políticas estatais que tratam a infraestrutura e equipamentos urbanos coletivos a exemplo dos setores privados, sem um real compromisso com os usuários e atendimento a uma necessidade diária, promovendo um contínuo processo de “espoliação urbana” (SILVA e STEPHAN, 2015, p. 142)

David Harvey (2005) já apontava para esse processo de produção dos espaços segregados também motivados pelo sistema capitalista. Os estados capitalistas precisavam

atender as novas demandas de produção em nível industrial criando centros urbanos de trocas e construção de vias de escoamento da produção para outros lugares, como forma de reduzir o tempo de giro do capital e os gastos com a circulação das mercadorias e aumentar o mercado consumidor e os lucros dos produtores. Para o autor, a expansão geográfica e a necessidade de concentração geraram um conflito que fez surgir a relação centro-periferia. “Assim, o capital passa a ser representado na forma de uma paisagem física, criada à sua própria imagem, criada como valor de uso, acentuando a acumulação progressiva do capital numa escala expansível” (Harvey, 2005, p. 53).

Hobsbawm (2000, p. 286) observou que essa construção dos espaços segregados vem desde a revolução industrial, com a experiência dos operários britânicos:

Outras áreas não teriam sido especificamente projetadas para uma camada social ou para o estilo de vida de uma classe, mas acabariam por transformar-se nisto, pelo fato de os aluguéis excluírem inquilinos mais pobres, ou mais provavelmente, pelo fato de os estilos de vida dos trabalhadores manuais e dos empregados de paletó e gravata, de renda semelhante, divergirem cada vez mais.

Além disso, ele também apontou outra característica da continuidade dos estudos como um critério de segregação dos trabalhadores britânicos:

O crescente uso da educação formal como um critério de classe, para não mencionar o fato de ele consistir um meio para sair da classe trabalhadora manual, e o declínio do caminho alternativo para o orgulho e o amor-próprio: o treinamento e a experiência do artífice bem-formado. Os operários eram cada vez mais definidos como aqueles que não tinham instrução, ou que não percebiam nenhuma vantagem em tê-la (HOBSBAWM, 2000, p. 287).

Essa situação é claramente percebida entre os skatistas da *Just Crew*, que lidam com o contexto “das trevas” em Ribeirão das Neves, agravado com a situação de sua continuidade nos estudos ditos formais. Nenhum deles chegou a ingressar numa universidade, alguns sequer terminaram o ensino fundamental. O que não invalida todo o conhecimento que eles têm em suas áreas de trabalho. Durante a visita à casa do Sal, descobri que o Davidson trabalha na cozinha de um restaurante renomado na capital.

O espaço tem um chef renomado, graduado e com diversos cursos na área da Gastronomia, mas é o Davidson quem realiza a maior parte dos preparos dos alimentos e até quem ensina técnicas e receitas ao chef. Ele não teve oportunidade de conseguir um diploma que atestasse seu conhecimento e valor profissional, sua sabedoria na gastronomia vem da experiência. Por isso, ainda que o chef reconheça a importância e seja grato ao que aprende com o Davidson, é o nome dele e não do chef skatista que os clientes vão conhecer e procurar.

O próprio Sal é um músico e compositor ganhador de vários prêmios, como já foi dito, mas por não ser uma profissão referendada pela educação formal, ele enfrenta diversos obstáculos e acaba tendo que abrir mão de suas composições para fazer *cover* da banda *O Rappa* se quiser ter algum retorno financeiro pelo seu trabalho. Ou o Israel, que é o engenheiro da *crew* e não é reconhecido ou remunerado como tal pela falta de diploma.

O cenário político, econômico, social e geográfico nevensense acarretam situações de desvantagens de todo tipo, especialmente materiais, que contribuem com a segregação e exclusão de seus habitantes em relação a outros territórios e grupos sociais. É importante ressaltar que, durante todo o tempo dessa pesquisa, as únicas publicações oficiais que encontrei apresentando a cidade e seus moradores foram um documento com poucas referências no Arquivo Público (que foca na história de divisão de terras e na inauguração da Penitenciária Agrícola de Neves por Getúlio Vargas); uma revista publicada pela Prefeitura com fotografias antigas (com muitas fotos e legendas relacionadas à PAN), cujo único exemplar que consegui foi emprestado por uma antiga funcionária daquela gestão; um livro pedagógico sobre a geografia da cidade, que minha mãe conseguiu descobrir a existência com uma bibliotecária da escola em que trabalha e que nunca foi adotado pelas escolas; e o Atlas Histórico e Geográfico de Ribeirão das Neves, publicação de 2005-2008 da Prefeitura, em que mais se fala sobre os problemas estruturais e econômicos do município, como se fosse uma justificativa oficial por Neves ter tantas questões mal resolvidas pelo Estado.

Diante disso, é possível começar a entender que a publicação do Diário Oficial do Estado de Minas Gerais se referindo à cidade como “Ribeirão das trevas” foi tão somente a oficialização de um discurso que vem sendo consolidado ao longo dos anos. Impressiona o fato de que os próprios equipamentos públicos que deveriam cuidar da memória cultural e histórica da cidade apresentam mais um grito silencioso de ausência. As poucas informações disponíveis, nesse sentido, reforçam o estigma negativo.

Quando falo em estigma, utilizo a conceituação feita por Erving Goffman (1963) que investigou o sistema de manipulação das identidades. O autor explica que existem categorias criadas pela sociedade que classificam as pessoas e seus atributos como comuns e naturais ou como estranhos ao que é considerado normal. Os aspectos dos indivíduos que podem ser percebidos dentro dessas categorias são o que formam sua “identidade social”.

Podem-se mencionar três tipos de estigma nitidamente diferente: 1) as abominações do corpo (deformidades físicas); 2) culpas de caráter individual (vontade fraca, desonestidade por distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualidade, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical); e 3) estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. (...) um indivíduo que

poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto (GOFFMAN, 1963, p. 8).

Os estigmas são rotulações discursivas, frutos da narrativa dominante que privilegia como normal os brancos, héteros e ricos, pois é essa população que historicamente tem sido considerada como natural e comum. Mas apenas porque esse grupo é que detinha poder econômico e político suficiente para dominar os sistemas educacionais e comunicacionais que disseminam o pensamento excludente.

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, reduzimos suas chances de vida. (...) Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original (GOFFMAN, 1963, p.8).

Cidade-presídio, cidade-dormitório, cidade do lixão, cidade das trevas. Os estigmas da cidade são transferidos para seus moradores, que passam a vida lidando com as consequências de serem das trevas. É o que conta o sociólogo nevensense Marcos Antônio Silva (2016), que conta como entendeu que a degradação da identidade local refletia em sua própria identidade:

A importância para a minha formação como sociólogo o fato de ter nascido nesta relação de troca sempre desigual entre BH, a capital, centro econômico, político e intelectual do povo mineiro e Ribeirão das Neves, cidade entendida como periférica, dormitório, carcerária e até mesmo “das Trevas”, me fez perceber na prática o que a teoria tem a dizer sobre estigma, desigualdade, exclusão, dominação e ideologia. (...) Estar do lado de cá de quem é auscultado, examinando e sentenciado pelas teorias sociais, estatísticas e indicadores sociais como excluído, flagelado e roubado em seu mais importante bem que é a cidadania e mesmo assim perceber a inércia do poder público e da sociedade em sanar estas chagas teve um papel fundamental em minha formação (SILVA, 2016, p.5).

Teresa P. R. Caldeira (2011) também desenvolveu um longo estudo sobre a segregação, e percebeu que tanto social quanto espacialmente, esse fenômeno é comum quando se trata do desenvolvimento das cidades no Brasil. Analisando o caso específico da cidade de São Paulo, ela chegou à conclusão que a segregação social se manifesta de três formas distintas: 1) do fim do século XIX a 1940, a cidade era uma concentração de grupos sociais diversos num espaço urbano pequeno e segregados por tipos de casas em que moravam; 2) De 1940 a 1980, a consolidação da lógica urbana de centro-periferia em que os grupos sociais se separaram ficando distantes geograficamente. Classes com renda mais elevada ficavam em bairros no centro, com boa infraestrutura e recursos, e os mais pobres em regiões de precariedade e distantes do centro; e 3) a segregação por muros, em que são

construídos condomínios fechados com áreas de moradia, consumo, trabalho e lazer cercados por muros que dividem as classes privilegiadas das ruas e casas dos mais pobres, com a justificativa de serem habitações mais seguras, longe da violência.

Ribeirão das Neves ainda é uma cidade construída com base na segunda forma de segregação (centro-periferia), apesar de nos últimos anos começarem a surgir os primeiros condomínios no novo estilo de urbanização, como o Vale do Ouro e Nossa Fazenda, este último deixa explícito em seu texto de apresentação no site¹¹ esta preocupação.

Ao todo mais de 50 funcionários cuidam da manutenção e segurança do condomínio nossa fazenda. A portaria tem rigoroso sistema para entrada de pessoas onde o visitante ou prestador de serviços sempre é obrigado a descer do seu veículo e se identificar com documentos na recepção. Sendo assim, o circuito interno de TV irá registrar a hora e o momento exato em que este entrou e saiu do local. Nossos “soldados” como assim chamamos, fazem rondas motorizadas 24h por dentro e ao redor de todo o condomínio através de um corredor para garantir que tudo esteja em sua devida ordem.

O pensamento de que a periferia é lugar de pobreza, medo e violência vem sendo contestado pelos grupos estigmatizados, que lutam por reconquistar seu espaço, sua dignidade como cidadãos e melhorias em seus próprios territórios. Ao ocupar os espaços da cidade para sociabilidades contestando o estigma de periferia, como a *Just Crew* faz, nascem outras narrativas que buscam trazer novos sentidos para estes lugares marcados por políticas e estratégias de segregação. Os muros e condomínios fechados, para Caldeira (2011), são uma forma de reação a esse movimento e a busca por manter os velhos padrões de diferenciação pelas classes privilegiadas, com um novo estilo de segregação social e espacial.

A “cidade de muros”, como a autora denomina, vem crescendo como forma de consolidar uma estética da cidade e uma política em que as distâncias físicas diminuem ao mesmo tempo em que crescem os muros e tecnologias de vigilância para manter ricos e pobres separados como sempre. “(...) funciona para estigmatizar, controlar e excluir aqueles que acabaram de forçar seu reconhecimento como cidadãos, com plenos direitos de se envolver na construção do futuro e da paisagem da cidade” (Caldeira, 2011, p.255).

Ribeirão das Neves tem sido tema de vários estudos acadêmicos, geralmente produzidos por pesquisadores “de fora” que estão pouco interessados em revelar outras nuances da cidade, e acabam reforçando o estigma das trevas do Ribeirão. Como a pesquisa da arquiteta e doutora Paola Rogedo Campos (2009), que apesar de ressaltar que os resultados de suas pesquisas indicam a intenção do governo do Estado em transformar a cidade em um “espaço carcerário”, foca sua narrativa nas desigualdades da ocupação territorial classificando

¹¹ Disponível em: <http://www.nossafazenda.com.br/nossa-fazenda> , acessado em 21 de fevereiro de 2020.

Neves como um arquipélago, devido à formação geográfica em que os distritos são separados por “espaços vazios” com vias desarticuladas e precarizadas de ligação entre eles.

Em sua análise, ela desconsidera completamente os cidadãos nevesenses e suas diversas formas de ocupação e sociabilização na cidade, sentenciando:

Um aspecto histórico a se considerar é o fato de que Ribeirão das Neves nunca se constituiu em uma cidade entendida como espaço político e sociocultural. Por isso, a metáfora de um “arquipélago” ilustra o espaço fragmentado, desarticulado e com identidades frágeis, que caracterizam o território municipal (CAMPOS, 2009, p.181).

A sentença da pesquisadora é rasa e demonstra um discurso que os nevesenses estão cansados de ouvir, apenas mais um eco da narrativa dominante tão bem articulada politicamente pelo Estado, que insiste em segregar e desqualificar um território habitado desde as origens majoritariamente por pessoas negras escravizadas e atualmente pelos mais pobres, que “coincidentalmente” também é composta por maioria negra, como mostram exaustivamente os dados apresentados nos diversos estudos.

Essa narrativa focada exclusivamente nas trevas da cidade já foi percebida por outros pesquisadores nevesenses, como Lélis, Menezes e Silva (2016, p. 5), que contestam esse discurso único apontando a imprensa como responsável pela propagação do estigma que marca território e população há anos:

Importa ressaltar que, em que pese a concretude dos problemas socioeconômicos de Ribeirão das Neves, a consolidação de uma imagem negativa da cidade – que afeta o imaginário e a visão de seus habitantes, atualmente é uma questão em si, não necessariamente resultado natural destes problemas. Isso é observado nos inúmeros preconceitos veiculados e reforçados por veículos de comunicação, que, por exemplo, omitem os aspectos positivos da cidade.

Portanto, a cidade não se tornou Ribeirão das Trevas por uma piada publicada no Diário Oficial do Estado de Minas Gerais em 2013. O território nevesense foi selecionado estrategicamente pelo Poder Público para receber todos os expulsos da cidade urbanizada; os que não eram bem-vindos; os que não foram convidados para participar plenamente da vida urbana e nem para usufruir de recursos e serviços públicos; os que não podiam ser vistos e nem podiam incomodar a tradicional família mineira situada na região centro-sul da capital; os que deveriam servir e não comandar; os que deveriam aceitar e não decidir; aqueles que foram desamparados pelo Estado que intencionalmente os deixou à margem; aqueles que não podiam ter uma história diferente da que foi escrita para ser deles; aqueles que hoje ousam falar.

2.2 Ribeirão das Neves: a história contada pela mídia

Como vimos, Ribeirão das Neves foi construída para ser o local de dormitório das pessoas que deveriam passar o dia trabalhando para servir a classe média e alta localizada na capital de Minas Gerais. Essa informação ajuda a esclarecer porque o Arquivo Público contém tão pouca informação e registros da memória e cultura do povo nevensense, uma vez que o Estado é quem pretendia contar a história e determinar os papéis a serem representados por aqueles que enviou para lá. Contrastando com a escassa fonte de memórias oficiais sobre Ribeirão das Neves, há uma infinidade de informações quando se analisa na perspectiva das notícias. A Imprensa mantém uma cobertura quase linear sobre o território nevensense, e os assuntos mais pautados são mais do mesmo: pobreza, violência, presídios.

Por curiosidade, resolvi pesquisar na internet através do sistema de palavras-chave digitadas no site de busca Google. Digitei “Ribeirão das Neves” no buscador e encontrei o seguinte:

Figura 34 - Print Pesquisa no Google



Fonte: Site de pesquisas Google, 2019.

Todas as palavras que aparecem são relacionadas a questões territoriais, como o estado de Minas Gerais, CEP, mapa, DDD, etc. Porém, a única palavra que aparece fora desse contexto geográfico e em segundo lugar no ranking de pesquisa é “presídio”. Completei a minha busca, apenas digitando seguido ao nome da cidade o termo “notícias”, e o resultado foi:

Figura 35 - Print Pesquisa “Ribeirão das Neves Notícias”

Aproximadamente 468.000 resultados (0,50 segundos)

Ribeirão das Neves | Cidade | G1 - G1 - O portal de notícias da Globo
<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/cidade/ribeirao-das-neves/> ▼
 Vítimas foram encontradas em Ribeirão das Neves, na Região Metropolitana de Belo Horizonte nesta terça-feira (8). Valor levado pelos ladrões não foi ...

Notícias - Ribeirão das Neves Net
<https://ribeiraodasneves.net/noticias> ▼
 Terá início na próxima segunda-feira (11), o programa "Transforma Minas", do Governo de Minas Gerais, para preenchimento de vagas de chefia, direção e ...

Vídeos



Ação de policiais gera revolta em Ribeirão das Neves (MG)

R7 - 10 de out de 2018



Polícia Militar apreende armamento de guerra em Ribeirão das Neves (MG)

R7 - 17 de dez de 2018



Suspeito de esfaquear adolescente em Ribeirão das Neves (MG) é preso

R7.com - 7 de jan de 2019

Polícia - Ribeirão das Neves Net
<https://ribeiraodasneves.net/52-noticias/policia> ▼
 Polícia Militar desmonta fábrica clandestina de armas e munições em Ribeirão das Neves. 0. A Polícia Militar (PM) desmontou, nessa quinta-feira (28), uma ...

Ribeirão das Neves - Prefeitura Municipal - Notícias
www.ribeiraodasneves.mg.gov.br/materias/tipo/noticias/110 ▼
 Ribeirão das Neves - Prefeitura Municipal, PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO DAS NEVESRua Ary Teixeira da Costa, 1100 - Bairro Savassi (31) ...

Fonte: Google, 2019.

Não bastasse todas as primeiras notícias serem ligadas a crimes, polícia e violência, mais abaixo encontramos uma sugestão de temas para pesquisa que o próprio site oferece, relacionando-os à palavra-chave digitada no momento da busca:

Figura 36 - Sugestão de Pesquisa do Google

Vídeo flagra homicídio em posto de combustível de Ribeirão das Neves

<https://www.em.com.br/.../noticia/.../video-flagra-homicidio-em-posto-de-combustivel...>

20 de dez de 2018 - Dois homens foram mortos, na manhã desta quinta-feira, em um posto de combustível de Ribeirão das Neves, Região Metropolitana de Belo ...

Imagens de ribeirão das neves noticias



→ Mais imagens para ribeirão das neves noticias

Denunciar imagens

Pesquisas relacionadas a ribeirão das neves noticias

ribeirão das neves noticias **policiais**

crime em ribeirão das neves

duplo homicídio em ribeirão das neves

homem encontrado morto em ribeirão das neves

operação em ribeirão das neves **hoje**

ribeirão das neves **bairros**

tiroteio em ribeirão das neves

ribeirão das neves neves



Fonte: Google, 2019.

Apenas essa pesquisa básica e rápida pela internet, que qualquer pessoa com acesso pelo celular consegue fazer, revela o assunto mais tratado pelos jornais quando se trata de Ribeirão das Neves. Desde veículos de comunicação locais e nacionais, o tema é sempre ligado ao medo e à violência. O que é fundamental para compreendermos quando os skatistas da *Just Crew* dizem que querem mostrar que Neves não é “só cadeia e crime, mas que também tem jovens inteligentes, cultura, esporte e lazer”. Com todo esse cenário informacional montado mentalmente, é mais fácil compreender em quê estava pensando a pessoa que resolveu escrever “Ribeirão das Trevas” no Diário Oficial do Estado de Minas Gerais.

O site de notícias G1.com, que tem alcance nacional e internacional, por exemplo, não foge ao ranking de temas mais buscados quando a palavra-chave é Ribeirão das Neves:

Figura 37 - Ribeirão das Neves no Portal de Notícias G1

Fonte: Portal G1 da Globo.com, 2018.

Não é meu interesse como pesquisadora, e nem parece ser o da *Crew* nevensense, dizer que essas notícias e informações circuladas sobre a cidade são mentiras. De fato, todos esses desafios apontados anteriormente e o que foi veiculado na mídia são reais. O problema desse enfoque nas ausências, na violência e no medo que essa narrativa “das trevas” acarreta é o que a escritora nigeriana, já citada, Chimamanda Adichie (2009) chama de “história única”. Todo esse discurso em torno dos presídios e das ausências, repetido incansavelmente ao longo dos anos, criou sobre Ribeirão das Neves uma história única. Como se além das trevas, não houvesse mais nada. Esse sentimento experimentado pelos jovens skatistas se assemelha ao que Chimamanda contou em sua palestra sobre sua experiência com uma colega de quarto, no período em que estava na universidade nos EUA.

O que me impressionou foi que: ela sentiu pena de mim antes mesmo de ter me visto. Sua posição padrão para comigo, como uma africana, era um tipo de arrogância bem intencionada, piedade. Minha colega de quarto tinha uma única história sobre a África. Uma única história de catástrofe. Nessa única história não havia possibilidade de os africanos serem iguais a ela, de jeito nenhum. Nenhuma possibilidade de sentimentos mais complexos do que piedade. Nenhuma possibilidade de uma conexão como humanos iguais (ADICHIE, 2009)

A escritora afirmou que passou a compreender a visão que sua colega de quarto tinha sobre os povos do continente africano quando se deu conta de que ela tinha escutado, “por

toda sua vida, diferentes versões de uma única história”. E é exatamente as diferentes versões da mesma história sobre o município nevensense, que torna fácil a piada com o trocadilho “Ribeirão das Trevas” e todos os estigmas e rótulos estampados em seus moradores, que se apresentam por si só, antes mesmo de que lhes sejam perguntados “quem é você?”.

Se antes a disputa por espaço na mídia se concentrava nos espaços dos noticiários, hoje, a disputa de narrativas ganha um agravante de alcance imensurável no meio virtual: a briga de algoritmos. De acordo com a reportagem de Sergio C. Fanjul¹² para o jornal El País (2018), algoritmo é uma sequência de instruções realizadas para encontrar solução para um problema. Os algoritmos fazem o rastreamento de dados e apresentam os resultados para os problemas. Por exemplo, o repórter explica que o algoritmo do Google, chamado *PageRank*, é um dos mais famosos do mundo porque rastreia a web e apresenta resultados de pesquisa classificados num ranking de importância. Ou seja, ele identifica os dados que mais aparecem relacionados a determinada palavra-chave e apresenta os mais “importantes” primeiro. Importantes são aqueles conteúdos mais completos, com desenvolvimento do tema e em que as palavras-chave digitadas aparecem mais vezes.

O que faz a cidade de Ribeirão das Neves ser identificada com dados sobre violência, presídios, morte, medo, etc? Dos 468 mil resultados encontrados em 0,50 segundos pelo algoritmo do Google, a palavra presídio aparece em segundo lugar. Quantas mil vezes Ribeirão das Neves foi associada a temas ligados à palavra presídio para que se tornasse relevante a ponto de figurar na vice-liderança do ranking de palavras mais buscadas por usuários na web? Esse exemplo demonstra que a história mais contada e mais pesquisada sobre Ribeirão das Neves é a dos presídios, da violência e do medo. E é essa história que será apresentada simbolicamente de diversas maneiras para quem se interessar pelo nome Ribeirão das Neves.

Teresa Caldeira (2011) apontou em sua pesquisa que a narrativa do medo é construída pela repetição de histórias que disseminam um senso comum sobre o crime, promovendo discriminação e criando estereótipos sobre determinados grupos, além de deslegitimar as instituições criadas para manter a ordem (como o poder judiciário, a PM, etc) e legitimar a justiça privatizada, por meio de ações vingativas e ilegais de violência.

Mais do que manter um sistema de distinções, as narrativas sobre o crime criam estereótipos e preconceitos, separam e reforçam desigualdades. Além disso, na medida em que a ordem categorial articulada na fala do crime é a ordem dominante

¹² Reportagem do El País disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/30/tecnologia/1522424604_741609.html, acessado em 21 de fevereiro de 2020.

de uma sociedade extremamente desigual, ela tampouco incorpora experiências dos grupos dominados (os pobres, os nordestinos, as mulheres, etc); ao contrário, ela normalmente os discrimina e criminaliza (CALDEIRA, 2011, p.43).

No caso de Ribeirão das Neves, o que acontece é que constantemente seus moradores são associados às cadeias, ao crime, à violência, como se todos fôssemos criminosos ou parentes de criminosos. Essa fala repetida tantas vezes cria um receio entre os moradores de serem identificados como criminosos também, porque o estigma fecha inúmeras portas e relações. O estigma faz com que pessoas de outras regiões consideradas “normais” se sintam à vontade para criticar, ridicularizar e humilhar os “diferentes” da cidade das trevas. Faz com que se naturalize o discurso do medo, que por sua vez naturaliza discursos de ódio e de repulsa aos que são considerados descendentes do mal, e naturaliza o pensamento de que é preciso erradicar o mal e livrar as pessoas de “bem” dos perigos e do crime.

Esse discurso venceu as eleições presidenciais do Brasil em 2018 e assumiu um lugar de poder e decisão política, um lugar em que fazer gestos de arma e tiro com as mãos é sinal de defesa do bem e da moral e autoriza a morte e invisibilidade de quem estiver na categoria dos “diferentes”.

Há muitos anos é comum ouvir de alguns próprios nevenses falas como “eu moro perto de Venda Nova”, “eu morava em BH e estou aqui por pouco tempo se Deus quiser”, ou ainda “Neves é a treva mesmo!”. Essa concordância, no fundo, esconde uma atitude desesperada por se livrar do estigma e se diferenciar dos criminosos das prisões, uma busca por sobrevivência. Não é porque sou moradora da cidade dos presídios que também sou criminosa ou que também estou presa, mas o estigma faz com que eu seja associada a esse universo simbólico do medo e do crime sempre que me apresento como nevensense. E como tal, coloca-nos todos em situação de risco. É o que Caldeira (2011, p.89) também aponta em sua pesquisa:

(...) a “confusão” entre pessoas pobres e criminosos pode ter sérias consequências, considerando-se que a polícia também opera com os mesmos estereótipos, frequentemente confundindo os pobres com criminosos e às vezes até matando-os. O aspecto paradoxal da tentativa dos pobres trabalhadores de separarem-se do estereótipo do criminoso é que isso é feito usando-se contra o vizinho as mesmas estratégias que são usadas contra a própria pessoa. Como consequência, a categoria do criminoso e seu repertório de preconceitos e depreciações raramente são contestados. Ao contrário, a categoria é continuamente legitimada e os preconceitos e estereótipos contra os pobres (favelados, nordestinos, moradores de cortiço) são reencenados diariamente.

As piadas e comentários maldosos vão caindo nas falas dos próprios nevenses, que usam o repertório contra seu próprio povo, contra o vizinho, para se diferenciar e continuar vivo. O problema é que essa ação não rompe com o discurso de violência contra os nevenses,

somente reforça e divide as forças, coloca-nos uns contra os outros. Impede o desenvolvimento do sentimento de solidariedade e pertencimento, contribui para o rompimento dos vínculos afetivos com as pessoas e com o território.

Essa associação simbólica dos nevenses com o mal, com o ruim e o precário, é uma tática discursiva provinda de mais preconceitos gerados por pessoas que se consideram superiores e que ocupam lugares de poder e decisão. É resultado de um pensamento antigo, diversas vezes negado, carregado de conceitos colonialistas e racistas de uma classe que precisava de argumentos para escravizar e controlar povos inteiros: a ideia de que os negros e pobres são irracionais, não têm capacidade de decidirem e serem bons por si próprios. É Caldeira (2011, p. 90) quem também destaca:

O mal é algo associado à natureza humana, algo a que qualquer um é vulnerável. No entanto, como os pobres são vistos como mais próximos da natureza e da necessidade e mais distantes da razão e do comportamento racional que as outras pessoas, e como estão fisicamente mais próximos dos espaços do crime, conseqüentemente, são tidos também como outro grupo que corre o risco de ser infectado pelo mal.

Essa história única vem sendo contada desde a colonização do Brasil, desde a barbárie dos europeus sequestrando africanos, matando, separando famílias e obrigando-os a um trabalho forçado. Essa história única repetida milhões de vezes ao longo dos séculos, com diferentes roupagens, contextos e gêneros literários é que permite que a população negra e pobre continue sendo obrigada a ocupar lugares periféricos, a terem seus direitos negados e a sua dignidade ferida.

Chimamanda (2009) também explicou porque é um perigo que haja somente uma história sobre determinado lugar. “A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes”. A história associada ao nome “Ribeirão das Trevas” não é a única história da cidade, e sim a mais contada. Mas existem inúmeras outras histórias a se descobrir, e é urgente que novas narrativas ganhem espaço e visibilidade também. Especialmente porque para que esses problemas que dificultam a vida dos nevenses sejam solucionados, é importante que a população se engaje no processo de mudança. E como conseguir a participação engajada e voluntária das pessoas sem que elas tenham um forte “sentimento de pertença”?

Como a maioria dos moradores não possui um vínculo afetivo com o território, pois nasceram em outras cidades e se mudaram pra lá por causa dos baixos preços dos lotes, o sentimento de pertença a Neves precisa ser plantado e cultivado. Essas pessoas não

construíram memórias com o lugar, não têm experiências que fazem parte da história de suas famílias. Elas já estão de alguma forma vivendo com certo distanciamento afetivo desse território. E, convenhamos, ninguém quer se identificar e se sentir pertencente a um lugar “das trevas”.

Por isso, é tão significativo o que a *Just Crew* vem realizando há 20 anos. Eles estão contando outra história. Entrando em disputa com a narrativa dominante sobre as trevas e contando outras histórias, com outros personagens e outros enredos. Eles estão oferecendo outras experiências e oportunidades para que os moradores da cidade, especialmente os mais jovens, possam se identificar, fazer parte. Eles estão tentando reconstruir não só as próprias histórias de vida, como também sua dignidade e, conseqüentemente, vão reconstruindo a dignidade de outros nevenses também.

3 *JUST CREW*: DISPUTA, PODER E IDENTIDADE

Conhecendo mais sobre a realidade dos jovens da *Just Crew* é inerente pensar sobre como eles lidam com a questão da representação de suas identidades. Qual é a identidade possível para o morador de uma cidade identificada como sendo das “trevas” e por que isso é importante?

Em outubro, ao término das gravações com o grupo na praça, o jovem skatista Nathan se ofereceu para me fazer companhia na volta pra casa. Durante o trajeto, ele comentou comigo sua preocupação com a segurança e a escolha de votar em algum candidato que armasse a polícia para proteger as pessoas, pois queriam poder andar de skate tranquilos e sem medo de serem assaltados a noite. Fiquei curiosa com essa fala porque eles tinham contado nas gravações que a polícia tinha reprimido o evento cultural dos MCs e perguntei se ele se sentia seguro pela polícia ao circular por Ribeirão das Neves. Ele parou pra pensar durante alguns minutos e começou a contar que há algumas semanas estava participando de um evento parecido em outro bairro nevesense com mais quatro amigos. Quando estavam voltando pra casa, os cinco foram abordados por policiais que faziam ronda na região e precisaram encostar-se à parede para uma revista.

Ao descer da viatura, os policiais liberaram os três amigos que eram brancos deixando encostados na parede apenas o Nathan e o outro amigo que também era negro. Nathan disse que um dos policiais perguntou se eles tinham passagem na polícia, ao que eles responderam imediatamente que não tinham e não estavam fazendo nada além de voltar de um show de Rap pra casa. Os policiais começaram a intimidar os dois garotos dizendo que confeririam no sistema deles se realmente não havia nenhum registro em seus nomes e que, caso eles estivessem mentindo, seriam presos por estarem com drogas na mochila.

Os dois amigos se assustaram e começaram a pedir pra eles confiarem que estavam dizendo a verdade, e poderiam constatar no sistema e também revistando a mochila. Então, eles foram reprimidos por um dos oficiais que disse para o “Saci” calar a boca enquanto interrogava o outro “Negrinho”, ameaçando o tempo todo que se quisesse encontrar alguma coisa na mochila, ele encontraria. Segundo Nathan, seu amigo usava uma camisa de banda punk rock e tinha o cabelo com um corte moicano e, por causa disso, foi assediado pelo policial que fazia gestos obscenos dizendo que mostraria pra ele o que a polícia fazia com punks em Neves.

Após alguns minutos de tensão, os policiais confirmaram que não havia nenhum registro policial no nome dos garotos e decidiram liberá-los da revista. Para isso, mandou que eles corressem sem olhar pra trás antes que eles resolvessem atirar nos dois. Nathan disse que correu mais rápido do que um maratonista, com o coração disparado no peito, aos gritos dos policiais de “Corre Saci! Corre Negrinho”!

Confesso que fiquei assustada com esse relato e acabei emudecendo olhando para o Nathan. Ele também ficou em silêncio, me olhando. E foi quando começou a olhar para a própria pele, como se pela primeira vez ele percebesse algo que pra mim estava tão visível. Então ele me perguntou: “É porque eu sou negro, não é?”. Ele não esperou por uma resposta minha e emendou outra frase, que não era mais como uma pergunta, e sim como uma triste constatação que ele havia acabado de fazer: “É a cor da minha pele. Porque eles liberaram só os meninos que eram brancos e encostaram a gente, que é preto? É porque eu sou negro”.

Eu concordei, e ele continuou a conversa contando outra história que lhe veio à cabeça, de quando tinha ido visitar um amigo (que ele ressaltou que era branco) em um condomínio fechado em Belo Horizonte. Ele foi barrado na portaria até que o amigo descesse para recebê-lo e confirmar que ele realmente era um convidado do rapaz; depois percebeu vários “olhos” observando das janelas como se ele fosse um intruso perigoso. Passou um tempo com seu amigo, mas foi expulso pelo pai do jovem, que se exaltou quando o viu na sala e pediu ao filho para que não levasse mais más companhias para casa.

Nathan disse que se sentiu humilhado e foi embora. Porém, ficou pensando que o pai daquele amigo deveria saber que a má companhia era seu próprio filho que, em outra oportunidade, tinha oferecido drogas para Nathan experimentar. Então, ele confessou que já tinha fumado maconha com os amigos de Belo Horizonte, mas que agora estava mais preocupado em terminar seus estudos. Nesse momento, recuperando minha voz, apenas consegui incentivá-lo e disse que ele deveria sim estudar, pois era uma forma de obter melhores oportunidades de trabalho e renda no futuro. Apesar de acreditar que o nível de escolaridade de uma pessoa não é critério para se tratar com desrespeito e crueldade a ninguém, a cor e raça muito menos.

Chegamos ao ponto do caminho em que iríamos nos separar, pois morávamos em ruas distintas no mesmo bairro. Dei um abraço nele e agradei pela companhia e confiança na partilha e ouvi uma frase que me marcou profundamente e está na epígrafe deste trabalho: “Rafaela, estou muito feliz de dar essa entrevista pra você e saber que meu nome vai estar no seu trabalho dentro da universidade e não no boletim de ocorrência daquele policial”. Terminei o trajeto até em casa chorando, pois senti a dor naquele relato e me solidarizei com

ele. E acredito que essa história ajuda a pensar em como é complexa a questão da identidade para jovens com histórias parecidas com a de Nathan. Que identidade é possível para jovens que antes mesmo de poderem se apresentar são “identificados” e marcados de forma tão negativa por sua origem, cor e visual?

Historicamente, o Brasil passou por um processo de colonização por parte de europeus que escravizaram legalmente índios e negros durante três séculos e as diferenças de raça e cor, renda e tipos de ocupação de trabalho desde então têm sido utilizadas para marcar e excluir quem não pertence ao grupo considerado dominante, detentor de poder político e econômico.

Essas diferenças que são usadas como marcadores para definir quem é normal e quem é diferente são a origem do estigma. O assunto se torna mais complexo se pensarmos que quanto mais marcadores, ou categorias de diferenças, puderem ser utilizados para classificar uma pessoa, mais diferente e estigmatizada ela se tornará. E mais consequências sofrerá. É o que designa o fenômeno conhecido como “interseccionalidade”, cuja origem nos EUA na década de 1970 é explicada por Patricia Hill Collins (2017):

A publicação de 1982 do Coletivo Combahee River (pequeno grupo de mulheres afro-americanas de Boston) do manifesto Black Feminist Statement trouxe uma perspectiva que considerasse somente a raça ou outra com somente o gênero avançariam em análises parciais e incompletas da injustiça social que caracteriza a vida das mulheres negras afro-americanas, e que raça, gênero, classe social e sexualidade, todas elas, moldavam a experiência de mulher negra. O manifesto propunha que os sistemas separados de opressão, como eram tratados, fossem interconectados. Porque racismo, exploração de classe, patriarcado e homofobia, coletivamente, moldavam a experiência de mulher negra, a libertação das mulheres negras exigia uma resposta que abarcasse os múltiplos sistemas de opressão.

Collins (2017) destaca que as mulheres negras perceberam que jamais conquistariam a liberdade sem notar sua raça, classe e gênero, porque cada uma delas era atravessada por “múltiplos sistemas de poder que afetam suas vidas”, assim como num ponto de intersecção onde se cruzam linhas, planos e superfícies. O conhecimento compartilhado pelas mulheres negras em suas lutas políticas são fundamentais para compreender os muitos sistemas de poder que cruzam também a vida dos skatistas nevenses. O estigma de lugar “das trevas” da cidade em que moram transferido para suas próprias vidas traz em seu cerne outra marca: a da raça negra.

O professor e doutor Kabengele Munanga (2004) fez um levantamento histórico sobre o surgimento da palavra raça, seu significado e aplicação ao longo dos séculos até chegar no entendimento atual sobre o termo. Ele explica que os naturalistas dos séculos XVIII e XIX foram os primeiros a apresentar esse conceito:

(...) se deram o direito de hierarquizar, isto é, de estabelecer uma escala de valores entre as chamadas raças. O fizeram erigindo uma relação intrínseca entre o biológico

(cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas morais, intelectuais e culturais. Assim, os indivíduos da raça “branca” foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela” em função de suas características físicas hereditárias tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc., que segundo pensavam os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente, a negra mais escura de todas e conseqüentemente considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e portanto a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação (MUNANGA, 2004, p. 5).

De acordo com Munanga (2004), essa hierarquização das raças foi desconsiderada pelos geneticistas e biólogos moleculares da contemporaneidade porque não fazem sentido na ciência. As variações físicas, genéticas, morfológicas e comportamentais são apontadas pelos estudiosos como resultado de um fenômeno adaptativo indispensável às espécies humana e animal, que mudam de acordo com as características do lugar em que habitam (clima, fauna, flora, geografia, etc.) para garantir sua sobrevivência. Não há nessa diferenciação nenhum tipo de valor que classifique as espécies em inferiores ou superiores, boas ou más. No entanto, o autor demonstra que essa crença antiga na hierarquia das raças é uma expressão do racismo, ou seja, uma atitude baseada em ideologia política que revela a relação de poder e de dominação entre os povos:

O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc, que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são conseqüências diretas de suas características físicas ou biológicas (MUNANGA, 2004, p. 8).

Todos os skatistas da *Just Crew* são negros. Eles andam de skate na cidade desde a década de 1990. Eles constroem seus próprios skates, obstáculos e locais de treinamento. Entre eles estão jovens repletos de talentos: músicos, chefes gastronômicos, engenheiros, pesquisadores, educadores, comunicadores, etc. Todos pertencem à classe pobre e trabalhadora. Todos começaram a praticar o esporte na adolescência. Todos eles são negros. A cor da pele não foi uma característica que determinou suas habilidades e desempenho na prática esportiva. Eles alcançam o mesmo nível de conhecimento e técnica que outros skatistas de pele clara. No entanto, o skate é reconhecido por ser um esporte de jovens brancos de classe média e alta. Por quê? Porque apesar da cor negra de suas peles não ser determinante para sua inteligência e criatividade, é ela que determina as oportunidades e condições para um grupo e outro. Os skatistas negros fogem da representação comum à classe dos skatistas porque essa modalidade esportiva não foi criada para eles.

Ribeirão das Neves não tem, desde suas origens, lugares construídos com investimento público para lazer, prática esportiva e sociabilidades. Não tem teatro municipal, não tem parques, não tem cinema, não tem casa de shows, não tem ginásios esportivos, não tem praças públicas bem cuidadas e iluminadas. São inúmeras as desvantagens que a população nevensense precisa enfrentar em comparação com a população de Belo Horizonte.

Como também já vimos, não é coincidência que a maioria dessa população seja negra, o que acrescenta uma linha à intersecção das desvantagens impostas pelo sistema político e econômico vigente. Se a lógica do nível de intelectualidade ser igual à cor da pele fosse verdadeira, os skatistas nevensenses deveriam ocupar o posto mais alto de inteligência. Afinal, eles vencem muito mais obstáculos do que os demais skatistas brancos. Mas na prática, eles não são recompensados e nem reconhecidos como os demais, o que deixa nítido como as injustiças sociais operam contra a vida e existência deles.

De acordo com um trecho do documento sobre Juventudes do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – de 2016, de autoria de Miko Matijascic e Tatiana Dias Silva, as desigualdades sociais e raciais causam feridas profundas na sociedade brasileira. Matijascic e Silva (2016) analisaram indicadores sociais entre 1992 e 2012 e constataram que a população jovem é a que mais sofre com violência por estarem desprotegidos, em situação de precariedade e desemprego, e essa situação fica ainda pior quando somadas a fatores de vulnerabilidade, tais como o racismo e as condições sociais.

Considerando a classificação do PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) que considera negros todos que se declaram pretos e pardos, os dois autores indicam que a juventude negra reúne a maior parcela de jovens e reproduz com mais intensidade essas desigualdades.

São os negros os mais pobres, os menos escolarizados e os que padecem com o racismo estrutural, o que redundando, sobretudo, na ocupação de espaços mais precários no mundo do trabalho. Esse ciclo vicioso perpassa diversos espaços da vida social e sua continuidade permite, além de perpetuar a exclusão dos negros, a naturalização e a invisibilidade deste fenômeno (MATIJASCIC e SILVA, 2016, p.269).

Com tantos indicadores de desigualdades e vulnerabilidades sociais, o sistema simbólico no qual os jovens skatistas nevensenses estão inseridos parece oferecer opções restritas de significação e limitar o processo de construção de identidades, impondo barreiras concretas e ditando quem eles são e quem podem se tornar. Mas então, o que explica a resistência desse grupo em contestar a representação das ausências e trevas do Ribeirão e não aceitarem o estigma imposto a eles pelo processo cultural?

Stuart Hall (2000) acredita que a identidade é mais uma questão de identificação resultante do processo de subjetivação de cada um e das políticas excludentes implicadas. Para ele, a questão da identidade aparece na rearticulação da relação entre sujeitos e práticas discursivas, ou seja, envolve os discursos construídos historicamente que ajudam a moldar as tradições culturais das quais as pessoas fazem parte e se baseiam para saber o que podem ou não fazer, ser ou até mesmo subverter.

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nós tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos” mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (HALL, 2000, p.109).

Essa compreensão acerca da discussão sobre identidade interessa porque permite perceber que a identidade das “Trevas” e das “ausências” em Ribeirão das Neves não é fixa e nem imutável, ao contrário, resulta de uma construção discursiva ao longo dos anos que foi sendo disseminada e aceita, em certa medida, pelos habitantes locais e pelo próprio poder público. Isto porque essa narrativa faz eco aos discursos de ódio às pessoas de pele negra, fruto de um complexo sistema simbólico que apresenta e associa as pessoas negras desde o período da escravidão ao que é ruim, mal, estúpido e feio. Um sistema simbólico que criou narrativas em que os feitos e a trajetória de sucesso de pessoas negras não eram sequer citados.

Se as narrativas que ganham legitimação na sociedade excluem os negros, e as narrativas contadas e recontadas pela mídia e pelo Estado apresentam aos negros apenas o lugar da precariedade, da violência, das prisões e do medo, quais representações simbólicas os jovens negros encontram para, subjetivamente, se identificarem? Ângela Davis (2018) relembrou que o racismo já foi abolido das leis e os aparatos de segregação como o “apartheid” foram dissolvidos, no entanto, a lógica racista permanece de forma muito mais ampla e de forma estrutural nas sociedades contemporâneas:

Há também o impacto na psique, e é aí que entra a persistência dos estereótipos. Os modos como, ao longo de um período de décadas e séculos, as pessoas negras vêm sendo desumanizadas, ou seja, representadas como menos do que humanas e, portanto, o caráter político da maneira como a população negra é retratada por meio da mídia, por meio de outras formas de comunicação, que entra em jogo nas interações sociais tem igualado pessoas negras a pessoas criminosas. Então, não é difícil entender como esses estereótipos persistem por tanto tempo (DAVIS, 2018, p. 45).

Ribeirão das Neves concentra os piores estereótipos que uma cidade poderia receber: cidade das trevas (lugar de escuridão, de falta de conhecimento, do castigo do inferno comandado por Satanás) e cidade presídio (lugar de criminosos, assassinos, bandidos). “Coincidentemente”, tanto a cidade quanto os seis presídios são habitados por maioria negra. A história dolorosa que o Nathan dividiu comigo naquela caminhada e, provavelmente, as muitas outras histórias que todos da *Just Crew* não contaram, mas têm gravadas em suas memórias e no coração, resultam de uma política de morte e extermínio da população negra, que já foi oficial (como as políticas de embranquecimento da população brasileira), e hoje podem até não ser nomeadas como tal, mas são vistas e vividas diariamente por quem tem a pele negra.

Achille Mbembe (2006) a nomeou de necropolítica, uma forma de expressão de soberania que consiste determinar a existência do “outro” como um perigo contra a própria vida, uma ameaça de morte que somente cessa e restaura a paz e a segurança com a eliminação desse “outro” que oferece risco. “La soberanía consiste en ejercer un control sobre la mortalidad y definir la vida como el despliegue y la manifestación del poder” (Mbembe, 2006, p. 20). Ele também cita o pesquisador Franz Fanon para explicar como essa demonstração de soberania se reflete na ocupação dos territórios fruto do processo de colonização:

La ciudad del colonizado, o al menos la ciudad indígena, la ciudad negra, la medina, o bairro árabe, la reserva es un lugar de mala fama, poblado por hombres con mala fama. Allí se nace en cualquier parte, de cualquier manera. Se muere en cualquier parte, de cualquier cosa. Es un mundo sin intervalos, los hombres están unos sobre otros, las casuchas unas sobre otras. La ciudad del colonizado es una ciudad hambrienta, hambrienta de pan, de carne, de zapatos, de carbón, de luz (FANON, 1999, p. 29 citado em MBEMBE, 2006, p.45).

As trevas do Ribeirão provêm dos órgãos públicos federais, estaduais e, principalmente, da imprensa mineira sediada na capital Belo Horizonte que, historicamente e constantemente, associaram em suas narrativas o nome da cidade a temas como Penitenciárias, Crimes, Violência, Pobreza, Lixão e Segregação Espacial. Somando a essa narrativa a cultura racista e a desigualdade social que divide em classes e exclui a população com menor poder aquisitivo, a representação da cidade nesses discursos “oficiais” afeta negativamente a população e, especialmente, os mais jovens como os skatistas da *Just Crew*. A identidade nevensense acaba oferecendo mais barreiras do que possibilidades para que os jovens alcancem uma vida autônoma e emancipada como preza o Estatuto da Juventude, aprovado pela Lei nº 12.852 em 5 de agosto de 2013.

Mas se essa identidade foi construída discursivamente, ela também pode ser modificada. Hall (2000) destaca que as identidades são construídas dentro do discurso na disputa de poder por setores específicos e, por isso, são criados estigmas que excluem em vez de uma identidade homogênea que inclua tudo e não faça distinções. Para o autor, então, não basta que o discurso “construa” essa identidade, mas é necessário que as pessoas assumam esse papel, se identifiquem e invistam na identidade para que ela se mantenha. Hall acredita que as pessoas se apegam a determinada identidade por um tempo dentro do discurso que está vigente naquele contexto histórico, e por isso também podem desapegar-se dela com a construção de novos discursos que ofereçam outras possibilidades.

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (HALL, 1995, citado em HALL, 2000, p. 112).

Como o autor explica, para que o processo de identificação com uma certa posição seja eficaz é necessária uma articulação entre os discursos produzidos socialmente, que convocam os sujeitos, e as subjetividades que fazem com estes invistam em tais posições. Ou seja, a construção de uma identidade é um processo complexo de negociação constante. Assim, voltando ao caso da identidade das “trevas” imposta discursivamente a Ribeirão das Neves, fica mais fácil compreender que essa posição não é fixa e nem unificadora, ao contrário, está em constante disputa entre os atores sociais que a constroem. Os skatistas da *Just Crew* são um exemplo de grupo que resiste a esse estigma, contestando suas bases e propondo outros significados para o que é ser nevensense.

Alice Lopes (2013) também destacou esse caráter de negociação e contestação das identidades ao afirmar que as significações do que entendemos como social, conhecimento, escola, por exemplo, estão em disputa o tempo todo. “Se não há regras obrigatórias do jogo, as regras podem ser mudadas, o jogo pode ser outro e o futuro – como projeto que decidimos hoje – passa a estar em pauta” (Lopes, 2013, p. 20).

bell hooks (2019, p. 35) ressalta que essa disputa por controlar as próprias imagens e narrativas é extremamente dolorosa, porque “a dor de aprender que não podemos controlar nossas imagens, como nos vemos ou como somos vistos, é tão intensa que isso nos estraçalha. Isso destrói e arreventa as costuras de nossos esforços de construir o ser e de nos reconhecer”. E continua:

Muitas pessoas negras se recusam a avaliar nossa condição presente porque elas não querem ver as imagens que podem forçá-las a militar. Mas a militância é uma alternativa à loucura. (...) as pessoas negras se afastam da realidade porque a consciência é dolorosa demais. No entanto, só nos tornamos mais conscientes quando começamos a ver com clareza (HOOKS, 2019, p. 39).

Trazendo a questão das identidades para o campo das disputas políticas, percebe-se que a *Just Crew Skateboard*, apesar da dor e dos inúmeros obstáculos, se tornou um ator social que não está passivo e sem poder, mas está, sim, disputando o poder de contar sua própria história, de tomar as rédeas da situação.

A esperança de um mundo melhor incorporada ao entendimento de que, se é completamente impossível significarmos esse mundo de uma vez por todas, ainda assim é necessário investirmos nessa significação. A ela podemos dedicar-nos, sem perdemos de vista o quanto é instável, provisória e precária e por isso mesmo potente: está aberta a ser constantemente refeita de forma imprevisível (LOPES, 2013, p. 21).

Quando os jovens skatistas rejeitam a posição de jovens sem ocupação, sem educação de qualidade, sem valores morais; quando contestam a associação do negro como bandido, do skatista como drogado e do jovem como alienado, eles enfraquecem a narrativa do Ribeirão das Trevas. Em seu lugar, apresentam outra história e identidade, a dos jovens que compartilham saber e conhecimento técnico, que são atletas habilidosos e dedicados, que vencem a falta de estrutura física da cidade com criatividade e ousadia, ocupando os espaços de novas maneiras e fortalecendo suas redes de sociabilidade. Eles apresentam um novo jeito de se representar como cidadão nevensense, como jovens homens negros, e passam a deter também o poder de construir novos discursos e possibilidades para outros jovens e moradores de um Ribeirão com mais luzes do que escuridão.

3.1 Amor, reconhecimento e resistência: o skate transformando personagens em autores

Diante do cenário apresentado, como ser cidadão e ter uma vida com dignidade? Que tipo de subjetividade, de identidade e que tipo de vida é possível aos jovens de Ribeirão das Neves? Antes mesmo de nascerem e passarem pela experiência da descoberta de si mesmo, as pessoas de neves já têm roubada a possibilidade de serem reconhecidas de forma positiva. Já se nasce carregando uma marca, um estigma, que é confirmado ao longo de toda a vida pelas ausências e negações de seus direitos, por não serem reconhecidos em sua integridade física e moral, sua dignidade humana.

Axel Honneth (2003), baseado nos estudos de Hegel e Mead, propôs uma Teoria do Reconhecimento, que associa o início dos conflitos sociais aos sentimentos coletivos de

injustiça. Para ele, um indivíduo se constitui e constrói sua identidade por meio da experiência que faz em suas relações primárias, com a sociedade e com a comunidade a qual pertence, com o Amor, o Direito e a Solidariedade.

O nexo existente entre a experiência de reconhecimento e a relação consigo próprio resulta da estrutura intersubjetiva da identidade pessoal: os indivíduos se constituem como pessoas unicamente porque, da perspectiva dos outros que assentem ou encorajam, aprendem a se referir a si mesmos como seres a que cabem determinadas propriedades e capacidades. A extensão dessas propriedades e, por conseguinte, o grau da autorrealização positiva crescem com cada nova forma de reconhecimento, a qual o indivíduo pode referir a si mesmo como sujeito: desse modo, está inscrita na experiência do amor a possibilidade da autoconfiança, na experiência do reconhecimento jurídico, a do autorrespeito e, por fim, na experiência da solidariedade, a da autoestima (HONNETH, 2003, p.272).

Assim também os jovens skatistas de Ribeirão das Neves, que são todos negros e pertencentes às famílias com baixo poder aquisitivo, foram criando uma consciência coletiva das situações de desrespeito que experimentavam coletivamente. A começar pela autoestima baixa e a insegurança de se sentirem seres humanos íntegros, com suas capacidades reconhecidas.

Com a experiência da amizade, eles encontraram a relação intersubjetiva capaz de ensinar o Amor, que como Honneth (2003) destacou, permite a construção simbólica do sentimento de autoconfiança essencial para uma vida plena. Esse amor é o que mais fica latente e visível em toda a entrevista com a *Just Crew*. A todo o momento eles reforçam como se sentiam sozinhos, tristes e como o círculo de relacionamento social era restrito antes de se encontrarem no coreto da Praça. Andar de skate, ser um atleta reconhecido nacionalmente, ou participar de competições nacionais nunca foi o objetivo primário desse grupo. O skate lhes deu mais do que uma experiência radical esportiva, lhes entregou uma vivência profunda de Amor.

Na primeira conversa que tivemos no coreto, em abril de 2018, quando perguntei quais eram as principais conquistas do grupo em todo esse tempo, a resposta era uníssona: “A união”. Relembro aqui o depoimento do Alexandre, já em outubro de 2018, quando contava sua história com o skate.

Nessa época, a amizade era só eu e ele. Não tinha mais ninguém, só tinha nós de amizade. Olha aqui (apontando para os demais) o tanto de gente que a gente é amigo agora por causa do skate. Foi o que o skate proporcionou pra gente, o skate é isso, o skate não é um equipamento de quatro rodas. Um equipamento traz, é um equipamento realmente, mas ele traz uma amizade, traz uma coisa a mais pra gente. Antes era só eu e ele, eu e ele e mais nada. A amizade era só isso. E ir pra escola. Agora a gente tem todo mundo, e todo mundo é tipo muito unido, vai andar de skate todo mundo (ALEXANDRE. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

A experiência de reconhecimento pelo Amor que eles fizeram na *Just Crew* fica muito nítida nessa frase “Agora a gente tem todo mundo”. Antes do skate, era como se fossem invisíveis, como se existissem fora do mundo. E pertencer a essa *crew* os fez pertencer ao mundo. Se andar de skate no coreto da Praça de Justinópolis não modificasse mais nada, esse amor compartilhado em forma de amizade por esses skatistas já é revolucionário. Ser reconhecido como um amigo e não como mais um jovem em situação de vulnerabilidade, ou como um provável bandido, é transformador.

Mas o skate voa alto. E esse pulo que eles deram nos ares de Ribeirão das Neves ampliou seus horizontes também na busca de reconhecimento por seus direitos. Essa experiência permitiu que eles adquirissem a consciência de não terem os mesmos direitos que outros jovens da mesma idade, moradores da capital BH por exemplo. Afinal, não tinham as mesmas condições econômicas para manter os equipamentos do skate; não possuíam local adequado para a prática esportiva e nem pontos de encontro e de lazer na cidade; precisaram interromper a continuidade dos estudos após o Ensino Médio (alguns só terminaram o Ensino fundamental) para trabalhar e contribuir com as despesas familiares; e ainda enfrentavam a desconfiança de moradores, dos próprios pais e da polícia que frequentemente os reprimia devido à imagem associada ao skate de vandalismo e uso de drogas.

Em grupo, começaram a desmistificar com a própria vivência da amizade a imagem negativa de suas famílias; mobilizaram conhecidos e conseguiram doações para construir seus próprios skates e obstáculos; capacitaram-se na prática e no desenvolvimento das habilidades necessárias ao skatista com dedicação e treino; apoiaram-se para incentivar os mais novos que chegavam ao grupo a investirem nos estudos e não abandonarem a escola; reformaram a Praça, com recursos próprios e de doações, para tornar o ambiente mais bonito e agradável; ganharam o apoio do pároco da Igreja da Praça que cedeu o estacionamento (com piso liso) para que eles montassem novos obstáculos e continuassem evoluindo no skate; conseguiram que a Prefeitura fizesse uma instalação de luz elétrica para iluminar a praça à noite e evitar os mal entendidos com a polícia; tornaram o estilo “largado e desleixado” uma identidade visual que os identifica como os skatistas da praça, exibindo-se com orgulho; deram um nome para o grupo *Just Crew Skateboard* e organizaram campeonatos, atraindo inclusive jovens de outras cidades para o skate em Neves; e ainda apoiam as ações culturais de outros coletivos jovens da cidade.

Dessa forma, passaram pela experiência coletiva de tomar consciência de seus Direitos e da força da Solidariedade, como explicou Honneth (2003), e transformaram as situações de desrespeito em motivo para se autoafirmarem numa resistência e busca por reconhecimento

que já dura 20 anos. “O engajamento individual na luta política restitui ao indivíduo um pouco de seu autorespeito perdido, visto que ele demonstra em público exatamente a propriedade cujo desrespeito é experienciado como uma vexação” (Honneth, 2003, p.260).

Figura 38 - Just Crew divulgando seu campeonato



Fonte: *Just Crew Skateboard*, 2018.

3.2 O skate dando um *ollie* nos obstáculos: movimento skatista educador

Como vimos na primeira parte deste capítulo, durante as gravações das conversas com o grupo *Just Crew*, Breno, Gabriel e Davidson definiram que o skate não era apenas a modalidade esportiva preferida deles, mas um estilo de vida.

Qual é o estilo de vida da *Justcrew*? (pergunta):

- É... sempre... andar de skate! (Breno)
- Sei lá, ser feliz mano! (Gabriel)
- Ser feliz andando de skate! (Breno)
- Ter união! (Gabriel)
- É andar de skate, união, andar todo mundo junto, companheirismo! (Davidson)
- Família, a *Justcrew* é uma família! (Gabriel)

(JUST CREW SKATEBOARD. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018)

Andar de skate exige ousadia para encarar desafios e superar obstáculos, pois é nisso que se baseia a prática: pular sobre obstáculos com o skate. De acordo com Davidson

Meirelles (2018), esse movimento base é conhecido como *ollie*. “O *ollie* é a primeira manobra do skate, é o primeiro pulo com o skate, tirar ele do chão”. E é a base para todas as manobras mais elaboradas que se seguirão. “Aí vem o *ollie* sobre o cano, *ollie* sobre a guia, *ollie* sobre a escada. É o primeiro pulo do skate, é a base do skate: o *ollie*”, explica. Segundo Brandão (2012), essa manobra ficou conhecida como *Ollie* em 1978 quando foi utilizada pela primeira vez pelo skatista Alan Ollie Gelfand, na Flórida. A prática se disseminou pelo mundo e ganhou o nome de *ollie* em homenagem a ele.

Eu acrescento que o *ollie* é também um conceito que merece ser compreendido e compartilhado. Neste texto, eu trato o *ollie* como um conceito que ajuda a entender o contexto da experiência que os skatistas fazem, sendo um código muito próprio das *crews*, e ao mesmo tempo ajudando a entender como esse movimento também pode explicar a construção simbólica que eles fazem com seus skates em Ribeirão das Neves.

Isto porque é exatamente esse movimento que os skatistas nevenses vêm fazendo ao longo de 20 anos: dando um *ollie* sobre os obstáculos e barreiras impostos socialmente para impedir que eles decidam quem são e quem podem ser, onde e como podem circular com seus skates. Eles ocupam a cidade, reconstróem os equipamentos públicos para melhor promover seus encontros, questionam e exigem respostas ao poder público para suas demandas.

Quando comentei com a *crew* o *ollie* ser um bom conceito para explicar o movimento revolucionário que eles fazem na cidade, Alexandre me interpelou, dizendo: “Rafa, eu entendi o que você quer dizer. Mas, preciso que você também entenda que quem dá o *ollie* não é o skate, é o skatista. Somos nós, skatistas, que estamos dando *ollie* em Neves”. Essa consciência que eles têm sobre si mesmos e a relevância do que fazem só me faz mais segura de que esse movimento é mesmo um *ollie* nas narrativas dominantes sobre Ribeirão das Neves. Mais ainda, é um movimento skatista educador.

Nilma Lino Gomes (2019) afirma que o movimento negro brasileiro é um movimento educador. Ela faz essa afirmação baseada em uma extensa pesquisa a cerca dos movimentos sociais negros no Brasil e como sua atuação tem função educadora na medida em que são produtores “de saberes emancipatórios e um sistematizador de conhecimentos sobre a questão racial no Brasil. Saberes transformados em reivindicações, das quais várias se tornaram políticas de Estado nas primeiras décadas do século XXI” (Gomes, 2019, 25).

A LDB nº 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), no artigo 1º, define que a “educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Além disso, a lei

também define no Artigo 2º que a educação deve se inspirar “nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, e tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Parte-se da premissa de que o Movimento Negro, assim como outros movimentos sociais, ao agir social e politicamente, reconstrói identidades, traz indagações, ressignifica e politiza conceitos sobre si mesmo e sobre a realidade social. (...) O Movimento Negro, entendido como sujeito político produtor e produto de experiências sociais diversas que ressignificam a questão étnico-racial em nossa história, é reconhecido, nesse estudo, como sujeito de conhecimento (GOMES, N. L., 2019, p. 32).

A *Just Crew*, apesar de não se intitular como tal, atua como um movimento social na busca por reconhecimento, como já vimos na definição sugerida por Honneth (2003) que é baseada na experiência do Amor, do Direito e da Solidariedade. Além disso, a *crew* é um movimento skatista educador porque sua ação é voltada para a educação. Com seus skates e toda sua forma de mobilização, capacitação e resistência, esse grupo composto quase na totalidade por homens negros e jovens, encontrou uma forma de educar a cidade e os próprios moradores para uma outra cultura, mostrando que outra Ribeirão das Neves é possível.

É notável como é intensa a relação desses skatistas com Ribeirão das Neves. Eles olham para a cidade de uma forma completamente diferente dos olhares que a condenam às trevas. Eles olham para a cidade e a modificam com seu olhar; eles intervêm no espaço público e o modificam, melhorando o patrimônio sem cobrar nada por isso. Outro dia fui surpreendida por uma foto que recebi do Jonathan, um dos skatistas neveses da *Just Crew*. Ele saiu num rolê com uns amigos e descobriu um novo lugar de lazer: a cachoeira da Laginha, que fica em Justinópolis! Me mandou uma foto linda sem me dizer onde era inicialmente. Fiquei completamente surpresa e encantada com a beleza do lugar que eu, moradora da cidade há 30 anos, sequer sabia que existia. Junto da foto veio um áudio:

Ou, eu também não tô acreditando que tem um lugar desse aqui em Justinópolis. Isso aí contribuiu, hoje eu voltei pra casa amando essa região. Tipo assim, amando Justinópolis, Neves. Nunca tinha acontecido antes. Tipo assim, com esse rolê de hoje, mano, ow, que natureza bonita, que lugar maravilhoso. Que, tipo assim, próximo, que dá pra ir a pé. Nossa, mano, foi... sensacional o rolê hoje! Você não tem noção! (JONATHAN, 2020)

Essa foto me tocou profundamente, porque esse lugar é muito próximo da nossa casa. Estamos tão acostumados a ouvir só comentários depreciativos sobre Neves, que perdemos até a vontade de explorar e conhecer melhor nosso próprio território. Como se belezas naturais como essa não fossem possíveis de se encontrar ali.

Figura 39 - Comentário surpreso sobre cachoeira em Justinópolis



Fonte: Perfil de Marcela Menezes, 2020, Instagram.

O movimento skatista educador está forçando a cidade a se olhar e se ver de outra forma, estão cartografando e fazendo um novo mapa de Ribeirão. A *Just Crew* está reeducando os nevenses, especialmente os mais jovens, a descobrirem uma outra cidade: a Ribeirão das Neves. Uma cidade que não é das trevas, uma cidade que é possível amar. Essa fala do Jonathan é muito forte pra mim, porque já tivemos outras conversas em que ele se dizia desmotivado e infeliz em morar em Neves. Ouvi-lo dizer que se sentiu melhor e que voltou amando Justinópolis e amando Neves é transformador, é de fato, ver a educação acontecendo em seu pleno potencial.

Ao contrário do que pesquisadores como Campos (2009) pregaram, Ribeirão das Neves não é uma cidade que nunca se “constituiu em uma cidade entendida como espaço político e sociocultural”. O caráter urbano de Ribeirão das Neves, como define Henri Lefebvre (2001), não é percebido pelo seu valor de troca e nem pela lógica do Estado de controle dos espaços públicos na tentativa de manipular a vontade de seus cidadãos-cidadãos. Está no valor de uso, da forma como diferentes grupos se encontram e interagem entre si fazendo valer seu direito à cidade:

Ao mesmo tempo que lugar de encontros, convergência das comunicações e das informações, o urbano se torna aquilo que ele sempre foi: lugar do desejo,

desequilíbrio permanente, sede da dissolução das normalidades e coações, momento do lúdico e do imprevisível (LEFEBVRE, 2001, p. 85).

Essa interação nos espaços públicos vem sendo evitada a todo custo pela classe mais alta, o que fica visível com a ascensão dos condomínios fechados, como explica Caldeira (2011). A nova estética das cidades com seus muros, que fecham os mais ricos em “condomínios seguros” e abandona o que resta dos espaços abertos aos que não tem condições de pagar para acessar os enclaves fortificados, reforça que o cotidiano da vida urbana é marcado por valores de incivilidade, intolerância e discriminação. Ela destaca que esse movimento de reurbanização em que os mais ricos tentam se encontrar o mínimo possível com os mais pobres nos lugares democráticos, como as ruas das cidades, ficou mais intenso quando eclodiram as lutas dos movimentos sociais nas periferias e a conquista do voto. “Quando o sistema político se abriu, as ruas foram fechadas e o medo do crime se tornou a fala da cidade” (Caldeira, 2011, p. 314).

A *Just Crew* dá um *ollie* nessa fala do medo e transforma a cidade de Ribeirão das Neves em um lugar de encontro, de amizade, de superação de obstáculos. Entra na disputa de reconhecimento de seus direitos de “cidadãos do mundo”, como Davidson orgulhosamente definiu ao descrever a missão da *crew*. Eles reinventam a cidade e jogam luz nas trevas, reivindicando o seu direito à cidade. “Não à cidade arcaica, mas à vida urbana, à centralidade renovada, aos locais de encontro e de trocas, aos ritmos de vida e empregos do tempo que permitem o uso pleno e inteiro desses momentos e locais” (Lefebvre, 2001, p. 139). Eles fazem a cidade.

Michel Agier (2015) diz que a cidade é feita essencialmente de movimento e que esse movimento é o de “fazer-cidade”. O pesquisador sugere uma antropologia do “fazer-cidade” apresentando três aspectos que podem ser considerados efeitos do agir urbano: invasão, ocupação e instalação.

1) sobrevivência em um distanciamento (um acampamento, na invasão de um local vazio). É o gesto primeiro da invasão entendida como desobediência e como ilegalidade assumida; 2) presença recalcitrante sobre o próprio local “eu ficarei aqui, não importa o que haja”; e 3) opera uma Transformação Urbana, graças aos mecanismos duráveis de instalação (AGIER, 2015, p. 493).

Sob essa perspectiva, podemos dizer que a *Just Crew*, de fato, faz a cidade. Ao invadir o coreto da praça e utilizá-lo como pico para suas manobras, eles desobedecem a ordem imposta sob os usos aceitáveis para aquele lugar. Depois, a *crew* se instala por ali fazendo mudanças na estrutura, adaptando o espaço para os usos que pretendem fazer, reformam o entorno com o objetivo de que mais pessoas sejam atraídas para a praça e promovem uma

reabilitação desse lugar. E, com o tempo, o que se pode notar é que eles operaram uma verdadeira transformação urbana, porque realmente promoveram uma instalação durável que envolveu e engajou pessoas usando e ocupando o espaço para diversos outros fins (como as batalhas de MC), reurbanizando um lugar antes abandonado às narrativas do medo.

Eles literalmente dão um *ollie* sobre a ordem controladora do poder público, porque pulam sobre o que estava previamente estabelecido como barreira e fazem desse salto um voo para mais perto da dignidade que tanto tentam lhes roubar. Eles dão um *ollie* sobre a negação de seus direitos como cidadãos e fazem seu direito à cidade valer. Para uma cidade que é sempre a mesma, eles trazem novidade. A *Just Crew* contesta as trevas e constrói a possibilidade mais concreta e real de existência da cidade Ribeirão das Neves.

Essa contestação se faz presente mesmo dentro da cultura do skate, que como vimos era uma prática historicamente disseminada entre jovens brancos, de classe média e alta devido aos altos custos dos equipamentos, e em locais geralmente urbanizados com ruas asfaltadas e estruturas que poderiam ser usados como picos para os saltos. A *Just Crew* dá um *ollie* logo de cara com sua pista de skate improvisada no coreto da Praça e no estacionamento da Igreja.

Eles deixam claro que gostariam, sim, de ter uma pista de skate bem construída e um espaço de encontro dos amigos com mais opções de lazer. Mas eles são do *street* skate, do skate que explora as ruas e ressignifica os usos e sentidos do que já está ali. Nada impede que eles deem outras funções para os espaços e equipamentos, pois com o skate nos pés eles superam os obstáculos, aprendem a cair e a levantar, a tentar de novo até conseguir quantas vezes forem necessárias, a desenvolver habilidades e criatividade num *ollie* que evolui para manobras cada vez mais precisas e arriscadas.

O estacionamento para carros dos fiéis da igreja serve como rua asfaltada onde o skate desliza com mais facilidade para se desenvolver; as ferragens doadas são soldadas para formar obstáculos e reformadas a cada vez que eles entendem que podem aumentar o nível de dificuldade dos saltos; o corrimão e a escada do coreto são picos para as manobras mais radicais com o skate; o próprio coreto vira pista ao mesmo tempo em que mantém a função de local de encontro dos amigos, como fica claro nas gravações que ocorreram lá (enquanto alguns fazem manobras e ganham dicas de alguns skatistas, outros aproveitam para conversar e reforçar os laços de amizade). Até as vassouras ganharam função de obstáculos para os que estavam iniciando a prática.

Também dão um *ollie* nas convenções mercadológicas, isto porque o skate não é um esporte barato de se praticar. Os equipamentos possuem custos elevados para aquisição e

manutenção, e essa poderia ser uma barreira difícil de transpor para os mais jovens que ainda não têm trabalho e renda mensal. No entanto, a *Just Crew* criou uma rede de solidariedade entre eles de forma que os mais velhos ajudam a construir seus próprios skates e até doando parte de seus salários para colaborar com os demais.

Breno – Skate é a nossa vida, não tem como. (ele olha para o Davidson e pergunta) Fala que não é Deivim? Aqui óh, aquele ali óh! (Aponta para o Davidson) Daqui é pai, sô! (Davidson se junta a ele na filmagem) Esse aqui foi a primeira pessoa que me deu um skate na vida e desde então tô aí sempre.

Davidson – É sempre um prazer pra mim tá animando essa molecada, tirando ela da rua, dando uma nova visão pra eles através do esporte, do lazer, da cultura. Ribeirão das Neves não é só cadeia, não é só crime, não é só lixão, tem esporte, tem cultura, tem adolescentes inteligentes, e é nós! (*JUST CREW SKATEBOARD*. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

Também é muito interessante perceber que, ao mesmo tempo em que eles olham para a cidade e a modificam, eles também fazem a cidade e seus moradores olharem para eles mesmos e os modificarem. Reconstruindo suas próprias identidades e representações pessoais. Um exemplo disso, é o *ollie* que a *crew* dá na representação visual, fortalecendo suas identidades como skatistas. A moda se apropriou do esporte também oferecendo o estilo de roupas, calçados e acessórios que identificam visualmente um praticante dessa modalidade, mas também cria um estereótipo que, segundo os jovens da *Just Crew*, pode fazer com que eles sejam vistos como desleixados e loucos. No entanto, eles estão ressignificando essas representações exibindo com orgulho seus skates e estilos pessoais.

Gabriel: O skate proporciona o estilo. Você pode ser, se você andar na rua assim (e aponta pro Breno mexendo no cabelo dele) sem andar de skate você é um louco.

Breno: éh...

Gabriel: Agora você bota um skate no pé, o cara é estiloso... tendeu? É ué! (sorri)

Breno aponta pro tênis do Gabriel e diz: Ah lá óh, foca no tênis!

Gabriel: Quem me vê andando na rua assim com esse tênis. O cara olha pra mim e fala: Nu, esse cara é louco! Mas aí eu boto o skate no pé ele olha e fala: Oh, é skatista (e sorri). O cara é skatista!

Breno: Mas temos orgulho também de andar com o skate e um tênis rasgado, porque é muita manobra! É muita manobra no pé pra ter um tênis rasgado sabe.

Alexandre: Muita história e muita experiência. Tênis rasgado é sinal de experiência (*JUST CREW SKATEBOARD*. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves outubro de 2018).

Essas falas dos garotos deixam muito claro o quanto foi revolucionário o encontro que fizeram individualmente com o skate e coletivamente uns com os outros. A prática dessa modalidade esportiva os colocou em contato com uma realidade diferente da que vinham experimentando, de solidão e autoódio. Ao reler essa entrevista e assistir novamente aos vídeos, fico lembrando de como eles foram enfáticos ao dizer que estavam tristes em casa, sem ter o que fazer, que não tinham nada e nem ninguém. Retomo a fala do Breno (2018): “Eu não me conhecia antes do skate. Eu não sabia o que eu queria fazer. O que eu tinha

vontade. Eu apenas fazia as coisas”. É como se ele não existisse antes, apenas reagisse aos estímulos que recebia.

A história única das trevas, a narrativa racista que o Estado, a Imprensa e os Algoritmos virtuais contam diariamente para o Breno rouba muito mais do que eu ou eles conseguimos expressar nessas linhas escritas. A tristeza, a baixa autoestima e a solidão que eles compartilhavam sem saber, é fruto de uma narrativa contada simbolicamente, de jeitos sutis e de jeitos escancarados, que ensinam jovens negros e pobres a se odiarem.

O ódio nutrido silenciosamente por si mesmo, por não ser branco o suficiente, por não ser rico o suficiente, por nunca ter e nunca ser o suficiente para ser aceito, visto, reconhecido e amado deixam marcas profundas na memória, no coração e na alma desses jovens. O autoódio é avassalador e tem um poder destrutivo de assujeitamento que, muitas vezes, sequer conseguimos entender o alcance e as formas como irá reverberar e se manifestar nas nossas vidas. Meninos negros ensinados a se acostumar com olhares e atitudes de ódio estão mais perto das experiências de morte do que de vida.

Não é à toa que as estatísticas mostram que quem mais morre no Brasil são homens negros. Os dados do Atlas da Violência 2019¹³ indicam que em 2017, 75,5% dos indivíduos assassinados no país são negros. “No período de uma década (2007 a 2017), a taxa de negros assassinados cresceu 33,1%, já a de não negros apresentou um pequeno crescimento de 3,3%”. Desde sempre, a história única sobre Ribeirão das Neves e sobre as pessoas negras ensina para o Breno que ele não é alguém digno de existir, digno de amar e ser amado, digno de ser reconhecido como ser humano de direitos e talentos, que ele não era digno de sonhar.

Uma sociedade racista usa de várias estratégias para discriminar o negro. Alguns aspectos corporais, no contexto do racismo, são tomados pela cultura e recebem um tratamento discriminatório. São estratégias para retirar do negro o status de humanidade. Talvez seja esta uma das piores maneiras de o racismo se perpetuar. Ele transforma as diferenças inscritas no corpo em marcas de inferioridade. Nesse processo são estabelecidos padrões de superioridade/inferioridade, beleza/feiúra. (GOMES, N. L., 2003, p.79).

De acordo com Nilma (2003, p. 81), a contribuição da cultura negra para a educação está justamente nesse processo de ressignificação e construção de representações positivas sobre as pessoas negras, sobre suas histórias, culturas, corporeidade e estéticas. A *Just Crew* é um movimento skatista educador, porque reconstrói e cria essas novas possibilidades de representação, não apenas para a cidade e seus moradores, mas sobretudo para esses jovens

¹³ Atlas da Violência 2019 disponível em:

http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784, acessado em 24 de fevereiro de 2020.

negros e periféricos. Ensinados pelas narrativas dominantes a se autoodiarem, eles encontram no skate a narrativa do autoamor.

Por isso, quando o Breno diz que “skate é vida! Skate é a nossa vida, não tem como!” ele está dizendo muito mais do que “o skate é um esporte radical do qual eu não vivo sem”. A experiência do encontro que o skate promoveu entre esses jovens negros solitários, tristes e marcados para morrer devolveu para eles a vida. O *ollie* que a *Just Crew* dá não é só sobre as narrativas. Ouso afirmar que eles dão um *ollie* é na morte mesmo. O skate é vida! É vida porque foi um instrumento facilitador de encontros que ousaram contar uma história de vida, de amizade, de sonhos, de voo.

A história contada, milhares e milhares de vezes, sobre medo, morte e enclausuramento perdeu o sentido para eles quando experimentaram no coletivo e no skate os sentimentos de confiança, de vida e de liberdade. O amor é mesmo revolucionário. O amor e a amizade, a união que todos eles citam como a principal conquista nessa prática esportiva, é um ato político de liberdade. Eles estão se reeducando para a vida, as sociabilidades, para a experiência da beleza e do amor.

bell hooks (2019, p.63) também acredita no poder do amor para transformar a realidade de quem teve que se ver e ouvir desde o nascimento em contos de morte.

Coletivamente, pessoas negras e nossos aliados somos empoderados quando praticamos o autoamor como uma intervenção revolucionária que mina as práticas de dominação. Amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras.

Tantos outros pesquisadores e pesquisadoras negras vêm contando outras histórias ao longo do tempo, mas tão raso é o meu conhecimento sobre suas obras e suas trajetórias, pois como bem disse Damaceno (2013), a política de apagamento de suas vidas e contribuições ainda domina o sistema educacional brasileiro. Por isso, quando os skatistas negros da *Just Crew* dão um *ollie* nas identidades e autorrepresentações apresentadas como possíveis pelo sistema simbólico racista e elitista em que estão inseridos, eles voltam ao solo com seus skates e novas representações reais do impossível.

Eles criam outras histórias. Eles não são mais só personagens identificados com os papéis disponíveis. Eles se tornam autores, produtores de conhecimento, inventores de seu território e cenário. Eles pulam alto e giram no ar com seus *shapes* para que sejam vistos. Eles dão um *ollie* nos olhares que os colocavam em posições sempre abaixo. Esses olhos agora, se quiserem vê-los, vão ter que ser erguidos para cima. O skate faz barulho quando cai no chão

depois do pulo porque eles deram um *ollie* no silêncio. Eles assumem o papel de educadores sociais.

A própria representação da cidade vem sendo transformada pela experiência destes jovens skatistas, como eles mesmos relatam. Acostumados a ouvir, dos amigos da capital mineira, piadas e comentários sobre a distância e dificuldade de acesso a outras regiões, e sobre o medo com a proximidade das penitenciárias, eles agora despertam a curiosidade de outros jovens skatistas atraindo visitantes para o coreto da Praça de Justinópolis.

Isso aí já tá saindo, entendeu? Da visão do povo. Porque a gente já tá conseguindo colocar, tá vindo uns pessoal lá do centro (Centro de Belo Horizonte) andar aqui. Tipo olha que lindo aquele pico lá do centro, uns pico lá do centro muito bom, e os cara tá vindo andar aqui por causa de quê? Não é porque os pico é bom. É por causa da gente, entendeu? Eles estão vendo que a gente tá correndo atrás... (Gabriel, outubro de 2018).

Eu acho que o Ribeirão das Neves que a gente tá construindo... Somos nós! A gente é Ribeirão das Neves. O skate tá transformando Ribeirão das Neves e a gente num lugar mais conhecido, com cultura, com lazer. A praça da matriz de Neves hoje em dia é conhecida como a praça dos skatistas. E não tá sendo à toa. É porque nós estamos dedicando pra isso. Nós quer que aqui, futuramente, tudo que a gente tenha feito seja uma coisa que mais e mais vai crescer. Que não vai morrer com a gente, sabe? Eu acho que Neves hoje em dia tá sendo um lugar melhor, pelo menos aqui. Aqui na praça tá sendo um lugar melhor. Claro que, como todo lugar, tem suas coisas ruins, tem suas crises, mas quando a gente fala de skate em Ribeirão das Neves na praça matriz, já tá evoluindo... (BRENO. Entrevista concedida a Rafaela Goltara. Ribeirão das Neves, outubro de 2018).

A experiência que a *Just Crew Skateboard* compartilha com esta pesquisa demonstra que a identidade nevensense realmente está em disputa. A “história única” das trevas, firmada ao longo dos anos nos periódicos e nas comunicações oficiais do poder público, está sendo contestada por esse grupo que encontrou na amizade e no skate a força para construir uma nova narrativa para a cidade e para eles próprios. Esse encontro promoveu o espaço necessário para que eles construíssem um novo sistema simbólico, com novas significações sobre o que é ser um jovem skatista morador de Ribeirão das Neves e novas possibilidades para desenvolver suas subjetividades, para decidir a posição com a qual se identificar.

Nesse jogo de poder entre quem conta a história do outro de maneira excludente e quem aceita se submeter ou resiste, a *Just Crew* dá um *ollie* e coloca na pista uma nova cidade e uma nova identidade nevensense. Chimamanda Adichie estava certa quando disse que ao rejeitar uma história única reconquista-se uma espécie de paraíso, pois é isso que a *Just Crew* tem feito munida com skates e com a ousadia de dar *ollies* em locais não convencionais. Eles estão reconquistando seu próprio lugar e paraíso. Como bem frisou Gabriel (2018): “A gente quer ter o nosso lugar aqui em Neves, o pessoal de Neves. A gente é esse pessoal”.

4 “NEVES É A GENTE!”

4.1 “Neves é a gente!” por *Just Crew Skateboard*

Nesta seção, serão apresentadas fotografias tiradas pelos integrantes da *Just Crew Skateboard*: Alexandre, Breno, Helias, Davidson, Gabriel, Wesley, Wendel, Vilson, Israel, Nathan, e tantos outros, publicadas no perfil da *crew* na rede social Instagram (@just_skate_crew). As primeiras imagens (A, B, C) mostram os skatistas na Ocupação Curumim, escola abandonada pelo poder público que foi ocupada pelo grupo em parceria com outros movimentos e onde hoje está montado o Centro de Treinamento Avançado da *Just Crew*, bem como é o lugar em que eles realizam oficinas de iniciação ao skate gratuitas. Nas imagens (D) a (K) podemos ver os skatistas dando *ollies* e realizando manobras radicais em espaços públicos de Ribeirão das Neves e também de Belo Horizonte. Em seguida, temos imagens (L, M, N) do grupo participando da reforma do Viaduto Santa Tereza, em BH, colaborando com melhorias no espaço público e acrescentando obstáculos para a prática do skate. Em (O), (P) e (Q), vemos integrantes do grupo no coreto da Praça de Justinópolis e no estacionamento da igreja, local onde toda a história desse movimento educador se iniciou. Nas imagens (R) e (S), o grupo posa depois de participarem da gravação do programa político de um candidato a deputado estadual em Minas Gerais que patrocina algumas atividades da *crew*. Por fim, temos imagens do campeonato organizado pela *crew* em parceria com o grupo Neves Gamba em Ribeirão das Neves.

(A)



(B)



(C)



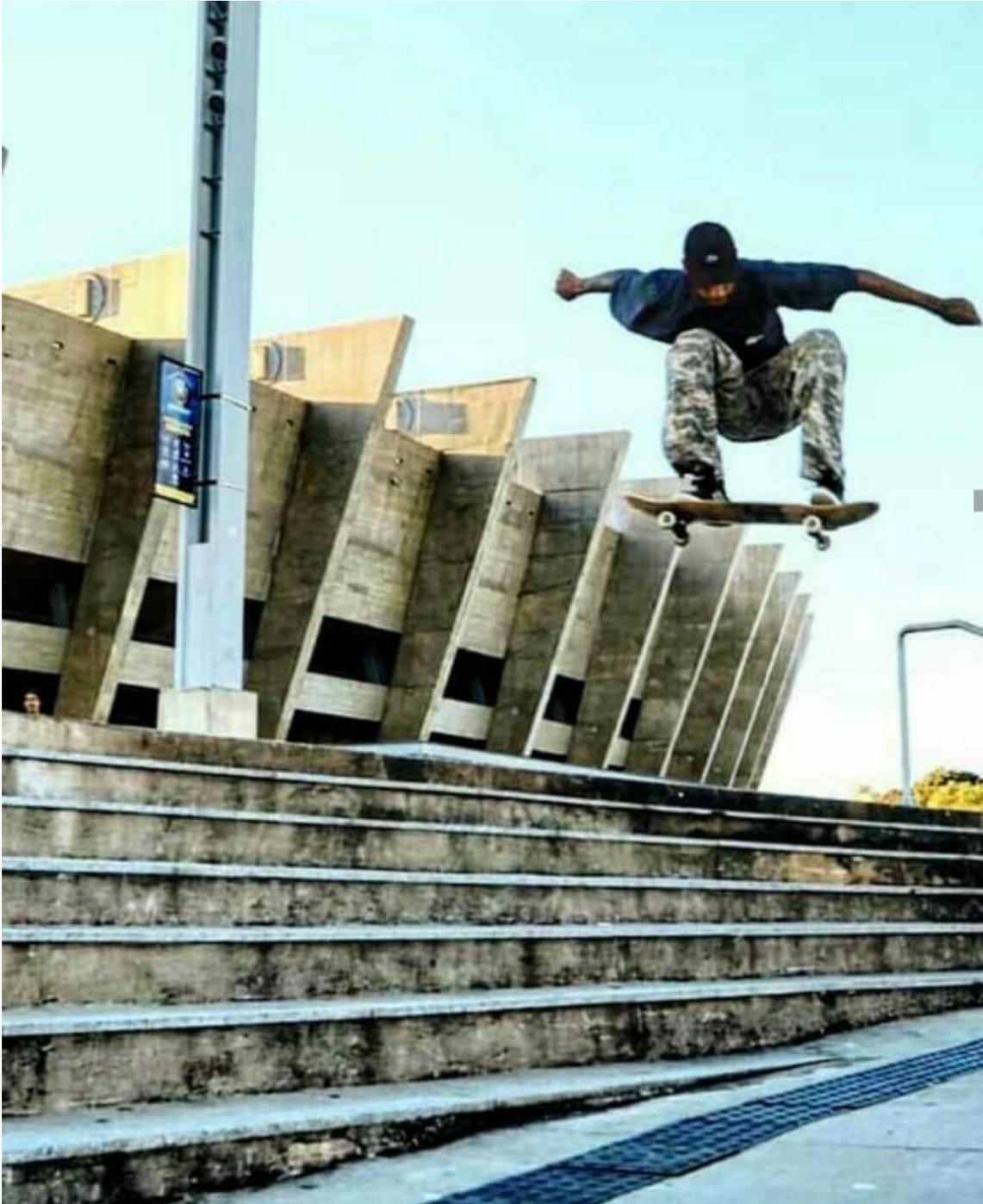
(D)



(E)



(F)



(G)



(H)



(I)



(J)



(K)



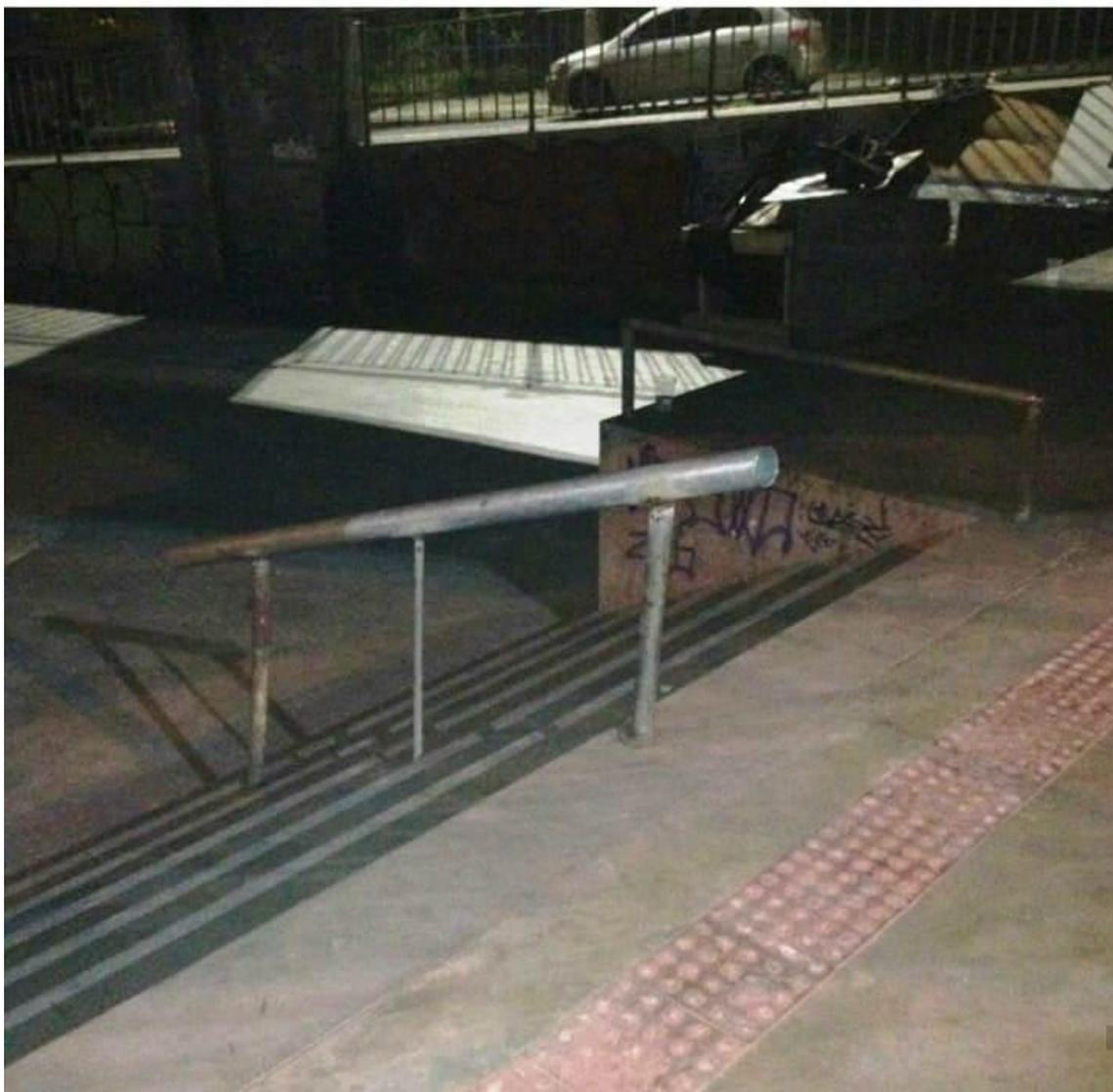
(L)



(M)



(N)



(O)



(P)



(Q)



(R)



(S)



(T)



(U)



(V)



(W)



(X)



(Y)



(Z)



4.2 “Neves é a gente!” por Rafaela Goltara

Apresento agora as imagens registradas durante minha caminhada fotográfica por Ribeirão das Neves, que deu origem a esta pesquisa. As primeiras fotografias (I) e (II) foram tiradas da laje da minha casa, onde vislumbro ruas e casas do bairro Felixlândia em que moro. As seguintes (III, IV e V) registram o começo da caminhada e o primeiro encontro com uma moradora que me perguntou se eu era “da reportagem”. Ela estava saindo do Posto de Saúde indignada por não ter conseguido remédios para o filho que estava doente em casa. Pediu para que eu mostrasse a receita no meu trabalho, como era o descaso com a população e me apontou a rua que eu deveria seguir fotografando, pra mostrar como as ruas também estavam abandonadas. Na imagem (VI) temos o Nathan, no encontro que mudaria os rumos de todo meu trabalho e também da minha vida. Nessa conversa, ele reclamou do lixo e, por isso, eu resolvi caminhar até o lixão do bairro Viena para mostrar como estava a situação. Durante o percurso, passei pelo Centro Socioeducativo de reclusão para menores infratores (VII), que fica no fim da rua da Escola Estadual Alessandra Salum Cadar (VIII). As próximas imagens (IX, X, XI e XII) são da rua lateral que leva até a rua do lixão, onde encontrei crianças saindo da aula, pessoas esperando o ônibus para a estação do MOVE e uma borboleta que me acompanhou durante a subida. Em seguida (XIII, XIV e XV), é possível ver o lixão que ainda está em funcionamento apesar das autoridades públicas confirmarem que o terreno ultrapassou o limite de armazenamento em 2014. E também um morador vizinho do lixão, que também perguntou se eu era da reportagem que eles insistentemente chamam para pedir uma ação do governo mineiro. A preocupação é com uma possível tragédia em caso de chuva forte, já que o espaço não é um aterro sanitário e o depósito de lixo não segue as regras ambientais de tratamento. Semanalmente, os responsáveis ateam fogo para queimar o lixo e sobe uma grande fumaça preta que invade a casa das pessoas mais próximas, como a do senhor da foto, impedindo que eles fiquem lá dentro ou que possam fazer suas refeições normalmente devido ao mau cheiro. Aproveitei que estava num dos pontos mais altos do bairro para fotografar a vista de Justinópolis. Nas imagens XVI a XXI é possível visualizar o bairro Felixlândia, o bairro Viena e a divisão de bairros em Justinópolis, que ainda tem muitos lotes vagos e loteamentos irregulares. Dali, peguei um ônibus e fui em direção ao centro da cidade. Desci na estrada, um pouco antes da chegada ao centro, para fotografar as penitenciárias e o posto da polícia militar que ficam lado a lado (XXII a XXIX). Observe que na foto XXVIII aparece um homem no cantinho. Ali vemos as estruturas de barracas que são montadas toda quarta-feira, no dia de visitas dos familiares, para venda de alimentos e outros

itens. Ele estava parado no cantinho onde fica o ponto de ônibus, quase sem ser notado, na direção do Centro. Gastei cerca de 30 minutos fotografando essa parte até que fui para o mesmo ponto de ônibus com intenção de continuar o trajeto. Ele ainda estava lá e me perguntou se eu poderia emprestar meu celular para ele ligar pra esposa, porque estava esperando por ela há muito tempo e estava sem dinheiro. Ele me abordou com um sorriso tão largo que nem pensei e entreguei meu celular. Me ofereci pra pagar a passagem de ônibus, mas ele disse que não sabia pra onde ir e nem onde estava porque tinha acabado de ser liberado da Dutra Ladeira, onde esteve preso por cinco anos por envolvimento com o tráfico de drogas. A notícia da saída o pegou de surpresa, porque ele estava esperando uma transferência e acabou recebendo o benefício da liberdade condicional. Ele estava sentado em frente à penitenciária esperando desde 9h30 da manhã e a nossa conversa foi por volta das 15h. Como ele morava em outra cidade, não sabia como chegar lá e nem que ônibus pegar depois de tanto tempo. A esposa estava vindo ao seu encontro junto com suas quatro filhas, e ele estava ansioso para revê-las e matar as saudades. Dizia que não queria nem se lembrar mais do tempo que passou dentro do presídio, e muito menos da comida horrível que era obrigado a comer para não morrer de fome. Mas sim da expectativa e da alegria de comer na companhia de sua família, e na sua casa, em breve. O sorriso era tão largo que eu não podia deixar de me alegrar por ele. Com apenas 24 anos, ele não conseguia parar de sorrir e de repetir o quanto estava feliz em sair. Como me disse, o arrependimento era esmagador, pois se considerava muito jovem e influenciável quando se deixou levar pela vida do crime. Mas ele tinha em si a certeza de que essa não era mais uma opção, depois de tanto tempo de aprendizado. Tudo que mais queria era se deixar abraçar e acolher por suas meninas, e cheio de sonhos, construir sua casa e fortalecer sua família. A foto (XXX) foi um pedido dele pra se lembrar da alegria que estava sentindo, e um pedido pra que eu contasse sua história no meu trabalho. Quase fiquei sentada ali esperando junto com ele a esposa e as filhas, mas acabei decidindo continuar minha caminhada até o centro. As próximas imagens (XXXI a XXXIII) são da continuação dessa estrada que se transforma na principal rua do centro, onde vemos o Hospital São Judas Tadeu, a escola internato para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade, Cidade dos Meninos, e a entrada da prefeitura, onde me informaram que o Arquivo Público havia sido transferido para Justinópolis e que eu deveria voltar o meu trajeto. Nesse caminho, encontrei o Jacó e o motorista do ônibus, que só queriam uma foto. Fizem pose e sorriram, e eu registrei (XXXIV e XXXV). Por fim, as imagens dos skatistas na Pracinha, do momento em que esta etnografia começou.

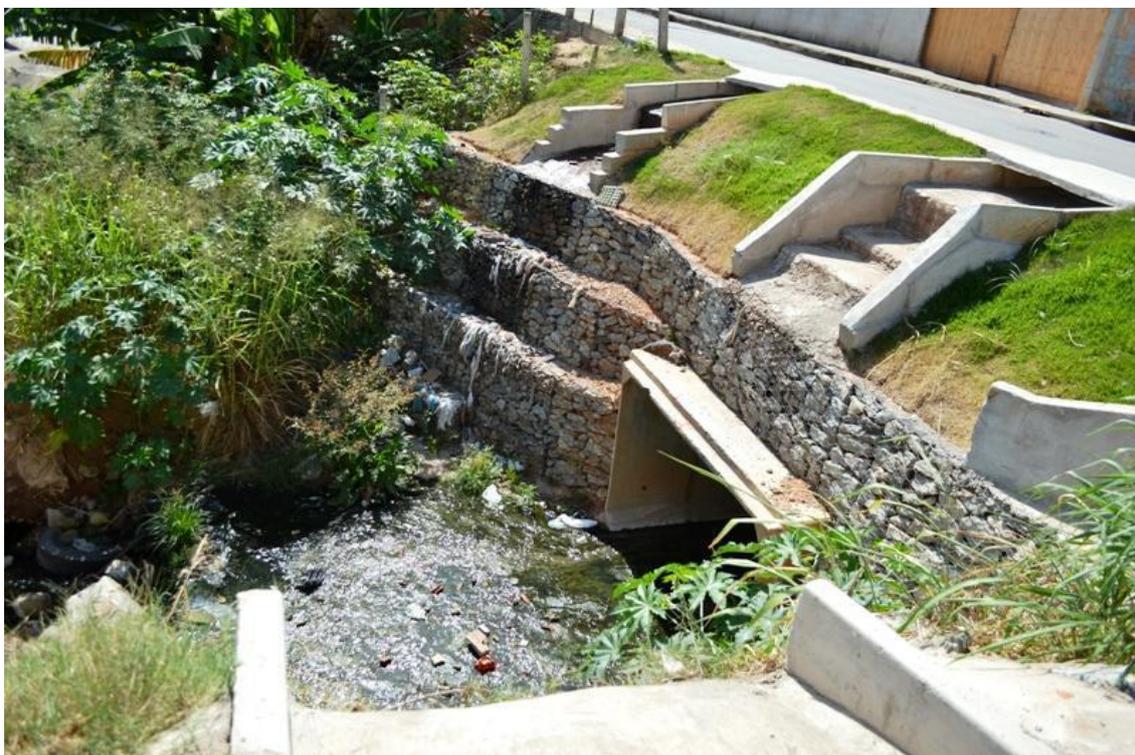
(I), (II).



(III)



(IV)



(v)



(VI)



(VII)



(VIII)



(IX)



(X)



(XI)



(XII)



(XIII)



(XIV)



(XV)



(XVI)



(XVII)



(XVIII)



(XIX)



(XX)



(XXI)



(XXII)



(XXIII)



(XXIV)



(XXV)



(XXVI)



(XXVII)



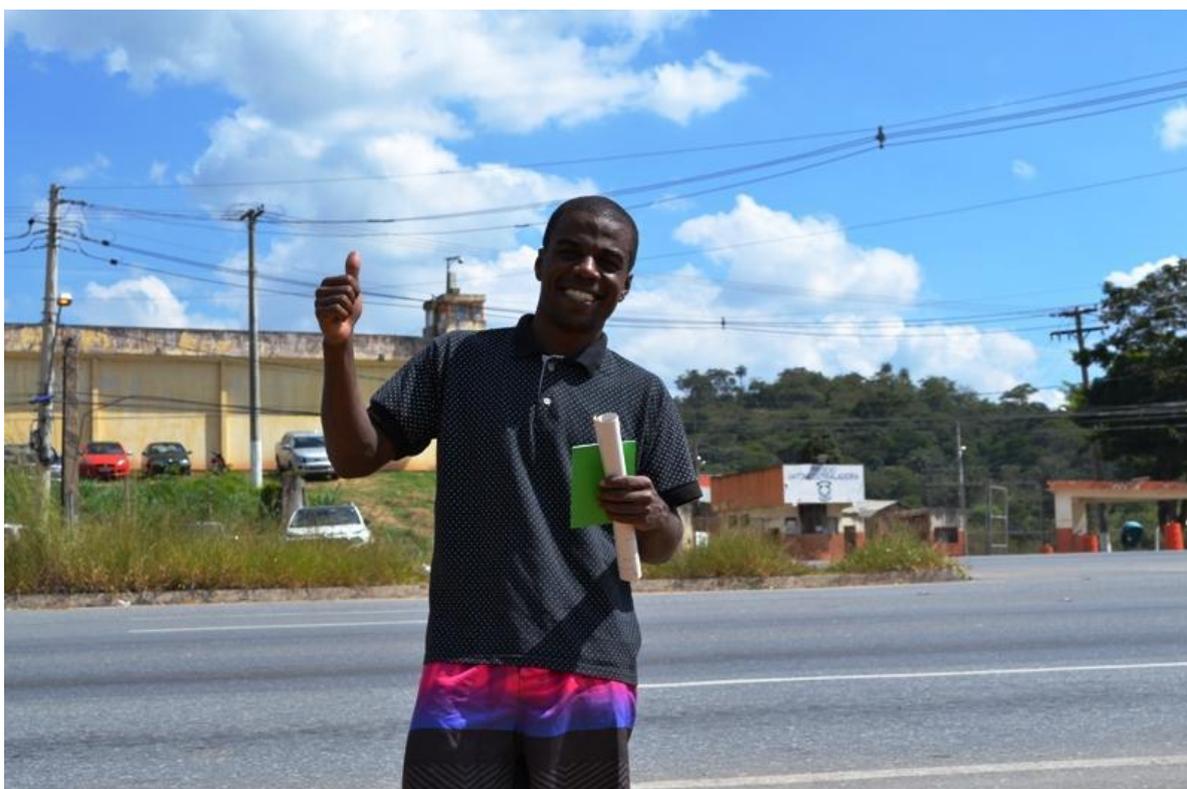
(XXVIII)



(XXIX)



(XXX)



(XXXI)



(XXXII)



(XXXIII)



(XXXIV)



(XXXV)



(XXXVI)



(XXXVII)



(XXXVIII)



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando me inscrevi para o mestrado na FEFB, em setembro de 2017, não fazia ideia de como minha vida mudaria a partir de então. Formada como jornalista já há cinco anos e com uma vida inteira dedicada a projetos sociais voltados para a adolescência e juventude, eu pensava que nunca mais voltaria a colocar os pés na universidade e não sabia que ainda poderia me surpreender. Acho que me inscrevi mais pelo encorajamento que recebi de alguém que era muito especial ao meu coração, e que via um potencial que eu ainda não dava conta de perceber em mim mesma.

Entreguei meu projeto sem saber se ele era uma boa ideia de pesquisa, se despertaria o interesse dos professores, e achando que eu não ia ser selecionada porque não via como aquele lugar poderia ser pra mim. Qual foi a minha surpresa quando descobri que não só tinha sido selecionada, como tinha ficado em primeiro lugar. A notícia veio em um dos momentos mais difíceis da minha vida, em que eu passava por uma depressão profunda, com crises de ansiedade e de choro compulsivo, baixa autoestima, isolamento social e desesperança em continuar. Pensei em desistir diversas vezes, mas as forças do universo inteiro cooperaram e me fizeram desembarcar no Rio de Janeiro.

Quando decidi me dedicar ao processo da pesquisa, tinha no meu coração um único desejo ao qual eu me agarrei para continuar vivendo: que o meu trabalho não fosse em vão e fizesse a diferença para, pelo menos, uma pessoa da minha cidade, Ribeirão das Neves. E qual foi a jogada certa do destino de cruzar o meu caminho com a professora Doutora Janaína Gomes Damaceno e com os caras mais legais que eu poderia sonhar em encontrar: os skatistas da *Just Crew Skateboard*. Acho importante dizer isso porque esses encontros salvaram a minha vida e me fizeram perceber que eu também estava reproduzindo os ecos da narrativa das trevas na minha fala, na minha escrita, no meu posicionamento no mundo, no meu corpo, no meu ser. Esse encontro produziu transformações mútuas, e ele precisava acontecer.

Refazer o meu caminho pra casa e fotografar o meu lugar me apresentou uma história que eu não conhecia sobre Ribeirão das Neves, pessoas que eu sequer imaginava que existiam tão perto de mim e com as quais eu poderia dividir algumas dores, compartilhar alguns sonhos e aprender mais sobre a força revolucionária do amor. A experiência da *Just Crew* me fez perceber que eu também estava imersa em uma história única racista, que quando eu me olhava no espelho ou minha mãe chorava dizendo que eu era tão bonita quando alisava o cabelo e, então, me sentia feia, eu estava reproduzindo o racismo. Me fez olhar pra minha avó negra e enxergar uma beleza que talvez eu nunca tivesse visto, e me fez perceber que o

casamento dela com o meu avô Hilário (branco, de olhos azuis, descendente de italiano) não foi só por amor e, também, por causa de uma política de embranquecimento da população brasileira e extermínio dos negros. A cada conversa com a minha orientadora e com os skatistas, eu percebia mais e mais que, ainda que pudéssemos compartilhar dos estereótipos das trevas e das desvantagens da nossa condição periférica, o fato da cor da minha pele ser mais clara do que a deles me colocava em uma posição de privilégio e me livrava de mais um tanto de outras dores que eu jamais poderia sonhar ou comparar com as que vinha sentindo até aquele momento.

A *Just Crew Skateboard*, quando generosamente concordou em contar sua história para esta pesquisa, me legitimou como pesquisadora quando nem eu mesma ousava me nominar assim. Eles me fizeram passar pela mesma experiência do grupo de encontrar o Reconhecimento no Amor, no Direito e na Solidariedade. Eles me fizeram dar um *ollie* sobre meus próprios medos e inseguranças, me empoderando e me dizendo pra usar esse espaço da forma mais revolucionária que fosse possível. Eles me fizeram saltar sobre muitos obstáculos e encontrar meu ponto de equilíbrio para continuar aprendendo e compartilhando seus ensinamentos com quem eu pudesse compartilhar.

Quando a Janaína sorriu ao ver as fotos e me ouvir contar a história sentada num banquinho do corredor da FEBF em Duque de Caxias, ela não só me disse que eu tinha feito um encontro antropológico com o campo de pesquisa. Ela, como representante de uma Universidade Estadual reconhecida, legitimou não apenas o meu trabalho como pesquisadora, como legitimou os skatistas como atletas e artistas, como produtores de um conhecimento inovador que seria lido por outros “pares” como tendo valor acadêmico e científico. Ela fez com que eles saíssem do lugar de objetos de pesquisa e os legitimou como sujeitos que são.

Contar a história da *Just Crew* nessa dissertação já fez a diferença nas nossas vidas e na nossa cidade. Mesmo antes que esse texto seja publicado, esses encontros e trocas contribuíram para que os skatistas nevenses percebessem que, apesar da legitimação oficial da universidade (um espaço que, até então, só produzia exclusão e exploração dos saberes) eles não precisam de validação de nenhuma instituição oficial para existirem. As vozes que produzem essas narrativas oficiais negativas e de ódio não são vozes das quais queremos ou esperamos qualquer tipo de legitimação, porque quem mais queremos que ouçam outras histórias, que contêm outras histórias, são o próprio povo nevensense e a população negra, são as pessoas que estão em locais de disputa parecida com o nosso. São essas vozes, essas imagens, essas trajetórias, essas histórias que importam agora, porque é extremamente relevante que

possamos nos ver, nos ouvir, nos conhecer, nos divulgar. Porque é muito importante que não tenhamos uma história única com a qual nos identificar.

Nesses dois anos em que a CAPES financiou a minha pesquisa, e me ajudou a custear as despesas básicas de sobrevivência, a *Just Crew* somou forças com outros coletivos nevenses e ocupou uma escola municipal abandonada pelo poder público em Ribeirão das Neves. O espaço chamado Curumim, com salas de aulas, quadra esportiva, banheiros e pátio, hoje é a casa de vários grupos que oferecem oficinas gratuitas para crianças, jovens, adultos e idosos moradores da região de Justinópolis. Ali funciona o Centro de Treinamento Avançado para os skatistas que já tem mais experiência na *Just Crew*, e também as oficinas de skate para iniciantes; atividades de empreendedorismo social; festivais, entre outros. O espaço recebe manutenção, limpeza e é gerido pelos próprios jovens e moradores do entorno, que cuidam para que a escola abandonada ainda cumpra sua função educativa. Eles são educadores uns dos outros. Eles estão dando *ollies* e mais *ollies* nas barreiras em busca de justiça social e transformando a realidade.

A *Just Crew Skateboard* não está só andando de skate, mas está produzindo algo. Eles produzem conhecimentos emancipatórios, reeducam, ensinam aos nevenses e aos jovens uma nova forma de ser Ribeirão das Neves. Eles fizeram de uma escola abandonada sua mais nova casa porque realmente se preocupam com a educação e com os processos de emancipação que surgem dessa relação com a sociedade, com o território e com o conhecimento que se é produzido. Eles querem formar “cidadãos para o mundo”, eles produzem transformação social diariamente. Eles são um movimento negro skatista educador.

Além disso, a *Just Crew* também enviou representantes do grupo (Davidson, Jonathan e Vilson) para participarem comigo do XI Seminário Vozes das Periferias realizado em novembro de 2019 na FEBF – Duque de Caxias. Eles não só dividiram sua história com outros pesquisadores do programa de Pós-Graduação, como também realizaram um sonho: andar de skate na Praça XV, polo de encontro dos skatistas no centro do Rio de Janeiro. Sem contar na alegria do Vilson, que entrou pela primeira vez no mar. Nas imagens abaixo é possível ver da esquerda para a direita Vilson, Davidson e Jonathan durante a passagem pela UERJ e pelo RJ.

Figura 40 - Just Crew na UERJI



Fonte: *Just Crew*

Figura 41 - Just Crew no Aterro do Flamengo



Fonte: *Just Crew*

Figura 42 - Just Crew na Praça XV



Fonte: *Just Crew*

Figura 43 - Just Crew de skate na Praça XV



Fonte: *Just Crew*

Figura 44 - - Just Crew na UERJ II



Fonte: *Just Crew*

Figura 45 - Just Crew na UERJ III



Fonte: *Just Crew*

Memórias de outras histórias que não serão esquecidas e que, com certeza, apresentam repertórios de muito mais amor, amizade, liberdade e vida para se identificar. Aliás, escutei do Jonathan outra pergunta que me fez acreditar que o propósito da minha vinda para a UERJ não foi mesmo em vão. “Rafa, como é mesmo o nome desse trem que você faz aqui?”. “Mestrado.”. “Vou fazer também”.

Ele pode mudar de ideia quanto a isso, mas só de ouvi-lo colocando a pós-graduação como uma das muitas possibilidades de escolha profissional que tem, já é outro *ollie* nas narrativas dominantes. Concorda? A narrativa da “história única” sobre a cidade de Ribeirão das Neves não é única e vem sendo contestada pelos jovens da *Just Crew Skateboard* todos os dias. Mesmo estando em uma cidade atada a um discurso desencorajador de enclausuramento e medo, eles ousam questionar o estereótipo nevensense dando *ollies* com seus skates, nas alturas e em liberdade.

REFERÊNCIAS

- ABEP, Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. **Critério de classificação econômica Brasil 2016**. Disponível em <http://www.abep.org/codigos-e-guias-da-abep>, Acesso em: 14 nov. 2018.
- ADERALDO, Guilherme André. **Reinventando a cidade**: disputas simbólicas em torno da produção e exibição audiovisual de coletivos culturais em São Paulo. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, 2013.
- ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma única história**. Tradução de Eri a Barbosa. Original disponível em: http://www.ted.com/tal/s/lang/pt-br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html. s/d. Tradução disponível em: <http://www.google.pt/url>, 2009, acesso em 20 de abril de 2018.
- AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BENVINDO, Antônio Carlos Silva. **Coletivo semifusa**: práticas sociais e a relação com a cidade. Belo Horizonte. Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.
- BOTELHO, Rosana U. **Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas**. Brasília: Ipea, 2016.
- BRANDÃO, Leonardo. **Identidades deslizantes, corpos desviantes**: a problemática da esportivização do skate no Brasil. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade, 2012.
- BRASIL. Lei 12.852 de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm, acesso em 13 de março de 2019.
- BRASIL, Constituição; BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, v. 134, n. 248, 1996.
- BRASIL, Lei nº 8.742. Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS). Brasília: DF, 7 de dezembro de 1993.
- CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades**: ensaios e etnografias. FGV Editora, 2007.
- CAMPOS, Paola Rogedo. **O município de Ribeirão das Neves**: um 'bairro popular' em um centro metropolitano. 2009. 187f. il. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, 2009.

CBSK, Confederação Brasileira de Skate. Pesquisa Datafolha 2015. Disponível em: http://www.umti.com.br:8040/uploads/ckeditor/attachments/4449/Pesquisa_Datafolha_2015.pdf, Acesso em: 14 nov. 2011.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, v. 5, n. 1, p. 6-17, 2017.

COSTA, Joaquim Ribeiro. **Toponímia de Minas Gerais**. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1997.

DA SILVA, Osmar Henrique Ribeiro; STEPHAN, Ítalo Itamar Caixeiro. Segregação socioespacial na região metropolitana de Belo Horizonte: o estigma de Ribeirão das Neves/MG. **Revista Políticas Públicas & Cidades-2359-1552**, v. 3, 2015. Disponível em: <https://rppc.emnuvens.com.br/RPPC/article/view/13>, Acesso em: 12 nov 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, São Paulo, 2016.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. Boitempo Editorial, São Paulo, 2018.

DE CASTRO CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros. Conhecer desconhecendo: a etnografia do espiritismo e do carnaval carioca. In: VELHO, Gilberto; KUSCH, Karina (orgs.). **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, p. 118, 2003.

DE LÉLIS, Ágnez; MENEZES, Marcela Costa; DA SILVA, Vanessa Camila. Cultura e Identidade na Cidade: o hip-hop na voz e no ritmo da juventude nevensense. Publicação do Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural, Prefeitura de Ribeirão das Neves, 2016.

DEMO, Pedro. **Educação e qualidade**. Campinas-SP, Papyrus Editora, 1995.

DINIZ, Mônica. **Sesmarias e posse de terras: política fundiária para assegurar a colonização brasileira**. Histórica: Revista online do arquivo público do Estado de São Paulo. São Paulo, v. 2, 2005.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade. Tradução: Mathias Lambert, v. 4, 1988. In: XAVIER, Elton Dias (org). **Ciências Sociais: diálogos interdisciplinares**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017.

GOMES, Janaína Damaceno. **Os segredos de Virgínia: estudo de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955)**. 2013. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2013.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 75-85, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes Limitada, 2019.

HALL, Stuart. “Quem precisa de identidade?” In: Tomaz Tadeu da Silva (Org.) **Identidade e Diferença**. Petropolis: Vozes, 2000:103-133.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HIKIJ, Rose Satiko G. Imagens que afetam: filmes da quebrada e o filme da antropóloga. In: GONÇALVES, Marco Antônio; HEAD, Scott. **Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens**. Rio de Janeiro: 7 Letras, v. 7, p. 115-135, 2003.

HOBBSAWM, Eric J.; DE DECCA, Edgar Salvadori; HALL, Michael. **Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed34, 2003.

HOOKS, bell. Olhares negros: raça e representação. **Tradução de Stephanie Borges**. São Paulo: Elefante, 2019.

IBGE. **Censo 2010 – Ribeirão das Neves**. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br>, Acesso em: 30 maio 2018.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LOPES, Alice Casimiro. Teorias pós-críticas, política e currículo. **Educação, sociedade & culturas**, v. 39, n. 39, p. 7-23, 2013.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **De carrinho pela cidade: a prática do street skate em São Paulo**. 2011. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, Junho de 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200002&lng=en&nrm=iso, acesso em 20 de junho de 2018.

MATIASCIC, Milko et SILVA, Tatiana D. Jovens negros: panorama da situação social no Brasil segundo indicadores selecionados entre 1992-2012. In: SILVA, Enid RC; BOTELHO, Rosana U. **Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas**. Brasília: Ipea, 2016.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói: EDUFF, 2004.

NOVAES, Sylvia Caiuby. **Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico**. **Mana**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 455-475, Out. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132008000200007&lng=en&nrm=iso, acesso em 12 de novembro de 2019.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **O olhar do estrangeiro.** O olhar. São Paulo: Companhia das Letras, p. 361-365, 1988.

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz; FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. **Identidade docente e formação de educadores de jovens e adultos.** Belo Horizonte: Educação & Realidade, 2001.

SILVA, Marcos Antônio. **Análise da segregação socioespacial no município de Ribeirão das Neves e os impactos na identidade de seus moradores.** Publicação do Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural, Prefeitura de Ribeirão das Neves, 2016.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia.** Florianópolis-SC: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2003.

VILLELA, Torquato Neto. **Subsídios Históricos.** Disponível em: <http://www.subsidioshistoricos.com.br/page/2/>, acesso em 19 de novembro de 2018.

ZALUAR, Alba. O contexto social e institucional da violência. Núcleo de Pesquisa das Violências–**NUPEVI** do Instituto de Medicina Social da UERJ, Rio de Janeiro, 2003.